

Przegląd Polski

REVISTA POLONÊSA

N.º 3

MAJ - CZERWIEC

1960

W T Y M

NUMERZE

między innymi :

Binokle Machado
de Assis

★

Z Wańkowiczem pod
Monte Cassino

★

Zapomniany list

★

Nasze rocznice:
Ignacy Paderewski

★

Pamiętnik Dawidka

★

Ojciec wychodźstwa
polskiego w Brazylii

★

Kopalnie króla
Salomona

★

Polowanie na pakę

★

Stronica parańska

★

Wiadomości z kraju



Przegląd Polski

REVISTA POLONÊSA

D W U M I E S I Ę C Z N I K

N.º 3 — MAJ — CZERWIEC — 1960

REDAKTOR ODPOWIEDZIALNY : João Castaldi del Ruccillo

Sekretarz Redakcji: Seweryn A. Hartman

Redaktorzy: Julio Ewigkeit i Stanisław Biliński

Wydaje: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda.

Redakcja i administracja: rua Barão de Itapetininga, 255

Conj. 811 — Fone: 35-5668 — SÃO PAULO, Brasil

Warunki prenumeraty: 300 Cr\$ rocznie (za 6 numerów)

Za granicą US \$ 2,00

Rękopisów i zdjęć niezamówionych redakcja nie zwraca.

Korzystajcie z usług

Companhia para Expansão da Construção "COEXCO"

COEXCO INKORPORUJE nowoczesne i komfortowe domy mieszkalne

W domach COEXCO rozmieszczenie mieszkań, ich wykończenie i estetyka pozostają na najwyższym poziomie.

Pięć zasad COEXCO :

niezawodny termin

stała, niezmienna cena

własne tereny

staranne wykończenie

sprzedaż na raty

COMPANHIA PARA EXPANSÃO DA CONSTRUÇÃO "COEXCO"

São Paulo, r. São Bento, 279 — 12 piętro. Tel: 33-4737

A LUZ MODERNA W. Stempień & Cia. Ltda.

Instalações elétricas em geral

Iluminação fluorescente, etc.

Modernos cartazes a gaz neon

Iluminação a Cold Cathod

Rua General Jardim 148

Fone: 35-1969 — SÃO PAULO

Pastas Plásticas MAG Ltda.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Escritório: Rua Florêncio de Abreu, 159 - 10.º andar

Conjunto 1008 — SÃO PAULO

TEL. 32-7201

Fábrica: R. Sparta, 1397 - SANTO AMARO - Vila Catarina

Aceitamos Representantes no Interior

O Pincené de Machado de Assis

Ladislau Romanowski



Numa dessas tardes quentes do mês de fevereiro de 1947, resolvi visitar, pela primeira vez, a Academia Brasileira de Letras. Nas ruas do Rio de Janeiro o movimento era intenso. A aglomeração de gente por toda parte dava a impressão de formigas enraivecidas, tontas, procurando a vítima que as excitara. No ar havia uma mistura de pregões, de buzinas, de apitos e de vozes, como se essa inexplicável cidade do Rio estivesse atacada por uma febricitante dispnéa. A falta d'água, para o indispensável banho em dias de tão intenso calor, fazia com que o nariz da gente aspirasse aqui um perfume de mulher bonita, rica e privilegiada, e, ali, cheirasse o sovaco forte de uma preta suarenta e mal vestida. O mesmo acontecia com a vista: Se ali se deparava com um cavaleiro bem penteado, unhas polidas, calças frisadas, trazendo no rosto restos de pó de arroz de uma massagem, aqui, caído sobre a calçada, um desgraçado exibia feridas em troca dos níqueis que atravavam no chapéu ou na palma da mão suja e calosa.

Eu não dei muita importância a tudo isso; não me detive em análises filosóficas ou críticas. Na minha cabeça havia outros pensamentos, pensamentos elevados, meus apenas. Eu me dirigia ao "Petit Trianon", onde os homens são imortais como deuses. Que importavam as minudências? Que me interessava esse mundo comum, prosaico, sem espírito, se eu tinha um destino mais elevado? Eu ia à Academia Brasileira de Letras para agradecer ao professor Antonio Austregésilo, Múcio Leão e J. C. de Macedo Soares o relato com o qual me outorgaram o prêmio de romance — "Raul Pompéia". Não podia portanto desperdiçar idéias na confusão do que me rodeava. Tornei-me até indiferente às mulheres que me lançavam olhares languens de fêmeas excitadas pelo afrodisíaco sol carioca, e andei. Andei suando às bicas, colarinho amolecido, cabelos húmidos e em desalinho, até chegar à rua Presidente Wilson. Mas, ao deparar com a casa dos imortais, parei como hipnotizado. Senti-me vacilante; o coração aumentou as pancadas e quase voltei. Avolumou-se-me no espírito o complexo de respeito por aquela casa. Entretanto, rejeitando as minhas energias, pareceu-me natural que um escritor marginal, habituado viver longe do Rio, como eu, experimentasse aquele efeito ao saber que ia enfrentar os que vivem no pedestal da glória. Com isso compreendi também que ainda sou um sentimental incorrigível, um homem que simula boa educação... Era preciso, portanto, vencer o embaraço e cumprir com o dever. Respirei fundo, intertiguei o corpo, como um galo de briga quando desafia o adversário, e atravessei o portão. Ao entrar no pequeno jardim que antecede a casa, notei que as poucas flores estavam austeras, orgulhosas, como uma paisagem estática, sem vida, procurando desafiar a luminosidade do sol nas alturas. No ar reinava absoluta calma, como se ali nenhuma onda hertziana se atrevesse penetrar. Isto tudo deu-me, naquele momento, a impressão de um deslocamento de ar. Senti-me como se estivesse perdido no vácuo. Contudo reagi e dei mais dois ou três passos. Olhei porta adentro do templo da imortalidade, como quem olha um mundo que só conhece de outiva. Vislumbrei no interior, envoltos na penumbra, bustos e tive a impressão de ver ariéis de pedra, de gesso e de bronze, cuidando, persistentes, daquele casarão. O silêncio que naquele instante reinava ali, pesou sobre o meu intuito como complexo de um crente que ama a bondade infinita de Deus, apavorado que este o castigue com uma catástrofe...

Nasza okładka:

FRAGMENT CMENTARZA W MONTE CASSINO

Mas eu já me achava às portas do palácio que diploma os talentos. Que fazer nessa altura? Retroceder? Não, seria cobardia. Avancei mais um pouco para me orientar melhor e deparei com a silhueta parda do Fidelis. Parei. O porteiro da imortalidade, ao dar comigo, olhou-me estranho, interrogativo, quase assustado. Notei que ele viu em mim um intruso, ousado e impertinente da literatura, onde vivia, como chaveiro, há trinta e cinco anos. Embora ele não me dissesse, creio que ocorreram-lhe pensamentos como este: "Quem será esse cidadão atrevido que assim sozinho se aproxima do templo da imortalidade?"

E se ele assim pensou, não foi sem razão. Ele será uma espécie de membro permanente da Academia Brasileira de Letras. E ninguém pode contestar de que os indivíduos não sejam produto do meio. Fidelis era uma prova disso. Os imortais o respeitavam, pediam-lhe conselhos, explicações, contavam-lhe até certas particularidades dos seus colegas, como homens comuns, habituados a bisbilhotar...

Por isso Fidelis, ao dar comigo assim humilde, acanhado e só, olhou-me como quem olha uma aparição fictícia. Era natural. Para ser imortal era preciso passar por Fidelis. Em torno dele criaram-se anedotas e a gente tinha a impressão de que ele não existia. Mas ele estava ali, olhando-me interrogativo e perscrutador. Achei melhor, portanto, dizer-lhe, sem rodeios, quem eu era.

Fidelis, ao saber que se tratava de um laureado recente, cujo nome não lhe era desconhecido, esboçou um sorriso largo, simpático, mas um pouco embaraçoso como o de uma criança quando apanhada em flagrante roubo de gulseimas. Tratou de compôr a sua atitude e declarou, cheio de mesuras, que me considerava de casa. Com essa declaração fiquei mais à vontade. E muito mais à vontade me senti quando Fidelis me informou de que os imortais se achavam em férias. É verdade que no íntimo achei esquisito, prosaico, até me pareceu de que os imortais precisassem de férias como funcionários públicos ou simples empregados do comércio... Mas logo refreei o espanto e contei ao porteiro da Academia Brasileira de Letras o que me levava até ali. O bom homem, com tal notícia, mostrou-se pesaroso. Mas inteligente e prestativo, prometeu compensar o prejuízo. Mostrar-me-ia a parte interna da Academia. Era preciso que eu me tornasse familiar com as preciosidades e relíquias que ali se achavam com testemunhas da inteligência humana. Não era justo que um escritor laureado não conhecesse todos os cantos daquela casa onde na profusão de intelecto às vezes penetra a sombra dos políticos...

Conformei-me com tudo e segui a figura parda do Fidelis pelos corredores, salas de arte, e salões confortáveis, vendo quadros, bustos, livros em brochura e encadernados, e poltronas, e mais poltronas, onde se sentaram, e ainda se sentam, glórias da literatura brasileira. Enfim, lembranças de homens que já foram vivos como eu, que como eu diziam nomes feios, que amaram, que sofreram, e que deixaram um cabedal de livros para a riqueza do patrimônio nacional.

Eu parava aqui, ali, acolá, exultando ou pensando com calma

naquele mundo maravilhoso, naquele mundo novo para mim, revelado por Fidelis.

Vi três retratos pintados por Portinari com o colorido e linhas clássicos. Fidelis, ao ver o meu interesse, garantiu-me que eram fiéis, até pareciam fotografias... Diante dessa afirmativa, sorri. Fidelis não compreendeu a ironia do meu sorriso e continuou acumulando-me de informações preciosíssimas, de explicações de mestre, seguro do que dizia, persistente no que afirmava, como Salomé quando pediu ao padrasto a cabeça de São João. Por último, quase à saída, levou-me para mostrar a escrevaninha e a cadeira onde Machado de Assis se sentava e escrevia suas páginas imortais. Aproximei-me do móvel venerando e o contemplei como se olhasse um milagre. Mantive-me em silêncio por um instante, medroso de profanar aquela relíquia que ali estava como uma evocação sagrada do passado. Mas a minha sensação de respeito místico de repente transformou-se num impulso ganancioso de obcecado. Comecei a passar a mão no espaldar da cadeira, a esfregar os dedos por sobre as bordas da escrevaninha, como um avaro quando encontra seu tesouro perdido. Eu tremia e, creio, que até mudei de côr.

O imortal porteiro, que me observava curioso, aproximou-se e tocou-me no ombro, dizendo:

— Vejo que o senhor tem grande veneração pelo primeiro Presidente desta casa.

— Ora se tenho. Tudo que pertenceu ao grande romancista tem uma significação devota para mim.

— Nesse caso que tem uma coisa mais íntima do mestre. É o pincenê que Machado de Assis usava para escrever as suas obras — informou-me Fidelis, lépido e satisfeito.

A essa informação voltei como atraído para aquelas lunetas, de aro enegrido pelo tempo, que dormiam debaixo de um vidro côncavo, sobre uma mesa, coberta com um veludo verde. Contemplei-as assim por algum momento, estático, apalermado, vendo, naqueles vidros, a magia de um caleidoscópio misterioso. Pouco a pouco, porém senti que se apoderava de mim uma sensação esquisita, inexplicável. Quis me afastar dali, mas uma força de cleptomaniaco impulsionou-me para aquele objeto adormecido há quase meio século. De repente, num gesto instintivo, levantei o vidro protetor e apanhei o pincenê do venerando mestre do romance nacional. Fidelis, alarmado, quis impedir, pois é proibido tocar naquela relíquia, mas eu já estava com as lunetas do autor de "Dom Casmurro" acavaladas sobre o meu mortal nariz. Confesso que esperava ver, através daquela jóia histórica, almas e mundos como os vira Machado, mas foi uma decepção. Meu desapontamento, com aquela ousadia, foi vexatório, esmagador. Com o pincenê de um dos maiores romancistas brasileiros montados sobre o declive do meu nariz, tive a impressão de que o mundo morreu em meu redor. Tudo ficou escuro, tão escuro que não enxerguei mais nem o colorido dos quadros, nem o bronzeado dos bustos e nem mesmo a figura parda do bom Fidelis. Contrafeito, desajeitado, tirei o pincenê e quis sorrir, mas apenas consegui fazer uma careta de decepção, pois aprendi a conhecer, com o meu gesto atrevido, a diferença que existe em ser e querer ser. Compreendi de que quem tem talento até os defeitos lhe são peculiares. Machado de Assis sofria de miopia, tinha o complexo da côr, era epilético, mas deixou-nos uma obra vigorosa, de saúde eterna que resistirá os séculos. Isto confirma de que a arte é uma cristalização da alma do homem, e é um erro conjundir a obra com os defeitos do creador. Machado de Assis, através daquelas lunetas, via mundos, criaturas que esculpira e lhes dera sópro de vida permanente, como um deus obcecado de transformar gerações em gerações. O pincenê lhe pertence até depois de morto. Foi uma profanação — pensei comigo e despedi-me do Fidelis que me acompanhou até à porta, parece adivinhando a minha imensa decepção, pelo atrevimento de ter tentado ver o mesmo que o grande Machado de Assis via através do seu pincenê modesto, de aro enegrecido, que descansa glorioso na Academia Brasileira de Letras.

W ekstazie

Czesław Lewandowski

I znowu między niebem, a ziemią zawisłem,
między życiem, a śmiercią, bytem i niebytem.
Niby bańka mydlana w złoty pył rozprysłem
i złączyłem się w jedność z wszechświata błękitem

I czuję, że istnieję w mojej własnej jaźni,
odczuwam piękno w sobie i żyję zachwytem.
I czuję to świadomie, coraz to wyraźniej,
że to właśnie ja jestem wszechświata błękitem.

Że to ja jestem wszystkim i wszystko jest we mnie,
że to we mnie jest życie, śmierć i odrodzenie,
że to we mnie są światła i mroki i ciemnie.

A wszystko się przedziwnie w jedną całość splata,
w jeden ogromny oddech, w jedno serca drżenie,
i wiecznie nieskończonym tętni życiem świata...

TROMBUDO

Wojciech Breowicz

Chyba geniusz potopu wyrwał go z otchłani
i rzucił jako stygmat potęg przyrodzenia
i kazał mu trwać w blaskach słonecznych i cieniach
i królować nad setką groźnych, górskich grani...

Jak pancierzem bóg Tupan okrył go borami,
związał lianą i ciernie utwierdził w kamieniach
ogrodził przepaściami, rykiem wód w strumieniach,
uzbroił grozą pustki i otoczył mgłami...

Stań o świcie nad rzeką 1) i spojrzysz ku góróm,
Na koronę tych blasków, bijących zza szczytów,
na tęcze, malowane złotem i purpurą,

które Trombudo 2) pije w przepaściach błękitu,
a zda ci się, że co dzień wzrasta ku lazurom,
że stoi tu na straży bytu i niebytu!

1) Rzeka Ivaí.

2) Szczyt w Serra da Esperança, w okolicy Teresa Cristina.

RODOFIEL S.A.

EXCELENTE EM TRANSPORTES

Z WAŃKOWICZEM POD MONTE CASSINO

ZYGMUNT HAAR

*Tym, którzy pamiętają
— poświęcam*



Z czarnego konwoju okrętów "Batory" wypływa nas na kredowe kamienie portu Taranto. Noc, blackout. Wiecznie pijany Anglik, dowódca transportu, życzy: - A good time!... Schodzimy na ląd po trzech dniach niezbyt wesołej podróży morskiej. Niemieckie łodzie podwodne z bazy na Krecie zatopiły jeden z transportowców. Poszedł dostojnie na dno w ciągu godziny. Wszystkich rozbitków wyratowały inne okręty konwoju. Do dziś na moim "prywatnym" pasie ratunkowych mam zachowane różnorodny autografy uratowanych.

Zimno i deszczowo. Po tamtej stronie morza pozostało słońce, szorty, good-madamy, hamsin i "kołataj" pustynny. 1) Na statku zmieniliśmy ekwipunek na "continentalbatle dress", chłód przenika przez mundury "the best quality".

W porcie czeka już łazik Oddziału Propagandy 2 Korpusu. Ładujemy bety i podrygujący śpiwór, w którym jak opętany wierci się owczarek kurdyjski, Maciuś. Wprawdzie nie wolno było przewozić zwierząt ze Wschodu do Europy, ale po wylądowaniu koło nóg żołnierzy kręciło się mnóstwo Ciapków, Esm i Burków.

Jedziemy przez Campo Basso i Mottola do Neapolu. W nocy budzi nas nalot Szwabów. Łóżka polowe jeżdżą po pustej sali jak sanki.

Maciuś warczy: "Pocośmy tu wleźli!...", a wyżeł Goebels wprost wyje z kwatery teatru żołnierskiego. Ano "sucha zaprawa bojowa".

Nazajutrz pędzimy do Monte Cassino via Caselina. Road Number Six. Klimat się zmienił, ciepło.



Od lewej: — Wańkowicz, szofer Józek, brat mój w rozmowie z księdzem włoskim.

Jesteśmy nad rzeką Liry. Wiosenne ciągotki (gdzie Gropi? gdzie Mena-House Hotel w Kairze?) A przy tym trochę niewyraźnie. Każdy patrzy w niebo, a nuż coś mu spadnie na łeb i raptem wyleci wprost pod nos Świętemu Piotrowi.

Gaz do deski. Melchior Wańkowicz już gaździ w namiocie w miasteczku Monte Cassino, u stóp klasztoru, o jakieś sto metrów od amunicji nowozelandzkiej, którą na drugi dzień Niemcy spieprzyli do cna.

Wańkowicz trochę zezuje lewym okiem, twierdzi, że to z emocji. "I w ogóle, chłopaki, Garden-party". Strzelam go z Leiki nad miską makaronu. To moje pierwsze zdjęcie z frontu.

"Wieszcz" tłumaczy jakie dzieło mamy odstawić.

"Dla potomności. Bitwa o Monte Cassino, żeby wiedzieli".

Wańkowicz uchodził początkowo w Korpusie za redaktora, potem awansował na poetę, mistrza, a wreszcie Wieszca Narodu. Dla nas był po prostu Starym lub gdy "nadojeł" Wańkowerem.

Nastrój wspaniały, mimo, że obok jedna po drugiej jadą sanitarki z rannymi do lazaretów w Mottola i Campo Basso, i że każdego z nas może za chwilę spotkać to samo.

Nasz szofer, Józek, krakus ze Zwierzyńca, który pierwszą wojnę światową przeleżał w okopach nad Piawą, poszedł konfiskować Makaroniarzom wino. Łobuz, stale był pod gazem po whisky, które wycyc kiwał nam z bajlejtłów. 2)

Potem się tłumaczył:

"Panowie, sumienie!... Po drodze się samo "wytrzepało".



GARDEN PARTY...

Z wyprawy po wino Józek wrócił po trzech dniach. Drabina mu się skończyła, kiedy nabierał wino w manierki z kadzi tysiąclitrowej. Spadł łbem na dół wprost w kadź, zaczął pływać crawllem i ryczeć ratunku. Włosi go lassem wyciągali, mundur mu po piecach suszyli. Śmierdział kilka tygodni tym winem.

Fotografuję wszystko co się da, brat mój, Polek, rysuje. Łazimy bez hełmów, bo taki fason w drugim korpusie. Idziemy prawie z natarciem. Wańkowicz robi na gorąco wywiady z wojskiem, trochę to korygując, gdyż żołnierz wracający z natarcia ma fantazję. Staś Lipiński i Feluś Maliniak kręcą film. Trudno się nam trzymać razem, skaczymy jak kozy ze skały na skałę.

Józek pichci "mandzaryję" 3) w jakiejś jaskini.

— Proszę przyjść punktualnie na żarcie — mówi — bo kto się spóźni albo nawali będzie żarł za przeproszeniem gównem.

Obozujemy na Widmie pod czołgami kanadyjskimi, które Tadzium Bobak naprawił i uruchomił, za co dostał Virtuti Militari.

Melchior między mandzaryją, a natarciem tworzy historię bitwy. Ja idę z pułkiem karpackim na Passo Corno. Widzę jak ułani biorą szturm siedem bunkrów szwabskich. Gdy kończy się amunicja rzucają kamieniami w skurwysynów. Robię zdjęcia: Hande hoch. Idą jak w dym do niewoli. Ksiądz Malinowski w batle-dressie i komży znosi rannych. (Po latach gościł u mnie w São Paulo. "Ty, chorobo niekieszczono!" — mówił, kreśląc mi krzyżem studio, błogosławiąc). Ksiądz rotmistrz.

Ale oto i sztandar polski na klasztorze. Droga do Rzymu otwarta dzięki Polakom.

Jesteśmy prawie pierwszymi Polakami w Rzymie. Korpus poszedł nad Adriatyk. My z Public Relation i Propagandy zostajemy tutaj.

Historia się powtarza. Gen. Dąbrowski przeszło sto lat temu miał kwatery na Pincio, był komendantem miasta. Jego ułani wkroczyli do Rzymu przez Porta Pinciana. Na epoletach mieli wyhaftowane: Uomini livri nostri fratelli.

Tworzy się książka o bitwie pod Monte Cassino. Brat mój, Gliwa i Wańkowicz nie wyłażą z pizam



Od lewej: — Wańkowicz, Gliwa, p. Zofia Wańkowiczowa i mój brat w hotelu Massimo nad książką.

w hotelu Massimo, projektują stronice, łamią rozdziały i kłócą się zawzięcie. Ja dnie i noce spędzam w laboratorium fotograficznym. Przyjeżdżają wysłannicy z oddziałów Drugiego Korpusu z wykresami pozycji, dokumentami do kompletowania dziejów bitwy.

Koniec wojny. Do Rzymu przybywa pani Zofia Wańkowicz, która nam matkuje. Do niej wnosimy skargi na Starego. Pierwsze odbite strony pierwszego tomu nadchodzą z drukarni. Radość! Do dziś przechowuję korekty wykonane przez brata i Wańkowicza. Stanowią dla mnie drogą pamiątkę.

Potem resettlement camp w Anglii. Jedziemy z bratem do Brazylii. Przed wyjazdem Wańkowicz stawia pożegnalną kolację na Piazza Navonne, wyszukuje dania co najprzedniejsze, celebrytuje. O, on to potrafi. Pani Zofia pisze na jadłospisie wierszyki na pożegnanie. Staś Gliwa zapłakany (vino rosso) obejmuje nas po każdym kieliszku. No, to cześć! Wańkowicz nie może namówić brata na jakieś danie specjalne... podlane sosem... i w ogóle niebo w gębie. Brat tylko patrzy na niego smutnym wzrokiem i ciągle powtarza:

— Wodzu, kotlet z kapustą, kotlet z kapustą!...

1) Piaskowa trąba powietrzna

2) W języku 2 Korpusu — sprzęt osobisty.

3) Gwarowe: "żarcie" od włoskiego — jeść.

W KILKU WIERSZACH

Czy wiecie, że w Krakowie została otwarta pierwsza wystawa narodowej sztuki ludowej Białorusów, Litwinów, Rosjan, Słowaków, Ukraińców i Żydów zamieszkałych w Polsce?

Wśród licznych dzieł sztuki ludowej, pokazanych na tej wystawie, artykułów użytkowych, przedmiotów kultu religijnego, znajdują się również obiekty unikalne, jak np. ikony Starowierów z XVI i XVII wieku lub wspaniałe iluminowane książki z XVI wieku, wykonane przez Ukraińców. Nie brak też dzieł współczesnych jak obrazy malarza samouka, Nikifora Drewniaka.

*

Na drogach polskich jeździ obecnie 937 tysięcy pojazdów mechanicznych, w tym 630 tysięcy motocykli. Przed wojną było 54 tysięcy pojazdów mechanicznych.

W roku 1955 wyprodukowano w kraju około 10 tys. samochodów ciężarowych; w b.r. przemysł wykona ich ponad 18 tys., a w 1965 — prawie 33 tys. Obecnie produkuje się samochodów osobowych trzy razy więcej, niż w roku 1955. Przemysł wykona ich w b.r. 12 tys. Produkcja motocykli w stosunku do 1955 r. wzrosła o 100 tys. i wyniesie w b.r. 127 tys. W b.r. fabryki opuści 2 tys. autobusów, 3 tys. skuterów i 29 tys. motorowerów.

*

W dniu 31-III-b.r. wyjechało do Rzymu w ramach podróży kanonicznej dwóch biskupów polskich: Ks. Biskup Bolesław Kominek, ordynariusz wrocławski i Ks. Biskup Edmund Nowicki, ordynariusz gdański.

W dniu zaś 6-IV-b.r. wyjechało następnych dwóch biskupów: Ks. Biskup Zdzisław Goliński, ordynariusz częstochowski i Ks. Biskup Kazimierz Kowalski, ordynariusz chełmiński.

Tabo
comércio importação e exportação ltda.

LARGO PAISSANDÚ, 51

6.º and. — Sala 610

Cx. Postal, 2716 - SÃO PAULO

WSPOMNIENIA STAREGO AKTORA

Napisałem: "wspomnienia starego aktora" i zastanowiłem się. Tadeusz Morozowicz wcale nie wygląda staro. Wprost przeciwnie nikt by mu nie dał więcej, niż czterdzieści lat. Twarz bez jednej zmarszczki, różowa, uśmiechnięta; głos młodzieńczy, typowo aktorski (nieskazitelna dykcja), uwodzicielski. Nie pytam o wiek; artysta przyznaje się do swoich lat jedynie przy jubileuszu.

Zaczynam od stereotypowego pytania.

— Jak dawno przebywa pan w Brazylii, panie Tadeuszu?

Okazuje się, że dość dawno, bo 33 lata.

— Właściwie to się zaczęło tak, — mówi Morozowicz — że ja tu po raz pierwszy przyjechałem w roku 1927 z mediolańską La Scala, jako choreograf. Bo nie wiem, czy panu wiadomo, ale ja mam talent w nogach. Skończyłem szkołę baletową w Petersburgu, a dramatycznej nie. Wtedy nikt nie kończył szkoły dramatycznej, a jakoś się grało, może nawet lepiej, niż teraz, kiedy aktor musi się wykazać maturą i dyplomem Akademii Teatralnej, żeby móc powiedzieć na scenie: "Jaśnie panie, konie zajęchały!" Otóż po powrocie do Mediolanu pożegnałem się z La Scala i Włochami. Ale w głowie wciąż mi świeciło słońce Południa, w nocy śniło mi się, że chodzę po ulicach Rio de Janeiro. Strasznie mnie ta Ameryka urzekła.

Przyszedł mi z pomocą przypadek. Ówczesne Ministerstwo Wyznań Religijnych i Oświecenia Publicznego (taką to ministerstwo miało długą nazwę), na żądanie kolonii polskiej w Brazylii za-

proponowało mi stanowisko instruktora teatralnego na Brazylię. W ten sposób znalazłem się wkrótce w Paranie. Założony tu przeze mnie Teatr Polski zyskał sobie od razu popularność. Był to teatr amatorski, środki mieliśmy ubożuchne, ale aktorzy zgrali się, nie brakło talentów, niejeden teatr zawodowy mógł nam pozazdrościć sukcesów. Prowadziłem tę scenę przez lat 18 z niemalym zadowoleniem, aż ją nam zamknął Getulio Vargas. Znalazłem się w kłopotach materialnych. Wtedy przypomniałem sobie, że mam przecież nogi i poświęciłem się pracy baletowej. Szkoła baletowa przy Sociedade Thalia w Kurytybie, którą założyłem, istnieje do dziś i do dziś jestem jej wykładowcą i baletmistrzem. Z tej szkoły wyszły znakomite baletnice: Marlene Tourinho i Dircelia Macedo. Jeden z moich uczniów, Semy Jambay, jest obecnie solistą w Teatrze Miejskim w Rio de Janeiro.

Proszę Morozowicza o nieco wspomnień.

Pan Tadeusz zamyśla się.

— Pochodzę z rodziny teatralnej. Stryj mój, Rufin Morozowicz, znakomity aktor, był podporą Operetki "Nowości" za dyrekcji Śliwińskiego. Pamiętają go jeszcze starsi warszawiacy. Ojciec, Henryk Morozowicz, zmarły w roku 1906, był nie tylko aktorem ale i dyrektorem teatrów. Matka Natalia jeszcze do niedawna występowała na scenie. Nic dziwnego, że i ja zostałem aktorem.

W czasie pierwszej wojny światowej występowałem w Kijowie w Studium Te-



atralnym Stanisławy Wysockiej i w Teatrze Polskim Franciszka Rychłowskiego. Wtedy w Kijowie zebrała się cała śmietanka teatralna polska, że wspomnę tylko Osterwę, Stefana Jaracza, Maksymiliana Węgrzyna, Wojciecha Brydzińskiego, z kobiet: Osterwinę, Wysocką, Tarasiewicz.

Pamiętam grałem w Studium Wysockiej główną rolę Chłopca w Biurze Pocztowym Rabindranata Tagore. Większe role były wówczas dublowane. Dublowała mnie Halina Sokołowska, doskonała aktorka ale niezbyt urodziwa. Szpecił ją zwłaszcza perkaty nos. W recenzji z przedstawienia jakiś złośliwy recenzent napisał: "Morozowicz wyglądał pięknie, ale grał okropnie; Halina Sokołowska wyglądała brzydko ale grała pięknie".

Po pierwszej wojnie światowej grałem z Fertnerem w Teatrze Letnim w Warszawie, potem w Objazdowym Teatrze byłej Dzielnicy Pruskiej, w Operetce w Poznaniu, wreszcie prowadziłem przez pewien czas własny Teatr Popularny w Bydgoszczy. Najpiękniejsze wspomnienia łączą się u mnie właśnie z tym teatrem. Ha, było i minęło.

Wywiad przeprowadził:

SEBASTIAN ARHENS

PLASTICOS DO BRASIL S.A.

Rua Cons. Crispiniano, 58 — Tel.: 34-7127

SÃO PAULO — BRASIL

PRODUKJA :

Okladziny i taśmy hamulcowe "THERMOID"

dla samochodów osobowych i ciężarówek

Dekoracyjne i techniczne płyty plastyczne "FORMICA"

Rezyny syntetyczne "PLASTIKOL"

Abonujcie "Przegląd Polski"

R O D O F I E L S . A .

excelente em transportes

Dwugłos z kolonii Gleba Orle

Kolonia Gleba Orle w Północnej Paranie założona została w roku 1936 przez angielskie towarzystwo kolonizacyjne "Companhia de Terras do Norte do Paraná" — powiada kolonista Jan Gwadera, jeden z jej pierwszych osadników.

Miejscowość ta należy do municypium Arapongas, oddalona jest od siedziby tegoż o 9 km, od Londriny zaś, "stolicy kawowej" Północnej Parany o 46 km. Administracja angielska umiała grać na uczuciach narodowościowych, to też nadała tej kolonii nazwę polską, werbując do niej Polaków i Ukraińców.

Z tych samych pobudek i w tym samym okresie ta sama kompania nadała innej kolonii w pobliżu Londriny nazwę polską — Warta, dokąd również zwerbowała około 40 rodzin polskich, przybyłych z kraju lub ze starych kolonii parańskich, a nawet z innych stanów.

Osada Orle została skolonizowana przed samą drugą wojną światową — w roku 1937. Osiedlili się tu Polacy i Ukraińcy świeżo przybyli z kraju, jak również rodziny ze starszej emigracji.

Okolice Północnej Parany były jedną nieprzerwaną puszcza dziewiczą, prawdziwą dżunglą, przeciętą drogami, zbudowanymi kosztem kompanii. W pobliżu i wzdłuż tych dróg zamieszkali pierwsi emigranci.

Do końca 1937 r. osiedlili się tu 22 rodziny polskie i prawie tyle ukraińskich. Koloniści nasi pochodzą z następujących regionów: z warszawskiego — dwie rodziny Kamińskich, Marynowski, Gwade-

ra i Wieczorek; z lubelskiego — Pasternak, Stromowski, Orowicz, Michalak, Szewczak, Barczak, Kawka, Gonet, Chomański, Demczuk i Dziura; z krakowskiego — Potempa, Masłoń, a z Częstochowy — Cudak. Nie wiadomo skąd przybyły dwie rodziny — Boczków i Słowików, które wkrótce odjechały w inną stronę. Ze starej emigracji zamieszkały na Orle rodziny: Olszewskich, Gołasów, Mazurów, Rzepków i Pochwatków.

W roku 1939 powstała na Orle szkoła rządowa z nauczycielem brazylijskim.

Kolonia posiada tereny równinne i bardzo urodzajne t.zw. "terra roxa" i przylega do dużej rzeki Pirapó, która wpada do olbrzymiej arterii wodnej Paranapana na granicy stanów Paraná i São Paulo. Uprawia się tu przede wszystkim najbardziej opłacalną kawę, następnie kukurydzę, ryż, fasolę, przeważnie czarną, i ziemniaki, mniej plantuje się żyto i pszenicę, ponieważ ptaki niszczą je na pniu. Hoduje się konie, świnie, bydło mleczne oraz drób wszelkiego rodzaju, którego nie brak w żadnej kolonii polskiej.

Wybitniejszych działaczy społecznych kolonia Orle nie posiadała i nie posiada, ponieważ powstała w końcowym prawie okresie istnienia towarzystw i szkół obcokrajowych. Mieszka tutaj i jest rolnikiem długoletni nauczyciel polski, Władysław Kulesza, który kiedyś uczył w szkole polskiej w São Francisco na Ivaí.

— W okresie drugiej wojny światowej — mówi Jan Gwadera — trudno nam

było o polską książkę i gazetę. Po wojnie od kilku lat zaczyna trafiać do naszych leśnych chat książka i gazeta z ojczystej ziemi. W chacie kolonisty Władysława Barczaka znajduje się w szafce około 350 książek polskich. Kolonista Wróblewski również posiada sporo książek. Są to książki starszej daty, ale jest trochę i powojennych. Chętni wypożyczają i czytają.

Dzisiaj kolonia Orle liczy około 50 rodzin polskich. Dotąd wszyscy mówią po polsku, ale młoda generacja zaczyna się mieszać przez ożenki z innymi narodowościami, co powoli musi spowodować zupełne wynarodowienie potomstwa. Obecnie istnieją tu dwie szkoły rządowe typu czteroklasowego oraz dwie kaplice, do których raz w miesiącu dojeżdża ksiądz z Arapongas.

Na kolonii Orle, na terenie której rosła odwieczna puszcza z całą mnogością wartościowych drzew, jak: peroby, cedry, kanele, gabriuwy, piniory, "olho pardo" i inne — szumią dziś piękne łany zbóż i krzewy kawowe.

Na Norte do Paraná nie ma więcej zwartych kolonii polskich oprócz Orle i Warty. Ale każda osada posiada kilka rodzin polskich lub polskiego pochodzenia. Wzdłuż będącej w budowie kolei żelaznej, która połączy Apukaranę przez Maringá z dawną siedzibą Jezuitów, Guaira nad rzeką Parana, wszędzie spotykamy grupki lub pojedynczych osadników polskich, rąbiących puszcza dziewiczą. Do niektórych docierają nawet polskie gazety.

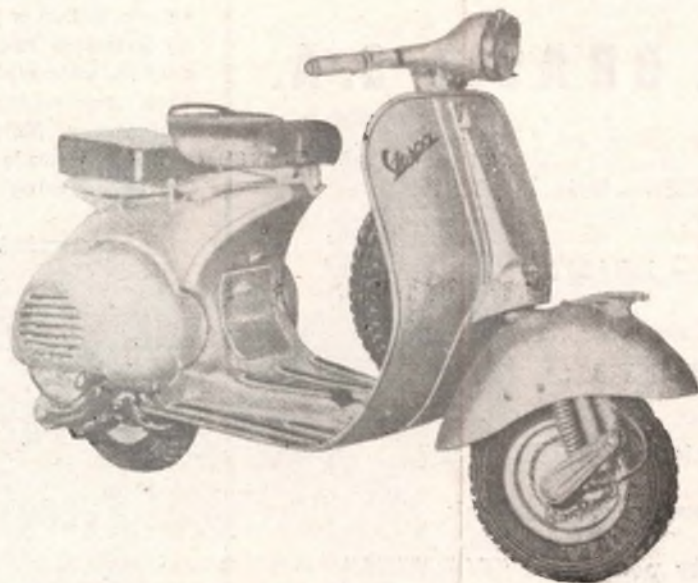
* * *

Miernikiem kolonii Orle — powiada Bronisław Olszewski z Arapongas — był inż. Szańkowski. Z Dominikiem Mazurem kupiliśmy po 10 alkrów (25 ha) ziemi na czteroletnie spłaty. Po skończeniu roboty na kolei z Londriny do Rolandii poszliśmy z Mazurem rąbać drogę do naszej ziemi, bo brakowało jeszcze trzy kilometry. Ciężko pikadę długimi fakonami i tak przedarliśmy się do szalków nad rzeczką Corgo Lazado. Skleciłiśmy szłaś z gałęzi, nakrywając go zielskiem. Wejście zastawiliśmy płotkiem i mieszkaliśmy. Pora była zimowa, ale bardzo ciepła, las szumiął, darły się papugi, małpy, przeróżne ptactwo, a nocami ryczała puma. Dokoła była wieczna zieleń, królestwo zwierząt i ostra woń.

Istniały jednak i ślady ludzkiego pobytu w tych okolicach. Nad rzeką odkryliśmy kilka alkrów wyrąbanej puszczy. Była to raczej polana zarośnięta chwastami i niskimi krzewami. Jedni mówili, że kiedyś mieszkali tu Indianie, inni zaś, że kabokle. W kilku miejscach znaleźliśmy ślady szłaśów: jakieś drzewka, resztki gontów, naczynia gliniane, rosnące w zaroślach mandiok, tytoń, kartofle, kukurydza. Legenda mówi, że za czasów jezuckich kwitło tu życie.

(Dokończenie na str. 23)

Vespa



STARMOTOR COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO S. A.
Rua Martins Fontes, 185. - Tel.: 32-2027 - SÃO PAULO

ZAPOMNIANY LIST

PAWEŁ NIKODEM

1. - HISTORIA LISTU SPRZED PÓL WIEKU

Drogi Panie Redaktorze,

Na dwa lata przed wybuchem pierwszej wojny światowej pan Kazimierz Skłodowski, urzędnik gubernialnej akcyzy w Warszawie, postanowił wykorzystać letnią niedzielę, aby na godzinę albo dwie przygłuszyć szarą rzeczywistość dni związanych z biurkiem w służbie skarbowej i brukiem wielkiego miasta. Zebrało mu się na wspomnienia. Miał już na karku czwarty krzyżyk: najwyższy czas spróbować, czy nie udało by się zepchnąć łodzi nudnego bytowania na bystrzejsze wody.

Lata młodzięcze Skłodowskiego upłynęły za równikiem i tam, w Brazylii, tęsknił za Polską. Teraz, w Polsce, podtatusiały już, nie może się ognać myślom o Brazylii.

Wie, że spod Lublina i Siedlec ruszyła fala nowej emigracji. Z Parany nadchodzą wieści o zbudowaniu gmachu "Kółka Młodzieży" (późniejszego Związku Polskiego) w Kurytybie i o powstaniu pierwszego gimnazjum osadników — "Kolegium im. Kopernika" w Malecie.

Więc usiadł, aby napisać list do tej dalekiej krainy niewykorzystanych marzeń. Pisał szybko, pisał jednym tchem. Rękę miał wprawna, przed oczami przewijała mu się barwna wstęga emigranckiego szlaku, raz był na wozie, raz pod wozem. Dziewięć stron zgrabnego maczku, bez poprawek i skreśleń, złożyło się na list.

List ten powędrował do Kurytyby, do gazety, z którą piszący czuł się bliżej związany. U kaszt owego tygodnika Skłodowski zdobył najpierw zawód drukarza, następnie zaś awansował na stanowisko redaktora z obowiązkami wszystkoroba. Prasa na wychoźstwie to taka "ciocia do wszystkiego", więc może i tym razem...

Pan Kazimierz nie doczekał się odpowiedzi na swoje zapytania. Cóż, milrejs to nie dolar! Przytulony do parafii św. Stanisława tygodnik kurytybski liczący dwa tysiące czytelników, płacących prenumeratę z dołu — to nie rówieśna "Gazeta Polska" w Chicago, której nakład wynosił dziesięć tysięcy egzemplarzy.

Na dobro adresatów należy zapisać, że posłanie Skłodowskiego nie dostało się do przysłowiowego kosa. Odłożono je do archiwum między dokumenty i tym sposobem pana Kazimierzowe kartki przechowały się do dzisiaj, poblakłe już co prawda. Co było ubocznego w liście miało czas odpaść. Pozostał sam rdzeń: rzetelny, autentyczny obraz pionierskich przeżyć.

Z okazji 90-lecia naszych osad w Brazylii nadarza

się okazja, żeby wydobyć ten dokument spod korca. Sądzę, że kiedyś będą z niego korzystali historycy, zarówno polscy, jak i brazylijscy. Usiłowałem wejść w kontakt z autorem listu bądź z jego rodziną, niestety, bez skutku.

Sporządziłem dokładny odpis starego listu (bez stereotypowego wstępu oraz takiegoż zakończenia) i posyłam go, kochany Redaktorze, na Wasze ręce. Dajecie nam pismo reprezentacyjne. "Przegląd Polski" podnosi poziom polsko-brazylijskiej prasy. Powiew z pionierskiej doby niechaj Wam służy za otuchę w zaszczytnym przedsięwzięciu!

PAWEŁ NIKODEM

2. - LIST SKŁODOWSKIEGO.

...Opiszę w krótkich słowach mój sześćioletni pobyt w Brazylii.

Przybyłem tam w maju 1891 r. i pierwszym miejscem mojego pobytu było miasto Desterro w Santa Catarina. Tu pierwsze zarobione pieniądze na ziemi brazylijskiej były z pracy przy kopaniu i wożeniu w taczkach ziemi; zajęcie, jak dla mnie, niewesołe. Wkrótce dostałem zajęcie tamże w biurze mierniczym jako rysownik i kopista planów terenów przeznaczonych na kolonizację; zajęcie, jakiego i nie marzyłem tak prędko zdobyć, z płacą sto milrejsów miesięcznie. Pracowałem tam przez 10 miesięcy dopóki to biuro było czynne.

Z Desterro pojechałem do Rio de Janeiro mając listy rekomendacyjne od poprzedniego szefa; dostałem tutaj zaraz w jakimś biurze technicznym zajęcie przy kopiowaniu różnych planów z płacą 200 milrejsów miesięcznie, lecz i to biuro po kilku miesiącach z braku roboty zamknęli.

Ponieważ w Rio wydawałem na utrzymanie blisko 100 milrejsów miesięcznie to długo bez zajęcia siedzieć nie mogłem i nie znalazłszy już podobnego zajęcia miałem się byle czego, aby coś zarobić, a więc pracowałem jako "cieśla" pomiędzy prawdziwymi cieślami, zarabiając pięć milów dziennie.

Później poznałem się z niejakim panem Lavatti, cukiernikiem ze Lwowa, i u niego smażyłem nasze polskie pączki.

Następnie, wstąpiłem jako kelner do "casa do pasto". Nie wiem, czy Szanowny Pan zna takie riodeżańskiowskie "casa do pasto"? Jest to coś w rodzaju traktierni, gdzie dwa razy dziennie wydają gorące jedzenia, których jest dwadzieścia i kilka gatunków. Otóż z początku miałem pracę w wyuczeniu się na pamięć całej litanii nazw tych potraw, ponieważ każ-

83
demu gościowi z osobna trzeba było wyśpiewać całą kaskadę słów. A więc wykrzykiwałem: "canja de galinha, bife com batatas, bife igrelha, lombo de Minas, figado frito, feijoada, arroz simples" itp. Tu było mi nieźle, gdyż po paru tygodniach, gdy właściciel mnie poznał i przekonał się, że go nie okradam, jak inni, to dał mi większą pensję, a nawet i mieszkanie u siebie.

Lecz mnie ciągnęło już do Parany i w styczniu 1893 r. przyjechałem do Kurytyby.

Tu pomiędzy innymi Polakami poznałem p. Karola Szulca, założyciela "Gazety Polskiej w Brazylii". Pan Szulc przyrzekł mi zajęcie w gazecie, lecz ponieważ gazeta chwilowo nie wychodziła, to wystarał się dla mnie o zajęcie w litografii u Hofmana, gdzie pracowałem w dziale introligatorskim do czasu rozpoczęcia drukowania Gazety Polskiej, do której zostałem z rekomendacji p. Szulca przyjętym przez nowonabywców owej gazety.

Tu się wyuczyłem składania i drukowania gazety i pracowałem aż do czasu wybuchnięcia rewolucji w Paranie.

Z początku byłem w batalionie niemieckim pod wodzą niejakiego p. Bertolda Adama, a potem przeniosłem się do polskiego batalionu, którym dowodził p. Antoni Bodziak. Po krótkotrwałych ćwiczeniach wyruszyliśmy przez Ponta Grossa, Castro ku granicy stanu S. Paulo, a stąd przez Porto União do Santa Catarina i Rio Grande do Sul.

Po roku takiej tułaczki i po bitwie pod Passo Fundo, gdzieśmy dostali w skórę i sporo zginęło Polaków, przedarliśmy się przez jakąś wojskową kolonię nad rzekę Urugwaj do Argentyny. Stąd reszta naszych poszła przez lasy w głąb kraju, a ja z Bodziakiem i kilkunastoma Brazylianami przez dwie noce płynęliśmy w dół rzeki Urugwaj, a w dzień ukrywaliśmy się w przybrzeżnych zaroślach i dopiero po dwóch tygodniach, przechodząc przez różne etapy, przybyliśmy na parowcu rzeką Rio de La Plata do Buenos Aires.

Tu po wypoczęciu wstąpiłem jako robotnik do fabryki rządowych banknotów i marek pocztowych, gdzie pracowałem zaledwie przez 6 tygodni, ponieważ praca była piekielna, a zmuszali pracować na dwie zmiany: od 7 rano do 6 wieczorem i od 9 wieczorem do 1 w nocy. Rzuciłem tę mordęgę i niedługo dostałem się za dozorcę do pensjonatu męskiego z życiem, mieszkaniem i 35 piastrow na miesiąc. Tu pracowałem aż do czasu wyjazdu z Buenos Aires całego naszego komitetu rewolucyjnego do Rio de Janeiro.

Po przybyciu do Rio de Janeiro cały ten komitet rewolucyjny rozleciał się w różne strony, a mnie z Bodziakiem umieścili u jakiegoś księdza portugalskiego niedaleko Petrópolis. Potem byłem jeszcze kilka tygodni już sam, bo Bodziak wrócił do Parany, u jakiegoś bogatego Brazylianina, lecz takie pozostawanie na czyjejs łasce nie jest przyjemnym i dlatego starałem się dostać jakieś zajęcie i z rekomendacji właśnie tego księdza, u którego poprzednio mieszkalem, dostałem się do tygodnika polityczno-humorystycznego "Dom Quichote". Tu pracowałem kilka miesięcy,

lecz chęć powrotu do Parany spowodowała, żeżem porzucił to miejsce.

W lipcu 1895 r. powróciłem do Kurytyby, gdzie wstąpiłem na powrót do Gazety Polskiej, którą wówczas redagował p. Ignacy Waberski i przy którym tytuł gazety został zamieniony na "Polonia" i format znacznie zwiększony.

Po wyjeździe p. I. Waberskiego do Eurcpy zostało całe wydawnictwo Gazety na mojej głowie; sam tłumaczyłem z gazet brazylijskich telegramy i niektóre artykuły dla "Polonii", sam jeden ją składałem, drukowałem, myłem czcionki i nawet musiałem roznosić gazetę kurytybskim prenumeratom, bo w owym czasie nie miałem ani chłopca do roznoszenia.

Były to czasy bardzo ciężkie dla gazety, a ponieważ z p. Szulcem poprzednim właścicielem gazety nie były jeszcze uregulowane rachunki i do porozumienia nie przyszło, postanowiono przez udziałowców wspólnymi siłami dociągnąć wydawnictwo do końca roku i zwrócić drukarnię p. Szulcowi. Tak się i stało, i "Polonia" z dniem 1-go stycznia 1897 zaprzestała wychodzić.

Wiem, że p. Cezary Szulc, syn poprzedniego właściciela gazety, nosił się z zamiarem wydawania nowej Gazety Polskiej i miał już wszystko przygotowane; proponowałem mi nawet, abym do niego wstąpił jako zecer, lecz tego nie uczyniłem, bo to by było równe wystąpieniu przeciw moim poprzednim chlebodawcom.

Po zawieszeniu "Polonii" przyłączyłem się do p. Bodziaka, który dostał zajęcie wojażera u p. Cunha, i jako jego kompanier pojechałem z nim po koloniach i miasteczkach, zbierając obstalunki i inkasując, lecz z tego nic nie miałem, tylko koszta utrzymania, bo ostatecznie Bodziak mógłby się i beze mnie obejść.

To było ostatnie moje zajęcie na ziemi brazylijskiej, i po 6 latach pobytu, w kwietniu 1897 r. wyruszyłem z powrotem do kraju z zamiarem powrócenia do Brazylii po kilku latach, gdy się cokolwiek stosunki poprawią i kraj po rewolucji odetchnie.

Tymczasem przesiedziałem tu 15 lat, lecz o Brazylii zachowałem miłe wspomnienia i dziś z chęcią powrócił bym tam, abym tylko miał możliwość znalezienia odpowiedniej pracy dla wyżywienia mej rodziny (żona i troje dzieci w wieku 8, 6 i 3 i pół roku).

Otóż Sz. Pana upraszam o radę i wskazówki, czy mógł bym liczyć na poparcie i pomoc w wyszukaniu odpowiedniego zajęcia, zaznaczając, że jestem człowiekiem wyrozumiałym, nie wymagającym, a przede wszystkim sumiennym i uczciwym i cenię to jako zalety swego charakteru.

Z osób, na które mogę się powołać co do wydania opinii o mnie, wymienię w pierwszym rzędzie p. Edmunda Saperskiego, który jakiś czas redagował Gazetę, to zapewne przypomni mnie sobie, następnie, ks. Smołuchę, Aleksego Waberskiego, Flizikowskiego, Stencła, a również późniejszych braci Mikoszewskich i doktora St. Kłobukowskiego, który podobno jest w Paranie. Nie wspominam już o Bodziaku, bo się dowiedziałem przed paru tygodniami w Towarzystwie

Ojciec wychodźstwa Polskiego w Brazylii

JAN KRAWCZYK

Kiedy szalupa oderwała się od żaglowca i kołysana lekko przez fale zatoki popłynęła ku niewielkiej osadzie portowej, położonej u stóp gór, Sebastian Woś-Saporski spojrział poza siebie.

Na pokładzie statku stał kapitan statku i uśmiechając się przyjaźnie krzyczał donośnym głosem:

— Good luck!

Saporski odskłonił się w podzięcie i spojrział w kierunku zbliżającego się zwolna nieznanego łądu. Tak, życzenia kapitana statku angielskiego były mu potrzebne na nowej drodze życia, zwłaszcza w kraju, o którym mało wiedział, a który go pociągał swoją egzotyką.

Łódź dobiła do drewnianego pomostu. Na nadbrzeżnej ulicy widać było grupki rybaków, sprzedawców bananów i tragarzy, dźwigających jakieś ciężary. Dolaływały dźwięki języka nigdy dotąd nie słyszanego.

Saporski zeszedł na ląd. Kręcili się tu biali, czarni i brązowi, bawiły się dzieci, obdarte i półnagie, kroczyły muły obciążone bambusowymi koszykami, toczyły się dwukołowe wózki. U drzwi niskich domków plotkowały kobiety. Tu i ówdzie widziało się w oknie człowieka pijącego z nabożnym skupieniem szimaron.

W dali za budynkami, wspinającymi się na wznoszące się coraz wyżej wzgórza, mgliły się kępy zarośli, krzewów bananowych, zieleniły się sady pomarańczowe, palmy. Dalej już był las tropikalny.

Patrząc na to wszystko Saporski zastanowił się z lękiem co właściwie będzie tutaj robił? Nie znał nikogo, mowa była

mu obca, nie posiadał pieniędzy, ani żadnego zawodu praktycznego. I przypomniał sobie nalegania kapitana statku, na którym przyjechał, żeby poświęcić się karierze morskiej. Odmówił wówczas, bo jakże on, syn ziemi śląskiej, z Siólkowic koło Opola, z dziada pradziada zrosnięty z zagonem ojcowym, miałby się stać wilkiem morskim? Nie po to opuścił kraj, przemierzył Niemcy, dostał się do Anglii i stamtąd do Brazylii, gnany ciekawością poznania zamorskich łądów, aby poświęcić się monotonnemu pływaniu po dalekich morzach.

Nagle uniósł głowę do góry, odpędził lękliwe myśli i ruszył przed siebie zdecydowanym, energicznym krokiem. Nie miał się czego obawiać. Był młody, miał zaledwie dwadzieścia kilka lat, świat stał przed nim otworem.

Takie było wylądowanie Saporskiego w porcie brazylijskim Paranaguá w roku Pańskim 1867.

Krótko bawił w Paranaguá. Jakiś Niemiec nakłonił go do osiedlenia się w sąsiedniej Santa Catarinie. Pojechał do Itajaí, stamtąd zaś do osady Gaspar, gdzie zaczął pracować jako nauczyciel niemieckiego i arytmetyki. Tu zetknął się niespodzianie z jedynym Polakiem, księdzem Zielińskim, i ten mu doradził przeniesienie się do Parany, jako krainy najidealniejszej w tych okolicach dla organizmu Europejczyka.

W Kurytybie osiadł na krótki okres czasu. I tu również poświęcał się pracy nauczycielskiej wśród miejscowych Niemiaszków. Był to jednak nudny zawód dla młodzieńca spragnionego ruchu. Początkowo nosił się z zamiarem zaciągnięcia pod sztandary brazylijskie i udania

się na wojnę toczącą się wówczas pomiędzy Brazylią i Paragwajem. Szybko jednak zrezygnował z wojaczki dla pracy w zawodzie mierniczego, co umożliwiło poznanie rozległych terenów parańskich. Na grzbiecie cierpliwego muła lub pieszo przemierzał olbrzymie lasy piniorowe, puszcze dziewicze, wspinał się na wysokie góry i brodził po nieznanym i nieznanych rzekach.

W tym czasie, a był to rok 1869, przybyła do Santa Catariny pierwsza grupa emigrantów polskich, złożona z szesnastu rodzin siólkowickich. Rzuceni w lasy miejscowości Dona Francisca cierpieli straszną nędzę. Saporski postanowił sprowadzić swych ziomeków do Parany. Nie była to sprawa łatwa. Przepisy krajowe nie pozwalały obcym osadnikom na samowolną zmianę miejsca zamieszkania. Saporski pojechał więc do Rio de Janeiro, uzyskał posłuchanie u cesarza Dom Pedro II i wyjaśnił mu położenie swych rodaków. Cesarz przychylił się do jego prośby i wydał rozporządzenie dzięki któremu siólkowiczanie mogli opuścić niegościnną Santa Catarinę i przenieść się do Parany. Wydarzenie to miało miejsce dziewięćdziesiąt lat temu.

Teraz dopiero zaczęły się kłopoty Saporskiego. Kurytybscy Niemcy robili wszystko, aby nie dopuścić do osiedlenia się Polaków w okolicach Kurytyby. Chcieli nakłonić władze do wysłania

(Dokończenie na str. 10)

R O D O F I E L S. A.

excelente em transportes

FOTO SAWI

Henryk Wisen

Aparaty fotograficzne Rolleiflex, Leica, Contax i inne.

Zamiana, kupno i sprzedaż
Najkorzystniejsze ceny!

Conselheiro Crispiniano, 40, — Telefone: 36-0670

SÃO PAULO

(Dokończenie ze strony 8-mej)

Emigracyjnym, że umarł; on mógłby najlepsze o mnie wydać świadectwo — szkoda go.

Na zakończenie dodać muszę, że przez 15 lat, to jest od czasu powrotu z Brazylii, pracuję w Gubernialnym Zarządzie Akcyzy, a więc do Brazylii chcę jechać nie z braku utrzymania, bo jakie takie Bogu dzięki mam, lecz dlatego, że stoi mi żywo w pamięci pobyt w Paranie, że polubiłem ten kraj, że pomimo tego, że to obczyzna, czułem się tam swobodniejszym, śmielszym, że tęsknię za tą wolną ziemią.

Warszawa, dnia 14 lipca 1912 r.

Kazimierz Skłodowski

OJCIEC WYCHODŹSTWA POLSKIEGO W BRAZYLII

(Dokończenie ze strony 9-tej)

tych ludzi w dalekie i dzikie lasy, gdzie-
by na nich czyhała śmierć na malarię
lub inne choroby tropikalne. Ale Sapor-
skiemu udaje się przekonać miejscowe
władze o celowości udzielenia siólkowi-
czanom terenów rolnych w pobliżu mia-
sta i zwycięża. Od tej pory datuje się
intensywny napływ emigracji polskiej
do Brazylii, a przede wszystkim do Pa-
rany.

Sam pracuje nadal jako mierniczy.
Morretes, São Mateus, Cruz Machado,
Palmeira, Lapa, São João do Triunfo,
Porto de Cima, Alexandra — oto nazwy
niektórych tylko miejscowości, w których
zostały przez niego wymierzone grunty.
Jednocześnie wykonuje wykresy topogra-
ficzne, notując drobiazgowo wszystkie
dopływy rzek Canavieiras i Cubatão.
Gościniec pomiędzy tymi dwiema rzeka-
mi jest jego dziełem.

W Antoninie, niewielkim porcie w za-
toce Guaraquessaba, zapada na jakąś

chorobę leśną, z której leczy się na fa-
zendzie miejscowego plantatora kawy i
bananów. Tu trafiony strzałą Amora po-
ślubia córkę właściciela fazendy, Marię
de Oliveira.

W latach 1880-1883 bierze udział w bu-
dowie drogi kolejowej z Kurytyby do Pa-
ranaguá. Przypadają mu w udziale naj-
trudniejsze odcinki między Jacareí-
Morretes, a Morretes-Porto de Cima. Z
pracy tej wywiązuje się ku zadowoleniu
przełożonych. W roku 1889 jest współ-
autorem planu budowy drogi kolejowej
z Kurytyby do Ponta Grossa oraz opracowuje projekt skolonizowania doliny w
dorzeczu Ivaí.

Są to prace wymagające wielkiego wy-
siłku w kraju jeszcze dzikim i słabo za-
ludnionym. Jedynym środkiem komuni-
kacyjnym jest grzbiet muła lub konia.
Mimo to Saporski ma zawsze czas na do-
pilnowanie przydziałów odpowiedniej
ziemi dla rodaków przybywających do
Parany coraz gromadniej. Każdy region
przeznaczony dla nich musi być przez
niego osobiście zbadany i zaaprobowany.
Z tego powodu miewa częste zatargi z
władzami ale z każdej próby wychodzi

zwycięsko. Działalność ta przynosi mu
wdzięczność rodaków i szacunek władz.
Zdobywa sobie przydomek: "ojca wy-
chodźstwa polskiego w Brazylii".

W roku 1893 wydaje w Brazylii gazetę
polską, przeznaczoną dla wychodźstwa.
Staje w tym piśmie w obronie osadnika
polskiego. Każda jego interwencja od-
nosi pożądany skutek. Miejska izba usta-
wodawcza wyraża mu publicznie wyrazy
uznania.

Umiera w kilka lat po pierwszej woj-
nie światowej. Na miejsce wiecznego
spoczynku odprowadza go cała Polonia
kurytybska.

Rodzina Saporskiego mieszka nadal w
Paranie. Wnuk jego, Edmund Leining-
Saporski, zasiada w miejskiej radzie
ustawodawczej.

Ślady pracy Sebastiana Woś-Sapor-
skiego widoczne są w całej niemal Pa-
ranie. Ludzie o nim nie zapomnieli.
Imieniem jego nazwano szkołę stanową,
jedną z kolonii w dorzeczu Ivaí, a w gó-
rach Serra do Mar istnieje rzeka rio
Saporski.

JAN KRAWCZYK.

ERIKA'S KINDERGARTEN

Do you live in an apartment?
Have you small children?

At Erika's Kindergarten they will
enjoy open-air games, music and
ballet. Our car will collect them
and will take them home. British
teachers.

Jardim Paulistano. Rua Desembarga-
dor Mamede, 342, (beginning at 1630,
Al. Gabriel Monteiro da Silva).
Tel.: 80-7045.
SÃO PAULO

WYMIANA ZNACZKÓW

WYMIENIAM,

SPRZEDAJĘ I KUPUJĘ

ZNACZKI POCZTOWE

São Paulo - Cx. Postal, 4760

ROSJA
paczki do 10 kg.
POLSKA

paczki PEKAO
CZECHOSŁOWACJA
paczki TUZEX

WĘGRY

paczki IKA
odbiorca nie płaci
nic

WŁOCHY I JUGO-
SŁAWIA
IZRAEL

NIEMCY WSCHOD-
NIE I ZACHODNIE,
FRANCJA, HISZPA-
NIA, PORTUGALIA,
TURCJA

paczki wolne od o-
płat celnych

R. P. RUMUNIA

posiadamy spis doz-
wolonych artykułów

IMP. EX. MARYAN
VUKOSAV LTDA.

São Paulo, Praça da
Sé 399 — Telefon:
36-8530.

Reprezentanci naj-
większego domu wy-
syłkowego

TAZAB OF LONDON

Indústria Metalúrgica STELLA Ltda.



Fabryki :

rua Serra de Japi, 31 — Tel.: 9-0262 — SÃO PAULO
Via Monteiro Lobato — GUARULHOS

Biuro: — rua Conselheiro Crispiniano 53 9.º
Tel.: — 35-9081 i 35-9089

RURY KANALIZACYJNE
I PRZEMYSŁOWE

RODOFIEL S. A.
excelente em transportes

PAMIĘTNIK DAWIDKA

(Przedruk z "Przekroju")

II.

(Dalszy ciąg fragmentów Pamiętnika z nr. 2-go)

6 maja

Okropny dzień. Ojca nam zabrali, co posiadaliśmy własności, też zabrali, dopiero teraz poczułem tęsknotę do tatusia. Już zapomnieliśmy o towarze, tylko mamusia poszła do Rady Żydowskiej, żeby wypuścili tatusia, przecież on jest chory, bez lekarstwa nie może żyć i żeby teraz poszedł do jakiegoś obozu pracować, to jest okropne!

Powiedzieli, że tatusia wypuszczą, jak będzie zbadany, mieliśmy nadzieję, że go puszczą. Na ulicę nie wychodziłem, bo i mnie mogą złapać, tylko brat i Anciel zanieśli im jeść i Anciel przyszedł z ulicy, to powiedział, że jego szwagra też złapali. Panika była okropna, każdy się schował, jak zdążył tylko, a krewni zabranych lub żony płaczą okropnie, jak my nie płaczemy.

Gdy się trochę ucichło, to przyjechało dwa samochody, a jeden to ma z tyłu platformę. Jak ja zobaczyłem i pomyślałem, że tatuś zostanie odesłany, to okropnie zacząłem płakać. Bratu powiedział tatuś, żeby przyniósł jedzenia i parę sztuk bielizny i mały garnuszek, znów się zapłakałem, gdy widziałem, jak to zabiera. Brat przyszedł po ciepłą czapkę, ale już nie zdążył... samochód był już na drugim rynku. Głośno załkałem, gdy były blisko, wołałem: "Tatusiu, gdzie jesteś, niech cię jeszcze zobaczę". I zobaczyłem go na ostatnim wagonie zapłakanego, patrzyłem, aż znikł za zakretem, dopiero teraz wybuchłem spazmatycznym płaczem i poczułem, jak bardzo go kocham, a on, mnie, i dopiero teraz poczułem, że co napisałem 1 maja, że mnie nie lubi, nawet to jest wierutne kłamstwo i kto wie, czy nie odpokutuję za to, co go posądziłem, a nie jest prawdą. Jak Pan Bóg da, jak przyjedzie, to nie będę taki dla niego.

Bardzo długo jeszcze płakałem, a jak sobie przypominałem zapłakaną twarz tatusia, to zacząłem jeszcze bardziej łkać. Co mieliśmy najdroższego w świecie, to nam zabrali, a do tego jeszcze chory...

Będąc w mieszkaniu przemysłowym, jaki los czeka na tatusia, a jaki już nas spotkał, wtem przyszła

siostra i mówi: "Idź na posterunek jeszcze z kim, bo wszystko oddali". Musieliśmy kilka razy iść, zanim przynieśliśmy. Nikt nie może sobie wyobrazić, jaka radość była, ale była to radość powierzchowna, w sercu jest smutek też nie do opisania. Mamusia prosiła kilka osób z Rady, żeby co pomogli w wyratowaniu towaru, ale nikt nie chciał iść, a Bóg i tak dał, że bez ich pomocy odebraliśmy. Gdyśmy przyszedli z posterunku, to przyszedł do nas jeden żandarm i pytał się, czy już odebraliśmy wszystko. To jest bardzo dobry Niemiec i żeby nie on, to byśmy wcale nie odebrali niczego.

Położyłem się już do łóżka, to sobie przypomniałem tatusia, ja tu sobie leżę w wygodnym łóżku, a tatuś może tam nie ma nawet trochę słomy i w jakim baraku. Tak mi się serce ścisnęło, że nie mogłem się powstrzymać od płaczu i tak płacząc zasnąłem.

8 maja

Mówią, że i dziś będzie oblawa. Każdy mężczyzna się schował, na ulicy jest bardzo cicho. Stojąc na schodkach zobaczyłem, że jedzie trzy samochody. Zaraz się zrobił popłoch, wszyscy uciekali z mieszkań do lasu, policja zaczęła już łapać ludzi. Ciocia przyszła powiedzieć, że takich, jak ja, też łapią. Zmieszalem się z początku, ale zaraz się zorientowałem, że muszę się schować. Poszedłem do polskiej sąsiadki i tam byłem. Słyszając byle jaki szelest lekałem się okropnie, żeby tu nie weszli.

Ta sąsiadka powiedziała, że policja idzie do lasu, i gdy ona to mówiła, dało się słyszeć strzały kilka razy, pomyślałem sobie, że na pewno już ktoś zastrzelony. Niedługo tam byłem, a samochody zaraz odjechały, dwa tylko były pełne, a trzeci pusty. Zaraz poszedłem do domu, mogłem być w domu śmiało, nikt nawet nie wszedł. Na ulicę już nie wychodziłem cały dzień.

Na wieczór poszedłem na modlitwę, bo przecież jest piątek. Innym razem poszliśmy z tatusiem, jak tam było: smutno czy wesoło, a byliśmy z tatusiem, a teraz... Gdy przyszli-

śmy z modlitwy, to byłem okropnie smutny, dlaczego nie być smutnym, kolacja jest jako tako skombinowana, stół nakryty, jest święto, ale jak spojrzę na tatusia miejsce, a on nie siedzi tam, to mi żal i smutek serce rozdziera...

10 maja

Stojąc na schodkach zapytał mi się jakiś pan, czy tu nie mieszka Rubinowicz, powiedziałem: "tak". Postawił rower i wszedł do mieszkania. Wyjął zaraz list od tatusia i dał mamusi. Zapytałem go się, skąd on jest, powiedział, że jest nadzorcą nad Żydami w Skarżysku. Nie tylko dla nas przywiózł list, ale jeszcze kilkanaście innych.

Nie był to duży list, ale te kilka słów, to też są wystarczające. Naprędce napisał tylko, że jest zdrowy, a praca nie jest bardzo ciężka, można wytrzymać, tylko przemysłuje bardzo o nas. Pisz, że się martwi o mnie, żeby mnie nie złapali, i że bym się dobrze schował. Każe sobie przysłać chociaż co do picia lub trochę klusków w butelce, kilka listów i z pół kilograma chleba, a pieniądze przysłać pocztą. Prosi, żeby co sprzedać, a jego ratować stamtąd.

Na wieczór już przyszła z Suchedniowa znajoma ciocie specjalnie powiedzieć, że mogą za 500 zł. wyratować jedną osobę. Dziś mamusia już nie może iść za pieniędzmi, to pójdzie jutro gdzie pożyczyc.

11 maja

Mamusia ma kawałek towaru na palto, to poszła je gdzieś sprzedać lub zostawić na zastaw. Zaraz przyszła i pożyczyla pieniądze, dała jej zaraz te pieniądze. Wzięła jeszcze pieniądze od kilku osób i poszła do domu.

Z niecierpliwością wyglądałem, żeby poczta przyjechała, bo tatuś pisał, że już wysłał 2 kartki. Za jaką godzinę doręczono nam kartkę. Tatuś pisze, że jest zdrowy, tego samego dnia przyjechali do Skarżyska. Pracują 12 godzin, od 6-tej do 6-tej.

Pisz, że mu jest bardzo przykro tam być i bardzo się martwi, z czego my będziemy żyć. Każe sobie przy-

82
słać parę złotych na chleb, stare pantofle, trochę faworków, kremu, i parę sacharynek. Pisz do nas: "Kochane dzieci, słuchajcie mamusię". Najbardziej było mi przykro przy tym ostatnim zdaniu, może Bóg da, że zaraz wróci...

12 maja

Po śniadaniu mamusia poszła dać do Rady dla tatusia pakunek i 20 zł. Mamusia rozmawiała z kilkoma znajomymi z Rady, to jej powiedzieli, żeby się wcale nie martwiła, bo jak tylko ktoś przyjedzie, tatuś też.

Koło południa usłyszałem, że gdzie jakiś samochód, serce mi zaczęło bić, bo mówili, że ma przyjechać 25 osób, a tatusia nie było między nimi. Bardzo mi było przykro, dlaczego inni przyjeżdżają, a tatuś nie.

Przyjechał również z naszego podwórka jeden z Płocka. Mówił mi, że się widział z tatusiem, a na razie nie głoduje. Praca jest ciężka, ścinają drzewa i wykopują pieńki. Dziennie dostają 12 kg chleba, czarną kawę i dużo zupy. Pokazał mi kilka znaków na twarzy, co dostał batem, przy pracy ich pilnują. Gdy on opowiadał, to żem się rozplakał.

14 maja

Mamusię idąc ulicą zawołał jeden z Rady i dał jej paczkę, co tatuś przysłał. Tatuś przysłał brudną bieliznę, a kuzyni również przysłali.

W paczce były trzy listy też. Tatuś pisze, że mu jest bardzo przykro, dlatego nie piszemy. Widocznie tatusiowi nie doręczyli listu. Pisz, że bym się schował, bo jeszcze będą obławy, każe mi się przebrać po damsku. Prosi, żeby mu przysłać parę złotych, a skąd je będziemy brać, to nie wie, i skąd będziemy brać pieniądze na nasze wydatki, również nie wie. Zaznacza, żeby co sprzedać i wyratować go, jak można tylko.

Wyplakałem się dobrze przy takim smutnym liście. Pomyślałem sobie, my tu jesteśmy na wolności (taką wolność życze psu, ale nam i tak lepiej tu jak tatusiowi tam), a tatuś tam może pragnie kawałek chleba. Ach! to jest bardzo okropne...

15 maja

O czwartej rano przyjechało kilka samochodów, myśleliśmy, że już będą wysiedlać wszystkich. Z tej trwogi dostałem okropnych boleści i musiałem wyjść. Nie zdążyłem otworzyć drzwi, zobaczyłem, że na drugiej stronie ulicy stoi Niemiec i patrzy prosto na mnie. Już nie wyszedłem i drzwi zostawiłem

otwarte, byłem bardzo przełknięty i lękałem się, żeby nie wszedł do mieszkania; nie stał długo, bo zaraz odszedł.

Gdy stałem w oknie, zobaczyłem furę z Niemcami i jakieś cywilni też byli pokuci w kajdany, przyjechała jedna fura, druga, trzecia i czwarta. Na każdej furze ile było cywilnych, to tyle było Niemców. Niemcy byli bardzo uzbrojeni, w hełmach, granaty mieli przy sobie i kulomioty.

21 maja

O pół do dziewiątej przyjechało auto z Żydami, gdy je zobaczyłem, to serce mi zaczęło bardzo bić, bo może tatuś jedzie. Było bliżej, to szukałem tatusia, ale go nie zobaczyłem. Pobiegłem zaraz za autem, stanęło koło Rady i wszyscy zaraz powyskakiwali z auta, a tatusia nie było. Rozplakałem się dobrze, dlatego tyle ludzi przyjechało, a tatusia nie było. Niektórzy są całkiem zdrowi i przyjechali. Ja przejąłem się bardzo tym.

Zapomnieliśmy całkiem, że dziś się zaczynają Zielone Świąta, nawet nie żeśmy nie przygotowali, tak byliśmy zajęci jednym. Jeszcze w żadne święto nie było brak tatusia, a dziś nie tylko, że go nie ma, to jeszcze jest w obozie.

22 maja

Będąc na modlitwie zrobiło mi się bardzo tęskno do tatusia. Zobaczyłem, jak insze dzieci stoją przy ojcu, a co nie wiedzą przy modlitwie, to im ojciec pokaże, a mnie kto pokaże... Jeszcze mi nigdy nie było tak przykro, jak dziś przy modlitwie. Kiedy mi miało być tak przykro? Żeby Bóg dał, aby tatuś wkrótce przyjechał zdrowo.

29 maja

Dzisiaj we dniu byli bandyci we Wzdole. Gdy policja przyszła, to oni wcale nie uciekali, tylko zaczęli strzelać i policja musiała się schować, a oni sobie poszli do lasu. Telefonowano zaraz do Kielc, żeby żandarmeria przyjechała, i za kilka godzin przyjechało 2 samochody, byli we Wzdole, ale żadnego nie schwycili.

Jeden żandarm przechodząc koło jednego podwórka zobaczył, jak jedna Żydówka ucieka, zaraz jej kazał natychmiast stanąć, ale ona nie usłuchała, tylko uciekała dalej, jak ona nie chciała stanąć, to strzelił za nią i trafił ją za pierwszym razem, potem kazał ją pochować tu, gdzie wszyscy zastrzeleni. Jaki okropny los ją spotkał, żeby bez żadnej przy-

czyny zastrzelić. Gdy leżała na podwórku to przecież ona ma 6 dzieci, to nawet nie dano im się do niej zbliżyć, a jak które zaczęło płakać, to bił.

1 czerwca

Dzień radości. Spodziewaliśmy się dzisiaj listu od tatusia, ale nie przyszedł. Z niecierpliwością chciałem, żeby już był trzeci, ażeby przyszedł list od tatusia, może ma jakie szanse przyjechać do domu.

Nad wieczorem poszedłem do sąsiada robić siostrze trepki. Robiąc je usłyszałem, że samochód jedzie, i śpiewanie, pomyślałem sobie zaraz, że chyba Żydzi jadą ze Skarżyska. Wybiegłem zaraz i okazało się, że oczywiście jadą. Z daleka widać było, jak machają rękami i czapkami, zobaczyłem, jak i mój tatuś macha.

Rzuciłem wszystko i pobiegłem za samochodem, stanąłem razem z samochodem. Wziąłem zaraz od tatusia jego tłumok, a tatuś zszedł z samochodu. Mamusia wzięła ode mnie tłumok, a ja poszedłem na posterunek odebrać paczkę. Przyszedłem do mieszkania, to nie mogłem nawet się przywitać z tatusiem z tej całej radości.

Nikt nie może sobie wyobrazić naszej radości, ten może sobie wyobrazić, kto przeżywa. Ale nikt się nie spodziewał, żeby dziś przyjechali. To wszystko było jak na filmie, w jednej prawie sekundzie tyle żeśmy przeżyli. Naschodziło się zaraz pełno ludzi, każdy się chciał coś dowiedzieć dobrego. Tatuś przyjechał ze zranioną ręką, bo o to go puścili... Opowiadania nie miały końca, siedzieliśmy do 2-giej w nocy, to niemożliwe, to opisać.

Z tej radości zapomniiałem zapisać najważniejsze, a najokropniejsze. Dzisiaj rano wyszło dwie Żydówki na wieś, były to matka z córką. Jak na nieszczęście jechali Niemcy z Budek po kartofle do Bodzentyna i spotkali te dwie Żydówki. Gdy one zobaczyły Niemców, to zaczęły uciekać, ale dogonili i złapali ich. Chcieli ich zastrzelić zaraz na wsi, ale sołtys nie pozwolił, to poszli koło lasu i tam je zastrzelili. Żydowska policja pojechała zaraz po nie, żeby pochować na cmentarzu. Gdy fura przyjechała, to była bardzo zakrwawiona.



Na tym kończą się zapiski Dawida Rubinowicza. Wkrótce potem getto w Budzentynie zostało zlikwidowane, jego mieszkańcy wywiezieni do obozu śmierci w Majdanku i zamordowani.

POLOWANIE NA PAKĘ

WŁADYSŁAW DOWBÓR

II.

Guilherme z niecierpliwością czekał soboty. W czwartek przeleciał się jeszcze raz na sewę, nie zaglądając do chaty Ignacio. Nie było wątpliwości, paka przychodziła stale. Znalazł nawet koło bananów kilka siwych włosów.

Wycinając banany myślał:

— Co za robota! W żar straszliwy — tnij! W deszcz ulewny też tnij! Tnij i tnij! Takie życie... Ech, rzuci wszystko do diabła i pójdzie. Dokąd? Byle gdzie, a pójdzie. Kto ma przyjaciół nie zgnije w więzieniu. Pójdzie i już!

Wracał na obiad zziązany, spocony i głodny. Ach, żeby już ta sobota!... Wreszcie nadeszła.

Jeszcze kilka godzin w bananalu. Byle do przerwy. Wycinał zapamiętałe olbrzymie łądygi traw i krzaki, które po ostatniej trzebieży zdążyły już puścić rozkraczane pędy.

Odetchnął z ulgą słysząc róg, wzywający na podwieczorek. Po kawie już nie pójdzie do bananalu. Otarł pot rękawem koszuli i ruszył do domu. W domu zrzucił przepocone ubranie, wykapał się w zimnej wodzie strumienia i przebrał.

Stara paka potrafi wyczuć zapach ludzkiego potu — wiedział o tym dobrze. Wywiesił na słońcu worek, żeby go wywietrzył, obejrzał naboje. Wyciągnął się pitem na łóżku, wypoczywał.

O czwartej szedł już szybko w kierunku Piassaguery. Biegł prawie. Koło Pitala, na zakręcie, posłyszał głosy ludzkie. W jednej chwili ukrył się w lesie. Lepiej nie spotykać się z nikim. Dwie postacie, objuczone strzelbami i plecakami, minęły go o parę kroków. Poznał myśliwych. Szli do Cruz, już od trzech lat tam chodzili.

Pobiegł dalej.

Niebo było jasne; srebrzyły się czubki wzgórz Jurubatuly, ale ptactwo już ogłaszało zbliżający się wypoczynek.

Dotarł wreszcie do wielkiego głazu. Tu. Dał nura w las i wkrótce odnalazł swoje banany.

Rozejrzał się, upatrzył grupę drzew, wyrastających jak gdyby z jednego pnia. Czepiając się lian wspinał się na wysokość paru metrów. Doskonale miejsce na estalejrę. Z odległości kilkunastu kroków widział banany jak na dłoni.

Ześlizgnął się na ziemię, odszedł daleko w bok, wybrał parę młodych drzewek, grubych na dwa cale. Zrąbał je, poobcinał gałązki, przyciągnął pod drzewa upatrzone na estalejrę. Wrócił po liany. Wybierał starannie; musiały być

cienkie, giętkie i mocne. Związał dwa drągi razem, wdrapał się na drzewo. Zaparł się mocno, wciągnął drągi i rozpoczął budowę.

Wiedział, że estalejrę trzeba mieć wygodną. Jeżeli zrobić byle jak — nogi szybko zdrętwieją, zaczniesz się wiercić, hałas. A przecież paka ma doskonały słuch, widzi w nocy jak w dzień. Posłyszysz, zobaczy i pójdzie sobie, aby wrócić dopiero nad ranem, albo i wcale.

Przeciął drągi, uwiązał je mocno lianami do dwóch pni, siedzenie było gotowe. Pracował szybko, pot zalewał mu oczy. Komary cięły przez cienką koszulę, przylepioną do ciała.

Usiadł, ujął strzelbę, mierzył do bananów. Zaznaczył fakonem wysokość na pniu i zjechał na dół po resztę drążków. Teraz pozostało tylko wykończenie. Umocował cienki drążek jako oparcie dla lufy i dodał dwa mocne drągi pod stopy, starannie przymocowując je lianami do pnia. Wiedział, że po godzinie siedzenia na twardych drągach nogi zdrętwieją i będzie musiał zmieniać pozycję właśnie wtedy, gdy paka przycupnie w pobliżu.

Guilherme nie będzie się wiercił. Guilherme uniesie się bardzo, bardzo powoli, postoi kwadrans, aż mu krew zacznie ponownie krążyć normalnie i równie ostrożnie siądzie na drągach.

Wreszcie estaleira była gotowa. Usiadł jeszcze raz, rozejrzał się, obciął parę gałązek, zasłaniających widok na banany i zsunął się na dół.

— Teraz mi się nie wymknie, — myślał. — Co za szczęście, że Severino nie ma. Kołdry rządowe! Ho, ho, poważna sprawa!...

Miał jeszcze z godzinę czasu. Wrócił na ścieżkę i usadowił się wygodnie w gąszczu, oparłszy się plecami o wielki, ciepły głaz.

Wyciągnął z kieszeni tytoń zwinięty w rolkę, pociął go na dłoni scyzorykiem, rozkruszył, zawinął w liść kukurydziany. Palił, zaciągając się głęboko.

Był w doskonałym humorze. Polowanie zapowiadało się jak najlepiej. Paka przyjdzie z pewnością. Dlaczego miała by nie przyjść? Noc ciemna. Estalejra jak złoto. Trzeba by ją, właściwie, zbudować wczoraj, nie dziś, w ostatniej chwili. Za wiele świeżych śladów. A nuż paka poczuje, zacznie krążyć dokoła i nie ruszy bananów? Tak już przecież bywało. Ech, będzie ją miał, zabije.

— Si Deus quiser — poprawił się, odpędzając wątpliwości.

Wieczór zaciągał na niebie fioletowe zasłony, drzewa odmawiały litanie, z nad rzeki dolatywało nawoływanie się sarakur. Na wzgórzach, za rzeką, odezwał się uru. Uru, uru, uru, uru... — brzmiał czysty jak dzwon nieszporny głos. Przyłączył się do niego drugi, potem trzeci, czwarty, aż cała dolina wypełniła się chórem, kołysanką leśną, zapowiadając nocny odpoczynek.

Uru milkną. Jeszcze wypiewuje donośnie i czysto starszy w rodzie i urywa krótko. Cisza bierze dolinę w posiadanie tylko żaby kumkają pracowicie w bagnach.

Już czas! Guilherme podniósł się.

Szedł, stąpając uważnie, unikając hałasu. W pewnej chwili stanął. Miał przed sobą o kilkadziesiąt kroków sewę. Skręcił ostro w prawo, zataczając szeroki łuk. Pilnie się rozglądał aby nie stracić kierunku, przeszedł pod estaleirą, zrobił ze dwadzieścia kroków, wrócił własnym śladem i jak kot wdrapał się na górę.

Rozłożył worek na drągach, wciągnął sweter, usadowił się, oparł lufę o poprzeczkę, zaświecił latarkę. W świetle jej banany wydawały się bliższe. Wyregulował ognisko latarki, ułamał cienką gałązkę do spędzania komarów z twarzy, zawiesił torbę i fakon na gałęzi, żeby nie przeszkadzały, zgasił latarkę i zamarł bez ruchu.

Na tle jasnego jeszcze nieba ostro się rysowały wierzchołki drzew. Pnie ginęły w mroku gęstego poszycia.

Bzykały komary zwabione zapachem potu. Guilherme naciągnął rękawy swetra na ręce, żeby się zabezpieczyć przed nimi i ledwo dostrzegalnym ruchem spędzał je gałązką z twarzy i uszu. Siedział jak pomnik. Wiedział, że trzeba wytrzymać tę najgorszą godzinę, nie niepokojąc komarów zbędnymi gestami. Później będzie lżej. Polecą dalej, zostanie tylko parę. Kłui, bo kłui ale śwędzenie mu nie dokuczalo. Był przyzwyczajony.

Bezksiężycowa noc zapadła szybko. Si na kopuła nieba, roświetlona od strony Santos, kończyła się łamaną linią na wzgórzach Jurabatuby. Pod nim, na zboczach, wszystko tonęło w mroku. Jeszcze parę minut i ściemni się zupełnie. Tylko czekać i nie ruszać się.

Teraz paka wyłazi z nory i idzie na banany. Czasem człapie ale przeważnie skrada się swoim szlakiem tak cicho, że żadne ucho nie dosłyszysz. Gdy napotka świeży ślad myśliwego idzie za nim, sia-

89
da w pobliżu bananów, często pod myśliwym i czeka. Czeką pół godziny, godzinę. Niech myśliwy pokręci się na drążkach, wrzynających się nielitościwie w ciało, a paka natychmiast się wyprowadza. Skrada się przy tym tak cicho, że myśliwy zaledwie się domyśla, iż poszła.

I później trzeba mieć cierpliwość. Może wróci ale kiedy? Przyjdzie cichaczem i znowu będzie wyczekiwała ruchu myśliwego.

Trzasnęła gałązka: jakby kto złamał zapałkę. I cisza. Trzasnęła druga parę metrów dalej. Zaszleściło... Znowu cisza.

Zaszleściło koło bananów. Serce Guilherme zabiło mocniej. Znowu zaszleściło, tym razem po drugiej stronie bananów. Płynęły minuty. I znowu — to szelest — to trzask. To tu, to tam. To tu, to tam...

W pewnej chwili Guilherme wyczuł, że na bananach coś jest. Z ciemności nie dołatywał żaden dźwięk. Ale on czuł zwierzynek tak jak ją czuje pies. Ostrożnie podniósł latarkę, nacisnął guzik.

Na wiązce bananów siedziała rapoza i zażerała się owocami. Oczy jej się świeciły jak dwa rozżarzone węgle. Jadła żarłocznie banan po bananie, pozostawiając tylko skórki, a przy tym nie reagowała zupełnie na światło.

Nie, nie będzie strzelał. Trafił by z pewnością ale paka by już wtedy nie przyszła. Nie. Oparł się pokusie.

Ostrożnie wyciągnął z kieszeni kamień i cisnął w rapozę. To poskutkowało. Machnęła lysym, białym ogonem i zniknęła w gąszczu.

Latarka zgasła i Guilherme znalazł się w atramencie nocy. Odległości przestały istnieć. Aby zdać sobie sprawę gdzie jest i że jest musiał zadzierać głowę do góry. Widział tam gwiazdy.

Znowu zapadła cisza. I znowu rozpoczęły się szelesty. Szelesty i susy. To szczyry. Niech je!... Nie było na to rady.

Teraz można się trochę przeciągnąć, bo przecież rapoza dopiero co poszła. Lepiej teraz, niż później.

Podniósł strzelbę i zaczął się wolniutko unosić. Lewą ręką dotykał drzewa by nie stracić równowagi.

Wreszcie wyprostował się i zamarł bez ruchu. Słuchał, a czas płynął. Plum!

Serce w nim zamarło. To, paka skoczyła do wody. Paka! Równie powoli zaczęła powracać do dawnej siedzącej pozycji. Cały zamienił się w słuch. Nic. Mijały minuty, mogło ich być pięć, dwadzieścia, trzydzieści... Na niebie ukazał się księżyc. Zrobiło się trochę widniej.

Zaszleściło tuż pod drzewem. Gdyby mógł zatrzymał by serce. Oddychał miarowo, mając usta szeroko otwarte, żeby się nie zdradzić. Rozległ się głośny, charakterystyczny dla paki szurgot — przebiegła szybko koło bananów. Nie było już wątpliwości. Przyszła. Trzeba tylko patrzeć.

Guilherme oparł lufę o trzy palce lewej ręki, ujął latarkę między palec wskazujący i kciuk prawej w taki sposób aby snop światła był równoległy do lufy.

Był gotów i czekał.

Paka czekała też.

Guilherme było pilno.

Pace wcale.

Cisza. Czyżby zauważyła? Cisza.

Raptem szmer po drugiej stronie bananów. I znowu cisza. Palce trzymające latarkę i lufę zaczynały drętwieć. Aby tylko nie wypuścić latarki. Jeszcze trochę...

Chrup... Paka żarła banany.

Padł snop światła: banany i nic więcej. Światło zgasło. Teraz nie denerwować się i nie ruszać.

Paka urwała banan i zajada w gęstwinie. Nie zdążył. To nic. Niedługo wróci po następny.

Teraz tylko czekać. Guilherme zastygł w bezruchu. Był jak naciągnięty cynkiewicz pistoletu.

Ale minuty mijały, a z nimi rozwiewała się pewność powrotu paki. Po kwadransie nie było już wątpliwości — poszła sobie. Nie wróci wcześniej, niż za dwie godziny. Poszła na spacer. Trudno.

Odłożył latarkę, oparł strzelbę o gałąź, poprawił się na drążkach, odprężył. Trudno. Znał paki. Trzeba mieć z nimi wiele cierpliwości. Nie był nigdy żonaty, więc nie mógł wiedzieć, że nie tylko paki wymagają cierpliwości.

Księżyc zadarł rogi do góry i plamił las białymi płachtami. Pnie drzew przestały istnieć. Ich miejsce zastąpiły maszty okrętowe i ściany jakichś fantastycznych domów nad wodą.

Guilherme walczył ze snem.

Strzelba nie mogła spaść zaklinowana między drzewem, a jego udem. Latarka była zaasekurowana sznurkiem zarzuconym dokoła szyi jak lornetka. Ale jeżeli zaśnie może przespać drugą wizytę paki. A potem co? Czekać do rana i wrócić z niczym? Na to się Guilherme nie zgadzał.

Czas mijał. Palić mu się chciało śmiertelnie, ale zwalczył pokusę. Czekał i czekał.

Aż znowu szelest tuż pod nim. Pak czuła widocznie, że coś nie jest w porządku.

Dziwne, — zastanawiał się — koszulę zmienił, worek wywietrzył... Sweter? Sweter cały czas był w domu. Nie nosił go.

Strzelba i latarka wróciły do dawnej pozycji. Guilherme upodobił się do napiętego łuku.

Znowu szelest. Już koło bananów. Zapalić, czy nie zapalić?

— Zapalę na chwilę..

Cyk — zapalił. Nic.

Znowu cisza, znowu szelest.

— Teraz cię nie wypuszczę — zawiał się.

Chrupnęły banany. Cyk — światło.

Kula w brązowym futrze patrzyła w latarkę parą malinowych świecidełek. Wolno podniósł strzelbę. Paka ruszyła w krzaki ale za późno. Gruchnął strzał. Po chwili Guilherme był już na ziemi. Skoczył ku bananom. Nie ma tu, nie ma tam. Przykłęknął, zaświecił w trawy. Błysnęła czerwień oka. Jest!

Trzymał ją za tylne nogi, podziwiał. Piękna paka. Miała co najmniej osiem kilo. Strzał poszedł w szyć, dobrze mierzył.

Wrzucił zdobycz do worka, ruszył do domu. Zdrętwiałe nogi wymijały pokracznie leśne przeszkody ale wyprowadziły go bez większych trudności na zalaną światłem księżycowym drogę. Księżyc przeglądał się w kałużach, srebrzył rosy, ściagał się z obłokami, które ocean wysyłał do São Paulo jak baloniki.

Guilherme snuł plany.

Teraz musi zbudować jeszcze jedną sewę koło Antonio, w pobliżu rzeki, a drugą koło bambusów na granicy posiadłości Roka, nawet może trochę poza granicą. "Oni" — sąsiedzi — zawsze wlażą na teren Roka, niech wiedzą!

Kompozytor Wojciech Kilar z Katowic uzyskał w Nowym Jorku tegoroczną nagrodę L. Boulanger'a. Wśród utworów napisanych przez niego figuruje kilka symfonii i kilka utworów kameralnych, z których zasługuje na wyróżnienie "Ode in memoriam Bela Bartok".

Kilar ma zamiar kontynuować studia w Paryżu pod kierownictwem Dariusz Milhauda.

Inny młody muzyk z Katowic, pianista Andrzej Jasiński, uzyskał pierwszą nagrodę na Szóstym Międzynarodowym Konkursie Fortepianowym M. Canals w Barcelonie. Jury kon-

W KILKU WIERSZACH

(D. c. ze str. 4-tej)

kursu przyznało mu nagrodę jednomyślnie.

Mechanizacja prac biurowych nie jest jeszcze dostatecznie rozwinięta w Polsce. Jeżeli chodzi o t. zw. wielką mechanizację istnieje w tej chwili 31 stacji maszyn analitycznych obrachunkowych (SMAL) zaopatrzonych w 151 zespołów tych maszyn.

Ewa Krzyżewska, wykonawczyni głównych ról w filmie: — "Popiół i diament" uznana zos-

tała przez Akademię Kinematograficzną w Paryżu za najlepszą zagraniczną aktorkę filmową.

Krzyżewska, którą w prasie zachodniej nazywa się polską Audrey Hepburn, przebywa obecnie w Jugosławii, gdzie gra w filmie: "Wojna" według scenariusza Cezare Zavattini.

W grudniu b.r. odbędzie się nowy, piąty z kolei, a trzeci po wojnie spis powszechny w Polsce.

Do przeprowadzenia całego skomplikowanego przedsięwzięcia musi stanąć około 200 tysięcy rachmistrzów, którzy przez kilkanaście dni przeprowadzać będą prace spisowe.

Materiały spisowe — to ni mniej ni więcej, tylko — jak się oblicza... 30 wagonów formularzy! Przy pracach tych zatrudnionych zostanie kilkaset osób na przeciąg około 3 lat. Wyniki spisu zostaną za pomocą maszyn matematycznych i analitycznych poddane w GUS'ie segregacji i odpowiedniej klasyfikacji.

Kopalnie Króla Salomona

JANINA PFEFER

WULKAN OZORNO
NAD JEZIOREM
LLANQUE HUE



Owego roku wybrałam się do Chile.

Z Santiago pamiętam niewiele. Jednego dnia przyjechałam, a już nazajutrz wyruszyłam pociągiem turystycznym do portu Varras. Pociąg luksusowy: szerokie, kryształowe szyby; ruchome fotele; wspaniała restauracja. Przejazd trwa 17 godzin. Nie kończący się kalejdoskop plaż i pól, dolin i wzniesień, przełęczy i tuneli.

O 12 w nocy wysiadam na małej stacyjce. Prowadzą mnie do hotelu, kładę się spać. Rano, po przebudzeniu, nie zdaję sobie sprawy gdzie jestem. Półmrok. Podchodzę bosą do okna, rozsuwam zasłonę.

Przede mną roztacza się największe jezioro chilijskie, Llanque Hue. Poprzez klomby ogrodu hotelowego, pełne kwiatów i krzewów ozdoba-

nych, lśni jego powierzchnia, rozległa i majestatyczna. Na widnokręgu, po przeciwległej stronie, wznosi się pokryty śniegiem wulkan Ozorno. Wygląda jakby kołysał się; podstawa jego ginie w bladej mgle poranku. Przypomina do złudzenia świętą górę Japonii, Fudzi-Jamę. Po prawej stronie widać, podobny do komina fabrycznego, wulkan Pontagudo.

Całe przedpołudnie spędzam na jeziorze. Spokój, cisza.

Zwiedzam romantyczną wysepkę Lorelei, o nazwie jak z ballady Heinego, położoną na niewielkiej lagunie. Płyńcie się tam płaskodenną łódeczką, wślizgując się przez tunel splecionych nad wodą drzew. Wyspa, pokryta bujną roślinnością, stanowi schronisko dla niezliczonego mnóstwa ptactwa wodnego. Jest

górzysta; na szczycie znajduje się urczy domek — nie trzech ale dziewięciu dziewcząt, które wraz z matką prowadzą pensjonat. Dziewczęta przyrządzają wspaniałą kawę i robią torty, że paluszki lizać!...

Nazajutrz skoro świt siedzę już w małym autobusie, wiozącym mnie do Petro-Hue. Wodospady rzeki Petro-Hue odznaczają się zupełnie niebywałą barwą. Szmaragdy z kopalń króla Salomona musiały mieć taką właśnie barwę.

Nawet krople, rozpryskujące się w powietrzu na drobny pył, mają ten cudowny zielony odcień, a drgająca nad wodospadem mgła iskrzy się wszystkimi kolorami tęczy.

Sąsiednie jezioro Esmeralda jest równie zielone. Ma ono głęboki szmaragdowy ton, niekiedy zaś, gdy promienie słoneczne załamują się w falach, przedziwnie zmienny. Nie sposób tego opisać. Wody jeziora są przy tym tak przezroczyste, że dostrzega się najdrobniejsze przedmioty na jego dnie.

Płynę dwie godziny z jednego krańca Esmeraldy na drugi.

W połowie drogi mijamy wysunięty w jezioro cypel, a na nim niewielki zameczek, otoczony drzewami, z kwietnikami schodzącymi aż do brzegów. Kwietniki połyskują czerwienią, fioletem i złotem. Gorejącą tę plamę długo widać z pokładu naszego statku, mimo woli przyciąga wzrok.

Skały wybrzeża raz zbliżają się, raz oddalają od nas. Wydaje się, że płyniemy w jakimś fantastycznym, nierealnym świecie, gdzie wszystko się zespala: błękitne niebo, zielona woda i powietrze, przetkane niemi promieni słonecznych.

Znowu autobus, kołyszący się na miękkiej drodze, usłanej liśćmi. Do koła las, pełen woni kwiatów, jagód, gnijących roślin i grzybów. Ten za-

pach przypomina nasze polskie lasy, a szczególnie jeden, ukochany, w okolicy jezior Augustowskich, gdzie co roku spędzałam część letnich wakacji. Gdy koła wozu trafiają na poplątane korzenie — wykonujemy skok i opadamy z lekkim jękiem na niezbyt miękkie siedzenie. Przywraca to mi trochę poczucie rzeczywistości.

Las jest istotnie imponujący. Duże, stare drzewa całe spowite epifitami, okręcone lianami. Coś w rodzaju powoju o drobnych, jaskrawo czerwonych kwiatkach sięga aż do koron tych leśnych olbrzymów. Kwiatki przypominają do złudzenia nasze koraliki z odpustu, a jest ich tyle, że niektóre drzewa wyglądają jak choinki przystrojone na Boże Narodzenie.

Proszę o zatrzymanie na chwilę autobusu. Wracam obciążona gąbkami gałązkami, gęsto usianymi koralikami. Są delikatne, szalenie dekoracyjne i wydzielają nikły zapach gorzkich migdałów.

Inni pasażerowie poszli za moim przykładem i wkrótce cały wóz wypełnił się nęcąciami kwiatów, ale

trzeba je było rychło wyrzucić, ponieważ zapach ich odurzał i otumaniał.

Przejeżdżamy koło uroczych domków całkowicie zbudowanych z drewna ze starannie utrzymanymi ogrodami pełnymi kwiatów. Uderza duża ilość kwiatów w tym kraju. Każda najskromniejsza chałupka otoczona jest klombami, w oknach doniczki z fuksjami i pelargoniami. Mnóstwo drzew owocowych. Ogrodnictwo i sadownictwo, głęboko zakorzenione, świadczy o kulturze mieszkańców i zrozumieniu przez nich faktu, że kultura kwiatów i owocarstwo są jednym z atutów przyciągających do kraju turystów z całego świata.

Zbliża się zachód słońca, a z nim i kres podróży. Nocujemy w hotelu na granicy chilijsko-argentyńskiej, w Puella, nad jeziorem o poetyckiej nazwie Laguna Fria. Wody tego jeziora są też zielone, inne jednakże od szmaragdów Esmeraldy. Wydaje się, że złośliwy czarownik wylał tu wiele ton mleka. Jezioro zawdzięcza tę barwę wapiennemu swemu podłożu.

Laguna Fria jest wąska, ma bar-

dzo ostre kamienne brzegi, które niekiedy zbliżają się do siebie na kilkadziesiąt metrów. Po jeziorze kursują motorówki o bardzo szerokich pokładach. Wożą one chmurę podróżnych, przeważnie Amerykanów o ogromnej ilości bagaży, i jeszcze większej dolarów.

Spędzam w Puella noc i cały następny dzień. Spaceruję drózkami wijącymi się wśród skał, wyleguję się na leżaku. Jest mi dobrze, a jednocześnie smutno. Wiem, że opuszczę na zawsze Chile, że nigdy tu nie wrócę.

Cóż robić? Słusznie mówią Francuzi, że — *partir c'est mourir un peu*.

Janina Pfefer

Z OSTATNIEJ CHWILI

Dnia 24 lipca b. r. zmarł w São Paulo ś. p. Aleksander Zaleski. Zmarły cieszył się dużym uznaniem w kołach adwokatury warszawskiej. W Brazylii przebywał od dwóch lat.

R O D O F I E L S. A.

excelente em transportes

Projekty i wykonanie
przemysłowych instalacji
elektrycznych niskiego
i wysokiego napięcia

* ★ *

Badanie i filtrowanie
oleju transformatorów

ELOBRA

Obras Elétricas Ltda.

Br. Tobias, 356 - 10.º

conj. 103.º

Te.: 34-0806

São Paulo

FERRAMENTAS FIRST LTDA.

PRIMEIRO NOME EM FERRAMENTAS

ESPECIALISTAS EM FERRAMENTAS DE CORTE

BITS

BROCAS

FRESAS

MACHOS

COSSINETES

PLACAS

ALPREGADORES

PASTILHAS DE METAL

DURO ETC.

Rua Florêncio de Abreu, 78 — Fones: 35-5843

e 35-2343

SÃO PAULO

STRONICA PARAŃSKA

Wieści z Ponta Grossa

Istniejące od z górą sześćdziesięciu lat stowarzyszenie polskie w mieście Ponta Grossa, po wielu perypetiach dziejowych, dzięki energicznej postawie garści założycieli oraz ich potomków, utrzymało swój charakter narodowy, świecąc przykładem wielu innym ośrodkom polskim w Paranie. Towarzystwo posiada obecnie około 300 członków. Staraniem członków wybudowany został okazały budynek piętrowy prawie w centrum miasta. Budynek wykończono niedawno, a praca koło niego i spiąta zaciągniętego długu pochłonęły znaczną część energii poprzednich zarządów. Mimo to w ciągu ostatnich lat Towarzystwo Odrodzenie prowadziło ożywioną działalność kulturalną.

Patronowało ono w ub. roku urzędzeniu pierwszego w Paranie Konkursu Szopenowskiego i pierwszemu po wojnie zjazdowi działaczy polonijnych, jak również koncertom i występom polskim w Ponta Grossa. Urządzało też festiwale taneczne polsko-brazylijskie (posiada własny zespół taneczny). Ponadto prowadzi od trzech lat kursy języka polskiego dla młodzieży gimnazjalnej, ostatnio pod kierunkiem p. Heleny Jarmulińskiej. Korzysta z nich obecnie 22 słuchaczy. Towarzystwo ma bibliotekę dwujęzyczną i organizuje świetlicę. Przystąpiło też do zorganizowania stałej wystawy fotograficznej Polski współczesnej. Na otwarcie Millenium Towarzystwo zamierza wystąpić z festiwalem tańców narodowych w strojach z ubiegłego stulecia.

Już trzeci rok patronuje Towarzystwo Odrodzenie programom niedzielным w tutejszych rozgłośniach radiowych, nadawanym p. t.: "Hora Polonesa". W ramach tych programów dwujęzycznych, połączonych z muzyką polską, nadano w ciągu półtora roku syntezę historyczną polskiego Tysiąclecia zatytułowaną: "O Milênio da História e Cultura da Polónia" po raz pierwszy w języku portugalskim. Audycję opracowali: W. Wójcik i T. Krul. Tekst jej, zgodnie z uchwałą regionalnego komitetu Tysiąclecia, ma być użyty do pamiątkowego albumu, ilustrowanego reprodukcjami obrazów historycznych. Komitet postanowił album ten wydać i dochód z jego sprzedaży przeznaczyć na budowę szkoły Tysiąclecia w Kołobrzegu, zainicjowanej przez inż. Fr. Gryzełkę z Rio de Janeiro.

Komitet regionalny uczczenia Tysiąclecia składa się z wybitniejszych działaczy polonijnych środkowej Parany. Na otwarcie uroczystości Tysiąclecia w Polsce i rocznicę Grunwaldu wybiera się z Ponta Grossy statkiem skarbnik Towarzystwa p. Julian Łągo z żoną i córką. Poza tym przewiduje się jeszcze wysłanie dwóch delegatów samolotem.

Prezesem Towarzystwa Odrodzenie, już wielokrotnym, jest p. Klemens Zawadzki. Przewodniczącym Komitetu Tysiąclecia jest p. Teodor Straszewski, nator kolonii polskiej w Ponta Grossa.

W. W.

Dzieje wychodźstwa w Paranie

W. Wójcik kończy opracowanie monograficzne dziejów wychodźstwa lubelskiego w Paranie z okazji pięćdziesięciolecia masowej emigracji wyrobników folwarcznych z dawnej gubernii lubelskiej do Brazylii i skolonizowania przez nich dorzeczy Ivaí oraz Iguacú w Paranie. Praca ma się ukazać nakładem Ludowej Spółdzielni Wydawniczej w Warszawie. Tenże autor przygotował na konkurs Polonii w Warszawie pamiętnik emigranta p. t.: "Przez pampasy Paragwaju".

Notariusz w Tres Bicos, Zbigniew M. Wójcik, ukończył przekład na język portugalski powieści historycznej I. Kraśzewskiego: "Stara Baśń".

W. W.

Jubileusz T-wa. Im. Tadeusza Kościuszki

Towarzystwo im. Tadeusza Kościuszki (obecnie "União e Paz") w Kurytybie obchodzi w r. b. siedemdziesięciolecie swego istnienia. Przypomnienie tej daty zasługuje na specjalną uwagę, ponieważ Towarzystwo im. Kościuszki było pierwszą organizacją polską w Brazylii, stając się "źródłem natchnienia" dla innych ośrodków polonijnych.

"W niedzielę 15 czerwca 1890 r. — czytamy w protokole założycielskim — odbyło się zebranie w mieszkaniu Aleksego Waberskiego. Obecni: Ignacy Waberski, Sebastian Woś Saporski, Adam Stachowski, Franciszek Moczko, Walenty Banach, Aleksy Waberski, ks. Andrzej Działkowiec, Karol Szulc, Józef Skroch, Fabian Barcik, Szymon Otto, Jakub Sobania, Ignacy Flizikowski, Franciszek Nadolny i Leon Rafałowicz. Przewodniczący, Ignacy Waberski, oświadczył, że w Kurytybie zamieszkuje 22 uświadomionych Polaków, którzy mogą Towarzystwo utrzymać. Towa-

rzystwo będzie źródłem wszelkiego działania, z którego ma wypłynąć siła postępu na każdym polu kultury. Towarzystwo zaprowadzi bibliotekę, gazety, będzie pielęgnować śpiew narodowy, będą odbywać się zabawy — tak, że każdy członek znajdzie w Towarzystwie nie tylko źródło oświaty, ale i miejsce zabawy i rozrywki..."

"Zakładamy w dniu dzisiejszym Towarzystwo Polskie Tadeusz Kościuszko... Zobowiązujemy się jednocześnie dążyć razem, a żeby Towarzystwo na wzór Tadeusza Kościuszki swoje zadania i cele sumiennie i honorowo wypełniało..."

Wybrano zarząd w następującym składzie: Adam Stachowski, prezes, S. E. Woś Saporski — wiceprezes, Ignacy Waberski — sekretarz, W. Banach — skarbnik i Aleksy Waberski — bibliotekarz.

Do zarządu wszedł m. in. Saporski, "ojciec kolonizacji polskiej w Paranie", który sprowadził pierwszych Polaków do Parany i stworzył w pobliżu Kurytyby "Nową Polonię". Saporski ofiarował Towarzystwu duży plac, na którym zbudowano pierwszą w Kurytybie szkołę polską Towarzystwa im. Kościuszki.

Zaznaczyć należy, że założycielami Towarzystwa byli emigranci Opolanie i Poznaniacy.

Przykład Polaków kurytybskich pobudził do życia inne środowiska. Już w listopadzie 1890 r. powstało w Rio de Janeiro Towarzystwo "Zgoda". W następnej kolejności powstają: Towarzystwo im. Kazimierza Pułaskiego w São Mateus w Paranie, Towarzystwo im. Księcia Józefa Poniatowskiego w São Paulo itd.

W r. 1892 Karol Szulc zaczął wydawać tygodnik "Gazeta Polska". Na łamach tego pisma drukuje się apele i wezwania organizacyjne. Od tego czasu rodzą się nowe towarzystwa i szkoły polskie, pokrywając rozległą siecią cały kraj. Towarzystwo im. T. Kościuszki służyło nowym organizacjom radami i wzorem swego statutu.

Przez księgę członkowską Towarzystwa im. Kościuszki przewinęli się prawie wszyscy wybitniejsi Polacy przybywający z wizytą lub na stałe do Brazylii.

Pierwszymi nauczycielami w szkole Towarzystwa im. Kościuszki byli światli wychowawcy: Aleksander Krakowski, Bielski, Jan Zytko i inni. Przy Towarzystwie istniało Kółko Śpiewacze, założone i prowadzone przez Ignacego Waberskiego. Urządzano obchody rocznic narodowych, przedstawienia sceniczne, kursy dla dorosłych. Własną ofiarnością członków wzniesiono piękny budynek, dotąd istniejący.

W dniu jubileuszu życzymy zasłużonemu Towarzystwu długich lat owocnej działalności i jak największego rozwoju.

Wojciech Breowicz

SPROSTOWANIE

Znany pisarz polski, zamieszkały w Rio de Janeiro, p. Jerzy Kossowski, prosi nas o zaznaczenie, że nie ma nic wspólnego z autorem opowiadania p. t. "Zielone oczy", zamieszczonym w nr. 2 "Przeglądu Polskiego", aczkolwiek pod identycznym pseudonimem "Jerzy Kos" pisywał przed wojną.

Z życia sportowego w Kurytybie

Stowarzyszenie "Juventus" w Kurytybie (dawniej Junak) jest chyba jedynym polskim klubem sportowym w Brazylii. Stare to stowarzyszenie, pamiętające jeszcze czasy przedwojenne, rozporządza własnym terenem sportowym, położonym w samym mieście.

Niegdyś prowadziło ono ożywioną działalność, posiadało szereg sekcji sportowych. Dziś istnieją tylko dwie sekcje: piłki nożnej i... kręgli. Drużyna piłki nożnej klubu bierze udział w rozgrywkach okręgowej ligi młodzieżowej i znajduje się obecnie na pierwszym miejscu.

Teren sportowy stowarzyszenia jest bardzo obszerny. Liczy 34 hektary. Gro-

dzi się go obecnie parkanem murowanym.

Klub posiada boisko piłki nożnej i pływalnię.

Boisko piłki nożnej jest dość prymitywne, bez trybun. Nadaje się właściwie tylko do treningów.

Pływalnia, urządzona komfortowo, rozporządza agregatem do chlorowania i oczyszczania wody. Niestety, może być używana jedynie przez pięć miesięcy w roku w okresie wiosenno-letnim, ponieważ pozbawiona jest urządzeń do ogrzewania wody.

S. A.

PORADY W SPRAWACH NIERUCHOMOŚCI

Redakcja zawiadamia, że od 3-go numeru pisma udzielane będą dla Czytelników bezpłatne porady w sprawach szacunku, sprzedaży i kupna nieruchomości.

MIRVAINE Importação Ltda.

—★—

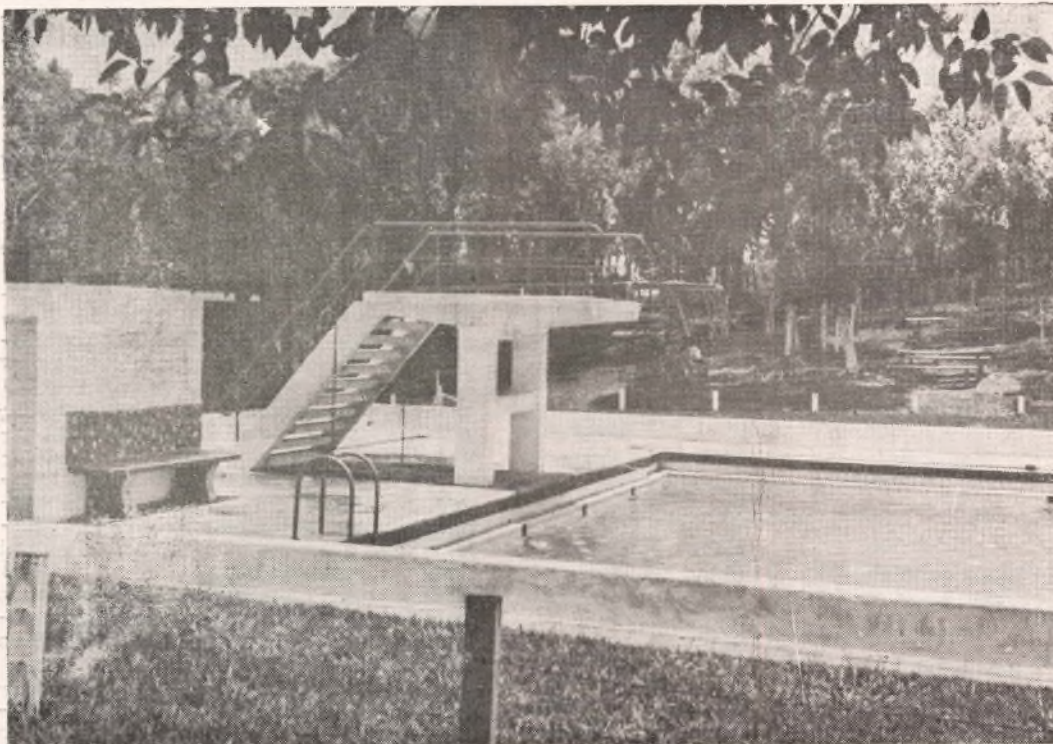
Importação de relógios

Rua Cons. Crispiniano, 379

6.º Andar — Sala 604

Telefone: 35-3846

SÃO PAULO



PLÝWALNIA
STOWARZYSZENIA
"JUVENTUS"

W KURYTYBIE

PERFUMY I KOSMETYKI po cenach fabrycznych

Wody kolońskie na olejkach francuskich — butelka 1 lit. Cr\$ 300,00 ½ l. Cr\$ 160,00. — Szampon — usuwa łupież, kurz i zbędny tłuszcz — butelka ½ l. Cr\$ 90,00. — Sole do kąpielii — odchudzają bez narażania zdrowia na szwank. — Chaves-pum — mydło specjalne do kąpielii pod prysznicem — tuzin Cr\$ 360,00, ½ tuzina — Cr\$ 180,00.

Kupujcie bezpośrednio w wytwórni:

INDÚSTRIAS COSMÉTICAS FRANCEZAS

Rua Vitorino Carmilo, 330, São Paulo. — Tel.: 52-4095

Zakupy w São Paulo wysyłamy do domu, na prowincję wysyłamy pocztą za zaliczeniem.

NA WEEK-ENDY I WAKACJE

przyjmuje miłych gości

RANCHO BOA ESPERANÇA, SÃO JOÃO NOVO
1.000 m. n.p. morza, źródła wody mineralnej, uroczne spacery, konie pod wierzch, owoce.

Apartamenty z wodą bieżącą i światłem elektrycznym, kuchnia polska i jarska. CENY UMIARKOWANE.

Odległość od São Paulo — koleją 1 i ½ godz. Estr. Sorocabana lub drogą kołową 45 km. przez Osasco, Itapevi, Santa Rita, São João Novo.

Informacje telefonicznie: tel.: 35-5584 lub
Caixa Postal, 6335, São Paulo.

W pracowni Eleonory Żyto

Nie każdy wie, że w Kurytybie mieszka i tworzy utalentowana rzeźbiarka polska, p. Eleonora Żyto.

Zapoznajemy się z p. Eleonorą w jej mieszkaniu całym zastawionym i zawieszonym dziełami sztuki. Rzucają się w oczy oryginalne maski dekoracyjne, wykonane ze specjalnej masy niepalnej i nietłukącej się pomysłu p. Żyto. Artystka nie ogranicza się do rzeźbienia masek, jest ona autorką szeregu popiersi i kompozycji figuralnych. Interesujące są zwłaszcza brazylijskie lalki ludowe, między którymi wyróżniają się: Analia i Maracangalia, para ze znanej piosenki Dorival Caimi.

Rzeźbiarka stosuje w swej pracy styl realistyczny. Ostatnio jednak w technice jej zaznacza się wpływ surrealizmu. Zaslugują na uwagę maski murzyńskie, w których lekka deformacja pozwala na uwydatnienie nastroju i cech charakterystycznych portretowanego modelu.



ARTYSTKA W CZASIE JEDNEJ Z WYSTAW SWYCH PRAC

P. Żyto ujawniła swój talent rzeźbiarski stosunkowo niedawno, przed czterema laty, ale, jak powiada, całe życie miała pociąg do zdobnictwa.

— Pewnego razu — mówi — kupiłam glinę ale jakoś nie mogłam się zabrać do roboty. Dopiero dzięki walca Straussa, piynące z głośnika radiowego, pozwoliły na przezwyciężenie oporów wewnętrznych. Wyrzeźbiłam biust kobiety. Figurkę tę zobaczyła jedna ze znajomych i twierdząc, że mam talent, zaprowadziła do znanego rzeźbiarza brazylijskiego, Flori Gama, u którego przez rok pobierałam lekcje. I tak się zaczęło.

Dowiadujemy się, że artystka wystawiła swe prace po raz pierwszy w Rio de Janeiro w roku 1957. Ostatnia jej wystawa odbyła się w Kurytybie w roku 1959 w salonach Galeria Cocaco i, sądząc z recenzji, cieszyła się zasłużonym powodzeniem. Za kilka miesięcy zobaczymy maski p. Żyto w São Paulo, prawdopodobnie w Klubie 44.

S. A.

R O D O F I E L S. A.

excelente em transportes

Festiwal Artystyczny w Kurytybie

W dniu 23 kwietnia b. r. w wielkiej sali teatralnej stowarzyszenia polskiego "União-Juventus" w Kurytybie odbyła się impreza artystyczna, w której wzięły udział chóry Bratów, Ceciliano i polski Chór Folklorystyczny w ogólnej liczbie 120 osób pod batutą ks. Szymona Tadeusza Kalinowskiego oraz czterech soliści.

W programie koncertu znalazły się dzieła: Jana Sebastiana Bacha, Schuberta oraz pieśni ludowe włoskie, brazylijskie i polskie. Szczególnie wzruszająco wypadły te ostatnie. Polski Chór Folklorystyczny zawiązał się dopiero przed niewiele tygodniami i nie można wymagać, aby w tak krótkim czasie doszedł do perfekcji. Znać już jednak było pewne zgranie, głosy są świeże i ładne.

Wśród solistów dobrze wypadły kobiety Maria Souza i Helena Kalinowska. Ta ostatnia rozporządza niewielkim wprawdzie ale wyszkolonym sopranem lirycznym. Aria z Traviaty Verdiego w jej wykonaniu podana została z umiarem i wyczuciem artystycznym. Młodej śpiewaczce brak jeszcze nieco obycia scenicznego.

Ks. Kalinowski doskonale dyrygował chórmi. Szczególnie pięknie wypadł pod jego batutą chór Ceciliano.

Na minus imprezy zapisać należy brak akompaniamentu przy występach chóralnych.

S. A.

Zamówienia na książki

Przyjmujemy zamówienia na wszelkiego rodzaju książki z zakresu: techniki, literatury krajowej i zagranicznej w jakimkolwiek języku.

Czytelnicy "Przeglądu Polskiego" otrzymują 15% rabatu od cen księgarskich.

Książki wysyłamy za zaliczeniem.

SÃO PAULO, CAIXA POSTAL, 4760

IKA

FABRICA DE MALAS E ARTIGOS DE VIAGEM

Najnowocześniejsza i najlepsza fabryka walizek w Ameryce Łacińskiej

CURITIBA - PARANÁ

Fábrica e escritório:

Av. N. S. Aparecida, 3381 (Seminário)

Fone: 4-2864 - escritório,

4-2606 - fábrica

Caixa Postal, 210

CONSTRUTORA Moderna Ltda.

ENGENHARIA — ARQUITETURA
CONSTRUÇÕES

Escritório:

Rua Xavier de Toledo, 264

S/ 54/55 — Tel.:34-0810

SÃO PAULO

Piękna placówka handlowa



COMERCIAL POLPARANÁ S.A.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO — REPRESENTAÇÕES

TRATORES DE ESTEIRAS - TRATORES DE PNEUS - IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS - COLHEDEIRAS - CARRETAS - MAQUINÁRIA PARA TERRAPLANAGEM E EQUIPAMENTOS CONGENERES - ESCAVADEIRAS - ARAMES-GRAMPOS MÁQUINAS OPERATRIZES - MATERIAIS ELÉTRICOS - CENTRAIS TELEFÔNICAS - EQUIPAMENTOS CIRÚRGICOS - APARELHOS CIENTÍFICOS PARA LABORATÓRIOS - MOTORES ESTACIONÁRIOS - MAQUINÁRIAS E EQUIPAMENTOS P/ INDÚSTRIAS - BEBIDAS E COMPOTAS ESTRANGEIRAS.

ALAMEDA CARLOS DE CARVALHO, 356/360 - FONE: 4-1574

CURITIBA — PARANÁ — BRASIL

Być w Kurytybie i nie odwiedzić przedsiębiorstwa POLPARANÁ S.A. to bez mała tak samo jak być w Rzymie i nie zobaczyć Papieża.

POLPARANÁ mieści się przy ulicy Carlos de Carvalho, 356. W dużym pomieszczeniu parterowym na każdym kroku coś przypomina Polskę. Czy to będą traktory "Ursus", czy też rozwieszane na ścianach fotografie pejzaży i fabryk polskich — wszystko świadczy o zainteresowaniu i miłości właścicieli do kraju ojczystego.

P. Julian Zawadzki, który nas oprowadza po sklepie, wyjaśnia, że przedsiębiorstwo powstało dopiero w maju 1958 roku. Członkami założycielami było 20 Polaków, w większości obywateli brazylijskich. Założycielom chodziło przede wszystkim o ożywienie handlu z Polską. Przedsiębiorstwo importuje z Polski maszyny rolnicze, narzędzia, drut kolczasty, a ostatnio także wódki, przetwory owocowe i skoble.

Niestety, import nie jest oparty na trwałych podstawach. Z chwilą uruchomienia w Brazylii produkcji jakiegoś artykułu, dotychczas importowanego zza granicy, ulegają automatycznie zwwyżce cła przywozowe na ten artykuł i import staje się nieopłacalny. Tak, np. traktory "Ursus", które zaczęły już zdobywać tutejszy rynek, będą mogły być sprowadzane jedynie do końca czerwca b. r., jeżeli firma nie otrzyma nowej licencji.

Zadajemy p. Zawadzkiemu kilka niedyskretnych pytań osobistych. Okazuje się, że urodził się w Paranie, liczy lat 41, jest żonaty z Brazylianką polskiego pochodzenia, ma jedną córkę. Ukończył polską szkołę średnią im. Kopernika w Marechal Mallet, potem studiował księgowość. Jego hobby to sport. Grał z powodzeniem w siatkówkę i koszykówkę. Po wycofaniu się z czynnego życia sportowego bierze bez przerwy udział w zarządzie Stowarzyszenia "Junak" (obecnie "União-Juventus"). W ciągu pięciu lat pełnił nawet obowiązki prezesa tej organizacji.

S.A.

Construções Mecânicas Rozenowicz Ltda.

Transportadores
Alimentadores
Elevadores
Peneiras
Moinhos de martelos
Estruturas metálicas

Rua da Balsa, 10 PIQUERI
Cx. Postal, 11.912 — SÃO PAULO

NASZE ROCZNICE

IGNACY PADEREWSKI

Stanisław Bilński



Największy pianista polski, Ignacy J. Paderewski, urodził się na jesieni 1860 roku w Kuryłówce na Podolu. Matkę stracił wcześniej, a ojciec, stale zajęty, nie mógł mu poświęcić zbyt wiele uwagi. Wychowywał się więc pod kierunkiem guwernerów, co nie wyrabiało w nim chęci do systematycznej nauki.

Ale już wcześniej wykrył w sobie zamiłowanie do muzyki i to było powodem, że ojciec odwiózł go do Warszawy i umieścił w Konserwatorium. Ignas miał wtedy lat dwanaście, żywe usposobienie, umysł chłonny, subtelną wrażliwość i duży temperament. Do studiów muzycznych zabrał się żarliwie, początkowo u Rudolfa Strobla, a potem w klasie fortepianowej profesora Juliusza Janoty.

Mając lat 16 młody Paderewski przedsięwziął swoją pierwszą podróż artystyczną po miastach prowincjonalnych Rosji, trwającą bez mała rok. Podróż ta dała mu doświadczenie występów na estradzie i jednocześnie uzmysłowiła wszystkie braki i niedociągnięcia gry.

Z tym większym zapałem poświęcił się, następnie studiom i w dwa lata później, w r. 1879, zdał z doskonałym wynikiem egzamin dyplomowy. Zaofiarowano mu zaraz, mimo młodego wieku, posadę profesora fortepianu w Konserwatorium

Warszawskim. Tam też poznał młodszą Antoninę Korsakówkę i wkrótce ją poślubił. Niestety, szczęście nie trwało długo. Antonina Paderewska zmarła przy porodzie, pozostawiając mężowi syna. Syn ten od urodzenia był bardzo słabowity, cierpiał na niedowład nóg, umarł w wieku trzydziestu kilku lat. Paderewski, otaczał go całe życie najczulszą opieką i miłością.

W r. 1881 Paderewski udaje się na studia muzyczne do Berlina. Po rocznej przerwie wraca do Konserwatorium Warszawskiego, aby pożegnać się z nim na zawsze w r. 1883. Pogłębiając w dalszym ciągu wykształcenie muzyczne studiuje instrumentację w Berlinie i doskonalili sztukę pianistyczną w Wiedniu. Gdy po tym znalazł się w trudnościach materialnych przyjmuje posadę profesora kontrapunktu i gry fortepianowej w Konserwatorium w Strassburgu. Jest to ostatnie zajęcie pedagogiczne

Paderewskiego. Od roku 1886, namówiony przez przyjaciół, poświęcił się całkowicie karierze koncertowej.

Trudno tu w kilku słowach opisać tę bajeczną karierę. Zaczyna ją w Wiedniu i od razu spotyka się z życzliwym przyjęciem publiczności. Zaangażowany, następnie, na występy w Paryżu odnosi olbrzymi sukces. Porównują go z Lisztem i Antonim Rubinsteinem. Prasa pisze o Paderewskim entuzjastycznie, a on rozpoczyna podbój salonów paryskich, zdobywając je, jak pisze Kędra, wspaniałą grą, czarującym sposobem życia, błyszczącą inteligencją i oryginalną, a piękną powierzchownością. Następuje podbój miast niemieckich, później angielskich. Burne-Jones maluje jego portret, królowa Wiktorja zaprasza do Zamku Windsorskiego.

W r. 1891 wyjeżdża Paderewski na tournée koncertowe do Ameryki. Przyjęty początkowo dość chłodno szybko zyskuje sobie przychylną ocenę krytyki. Jego pochod przez Amerykę zamienia się w jeden nieprzerwany ciąg triumfów. Powodzeniu artystycznemu towarzyszy sukces materialny. Dochód z trzech objazdów koncertowych przynosi mu na czysto 503.000 dolarów.

Szczyt powodzenia w Ameryce osiągnął Paderewski 8 czerwca 1902 r. w Nowym

Jorku, kiedy równocześnie w Metropolitan Opera House wystawiano jego operę "Manru", a w Carnegie Hall on sam dawał recital.

W r. 1899 kupuje Paderewski posiadłość Rioud Bosson w pobliżu miasteczka Morges, niedaleko Lozanny. W tymże roku żeni się z Heleną Górską, która rozeszła się dla niego z mężem, znanym skrzypkiem.

Mając wszechstronne zainteresowania nie zasklepiął się Paderewski w jednej tylko muzyce. Był przede wszystkim patriotą, kochał swój kraj ojczysty, zawsze i wszędzie myślał o nim. W r. 1909, chcąc dać wyraz swej wielkiej miłości do Polski, zamówił u Antoniego Wiwulskiego pomnik z brązu, uwieczniający zwycięstwo pod Grunwaldem. Pomnik ten został uroczystie odsłonięty w Krakowie w r. 1910.

Wojna w r. 1914 zastaje Paderewskiego w Szwajcarii. Od chwili jej wybuchu zaczyna się służba publiczna wielkiego wirtuoza. Mianowany delegatem Komitetu Narodowego na Stany Zjednoczone, udaje się najpierw do Paryża i Londynu. W Londynie wspólnie ze swymi angielskimi przyjaciółmi tworzy Polski Komitet Ratunkowy.

Z Anglii wyjeżdża do Stanów Zjednoczonych. Daje tam ponad trzysta koncertów. Każdy koncert poprzedzony jest półgodzinnym przemówieniem o sprawie polskiej. Nie można sobie wyobrazić lepszej propagandy. Paderewski jest znany i popularny, jego słowa mają duże znaczenie. Polska zyskuje coraz więcej przyjaciół.

Latem 1916 r. Paderewski zostaje zaproszony przez prezydenta Wilsona do Białego Domu. Na prośbę prezydenta siada do fortepianu po czym w długiej rozmowie z Wilsonem przedstawia mu dokładnie sprawę Polski. Znajomość z prezydentem przepadza się stopniowo w przyjaźń. Temu też zapewne należy w dużej mierze zawdzięczać, że w znanej deklaracji Wilsona z 8 stycznia 1918 r. znalazł się punkt 13 poświęcony całkowicie sprawie Polski niepodległej.

Skończyła się wojna światowa i Paderewski uważał, że miejsce jego jest w ojczyźnie. Piłsudski powierza mu misję utworzenia gabinetu. Paderewski organizuje gabinet bezpartyjny, w którym sam zostaje premierem, ministrem spraw

zagranicznych i delegatem Polski na konferencję pokojową.

Pokój wersalski pod wieloma względami nie zadowolili naszych roszczeń. Sprawiała to przede wszystkim sprawa nie przyznania Polsce Gdańska i Śląska. Ale było by znacznie gorzej, gdyby nie Paderewski. Jego przemówienia, czar osobisty, umiejętność zjednywania przeciwników przyczyniły się w niejednym do wywalczenia lepszych warunków w traktacie pokojowym.

Po powrocie Paderewskiego do Polski następuje przesilenie gabinetowe. Nie miejsce tu na wyjawianie jego przyczyn. Szacherki partyjne, nieuczciwe postępowanie dla korzyści własnej, tak, niestety, częste u ówczesnych działaczy politycznych, były obce Paderewskiemu. Ten wielki patriota, nieskazitelny człowiek, ofiarny i poświęcający się obywatel, nie uznawał prywaty. Dlatego wołał podać się do dymisji.

Przez czas pewien pełni jeszcze funkcje delegata Polski przy Radzie Ambasadorów i Lidze Narodów. Potem ustępuje całkowicie z areny politycznej, aby już do końca życia poświęcić się sztuce.

Widzimy go jeszcze wielokrotnie na estradzie w Europie, Ameryce, Afryce i Australii. Wszędzie witany jest z entuzjazmem i czcią.

Pasmo powodzeń zakłócone zostaje ciężkim ciosem. 16 stycznia 1934 r. umiera ukochana żona Paderewskiego. Mistrz nie załamuje się. Ucieczkę przed bólem znajduje w muzyce. Aż do wybuchu drugiej wojny światowej daje niezliczoną ilość koncertów. Wiele z nich na cele dobroczynne.

Dane mu było zobaczyć raz jeszcze świat w ogniu. Nie może sobie znaleźć miejsca w Szwajcarii. Postanawia wyjechać do Stanów Zjednoczonych i tam umiera 1 lipca 1941 r.

Rozstał się ze światem wielki muzyk, nie tylko świetny wirtuoz, ale i kompozytor, autor opery "Manru", koncertów, sonat, nokturnów i krakowiaków. Dziś w stulecie jego urodzin, patrząc z retrospekcji na to wspaniałe życie, artyści i człowieka bez skazy, chciało by się podkreślić przede wszystkim jedną cechę jego charakteru. Oto Paderewski ani na chwilę nie zapomniał, że jest Polakiem. Mieszkając większą część życia na obczyźnie nigdy nie tylko nie zaparł się swej polskości, jak to, niestety czyni wielu naszych rodaków, ale zawsze z naciśkiem podkreślał swoją przynależność do wielkiego Narodu Polskiego.

To też dziś wspomnienie o nim zakończyć można słowami, których on sam użył w stulecie narodzin Chopina:

"Człowiek wielki, choćby największy, ani nad narodem, ani poza narodem być nie może. On jest z jego ziarna, jego cząstką, jego kwiatem, jego kłosem, a im większy, urodziwszy, mocniejszy, tym sercu narodu bliższy..."

Słów kilka o Antoniego Olchy

Szumia dęby nad Iguassú

Nie wiem, czy autor recenzji, zamieszczonej w nr 2 "Przeglądu Polskiego" ma rację dowodząc, że reportarz Antoniego Olchy "Szumia dęby nad Iguassu" ma pewien związek z książką Uniłowskiego "Żyto w dżungli". Nie wątpię natomiast, że "Aramis" niesłusznie lubuje się w "krwią ociekającym kawale mięsa" Uniłowskiego, a krytykuje Olchę za to, że w swym reportarzu z podróży po Brazylii "nie chciał się nikomu narazić".

W ostatnich latach odwiedzili Polonię brazylijską dwaj pisarze polscy, Michał Rusinek i Antoni Olcha. Przybyli do nas z otwartym sercem w zamiarze nawiązania łączności z tutejszymi rodakami, a przywieźli najdroższe nam wspomnienia naszego dalekiego kraju rodzinnego. Z prawdziwą przeto radością spotkałem się z Rusinkiem i Olchą w czasie ich zbyt, niestety, krótkiego pobytu w São Paulo. Zgodnie z opinią rodaków, którzy nie unikają gości z kraju, obaj wymienieni pisarze pozostawili po sobie jak najlepsze wspomnienie ludzi obytych i pozytywnych. Czerwonych krawatów nie nosili! Przywieźli nam słowo polskie, powiew naszych stron rodzinnych, obraz życia naszego biednego, przez zbirów hitlerowskich zdewastowanego kraju.

Reportarz Olchy spełnił całkowicie swój cel. Był nim zamiar uwypuklenia wkładu emigracji polskiej w rozwój gospodarczy tego wspaniałego kraju, jakim jest Brazylia. Autor podkreśla przyjaźń, jaką władze i ludność miejscowa okazały i nadal okazują rodakom, których pogoń za chlebem lub też wzburzone fale kataklizmów dziejowych przyniosły na gościnny brzeg brazylijski. Z tego punktu widzenia, reportarz Olchy nabywa żywych rumieńców pożytecznej publikacji. Nie było jego zamiarem opowiadanie się za tą lub ową grupą skłóconych rodaków. Dał nam zato barwny obraz pokolenia pionierów polskich, którzy w walkę z puszcza parańską wnieśli umiłowanie skiby-żywicielki. Temu trudnemu do wynarodowienia rdzeniowi polskości, rozsianemu po osadach południowo-brazylijskich, Olcha poświęcił słusznie największą część swej książki. Nie przeoczył przy tym nikogo. Oddał hołd

duchowieństwu, uczącemu w głębi puszczy polskie dzieci katechizmu. Nie pominął zasług księży w krzewieniu słowa polskiego poprzez kurytybski "Lud", najpopularniejsze na koloniach polskich czasopismo. Wspomniał również o pierwszych falach emigracji polskiej i jej zasługach, jako też o wybitnej roli tu zrodzonych potomków dawnej emigracji. Niestety, miał ograniczone tylko możliwości dotarcia i należytej oceny osiągnięć polskich techników i przemysłowców najnowszej emigracji, którzy w życie gospodarcze Brazylii wnieśli wielki i niezaprzeczalny wkład. Stanowi to ujemną stronę reportarzu Olchy, za którą jednak autora winić nie można. "Aramis", autor niefortunnej moim zdaniem recenzji, nie dopatrywał się, niestety, w "Dębach nad Iguassu" tendencji postawienia pomnika chwały pionierom polskim ojczyzny, Brazylii. Nie dostrzegł, że podkreślenie dokonań tutejszej emigracji polskiej jest równoznaczne z hołdem dla kraju i szkół, które tę emigrację wychowały i wykształciły.

Zygmunt Wieliczka

W KILKU WIERSZACH

Ciąg dalszy ze strony 4

Jest nadzieja, że spełnią się wreszcie marzenia Poznania o nowym reprezentacyjnym hotelu, który w tym mieście międzynarodowych targów jest koniecznie potrzebny. Budowa hotelu "Orbis" rozpocznie się najprawdopodobniej w II kwartale b. r. Ten 7-mio piętrowy nowoczesny hotel stanie przy ul. Roosevelta. Ma on mieć 329 pokoi, jedno i dwuosobowe oraz 42 apartamenty dwupokojowe. Hotel jest przewidziany na 630 miejsc.

R O D O F I E L S. A.
E X C E L E N T E
E M T R A N S P O R T E S

Czytajcie i prenumerujcie tygodnik "LUD"

NAJSTARSZE I NAJBARDZIEJ ZASŁUŻONE
PISMO POLSKIE W BRAZYLII

Prenumerata roczna :

W Brazylii i w innych krajach amerykańskich	Cr\$ 200,00
W Brazylii pocztą lotniczą	Cr\$ 350,00
W innych krajach	Cr\$ 300,00

Prenumeratę przyjmuje :

Redakcja "LUDU" - Curitiba, Paraná, Caixa Postal, 155
Redakcja "Przeglądu Polskiego", São Paulo, Cx. Postal, 4760

(Dokończenie ze strony 6-tej)

My z Dominikiem Mazurem byliśmy pierwszymi osadnikami na Orle. Jako jeszcze kawalerom było nam bardzo smutno, bo i sąsiadów blisko nie mieliśmy. O dwa kilometry od nas mieszkał przy rzece były nauczyciel, Władysław Kulesza z rodziną, a o siedem kilometrów, ale w innym kierunku, S. Cudak z rodziną. Jego sąsiadem był Antoni Rzepka, stary emigrant, który przybył w te strony z Ivaí. O sześć kilometrów na południe osiedlił się José Franco, Hiszpan, który przybył tu ze stanu São Paulo. On pierwszy zaczął plantować kawę na kolonii Orle. Poza tym puszcza, cisza, przerywana odgłosami zwierząt i ptaków oraz duch **Tupana nad lasami**.

Pierwszy transport z Polski nadszedł dopiero w roku następnym. Wtedy przybyło nam trochę urozmaicenia.

Ludzie dłuższy czas mieszkali w barakach, nie przestrzegali czystości, wybuchł tyfus i zaczął zbierać żniwo. Napisał o tym do Konsulatu Polskiego w Kurytybie.

Przyjechał sekretarz, pokiwał głową i powiedział:

— Ha, trudno, bracia rodacy. Klimat tropikalny, trzeba dużo cierpliwości i odwagi, aby żyć i zwyciężać. Starajcie się o pomoc w kompanii, bo Konsulat tu nic nie może...

Obsiadły go moskity, które nie lubią zapachu wody kolońskiej, zaczął puchnąć, drapać się i tego samego dnia odjechał limuzyną, a my powlekliśmy się furmanką jego śladem, wioząc kilka trupów na cmentarz w Rolandii. Wielu ze zmarłych nie widziało nawet swojej działki, bo śmierć im nie pozwoliła. Ci co wyżyli rozeszli się po szakrach, wznosili domki, rozpoczynali gospodarke, jęli myśleć o polskiej szkole i towarzystwie rolniczym, ale szybko wyszedł dekret nacjonalizacyjny, powstała szkoła rządowa, wobec czego nikt tu nigdy nie uczył po polsku.

Powodzenie tutejszych osadników zależy od szczęścia, ale powiedziałbym, że także od zdrowia i umiejętności. Kto pracuje, i mało sypia, a do tego nic mu nie dolega, jest przebiegły i nieustępliwy, ten ma porządną dom, zabudowania, bydło, konie, świnie i pieniądze jakie takie na czarną godzinę, a nawet na dokupienie ziemi. Niektórzy osadnicy na Orle mają samochody ciężarowe, łuszczenie ryżu, sklepy, zakłady krawieckie, a w sąsiednich miasteczkach — oficyny mechaniczne, wielkie składy hurtowe, składy drewna i desek, tartaki, — prawie wszystko w polskich rękach.

Na ogół Polacy zaklimatyzowali się i przyzwyczaili do nowej ojczyzny, chociaż głęboko odczuwają brak towarzyszt

polskich i szkół z naszym językiem wykładowym. I jakkolwiek by było — starej generacji, urodzonej w Polsce, przykrzy się za krajem, kraj śni się po nocach. Nie pomoże wmawianie w siebie, że "tak być musi jak jest" — i to uczucie przetrwa do zgonu.

Dużo Polaków z Orle wyjechało w inne strony. Powiększyła się liczba Włochów, Hiszpanów, Portugalczyków, Japończyków, Niemców, Jugosłowian, są Białorusini i Ukraińcy.

Ze wszystkimi żyjemy w zgodzie i współpracujemy.

Wywiad przeprowadził:

WOJCIECH BREOWICZ

Przekłady urzędowe, handlowe i prywatne

PROF. WALDOMIRO CONSTANTINO HAWRYSZ

Dyplom Wydz. Filoz., Nauk i Lit. Uniw. w São Paulo z portugalskiego, łaciny i greckiego.

Tłumacz przysięgły urzędowy z języków:

łacińskiego, francuskiego, polskiego, rosyjskiego, niemieckiego i innych.

Biuro: Lgo. Misericórdia, 14, 3 and. S. 3, f. 35-1779 — SÃO PAULO.



KUBKI PAPIEROWE

Do 1 ltr pojemności

BUTELKI PAPIEROWE

(Container's)

Talerzyki i kubki papierowe

Na uroczystości, pikniki, etc. (Fantasia)

Opakowania specjalne dla super-mercados, fabryk konserw, etc.

INDÚSTRIA INAJÁ

Artefatos, Copos, Embalagens de Papel S.A.



Escr.: R. 7 de Abril, 296 - 10.º andar - Fone: 34-0865 — SÃO PAULO

End. Telegr.: "COPINDUS"

INSUBRA

S.A.

SÃO PAULO, Rua Barão de Itapetinga 151, 3, 4 e 5 andar

RIO DE JANEIRO, Av. Rio Branco, 138, 14.º

PORTO ALEGRE, Praça Rui Barbosa, 220, 2.º

CURITIBA, Rua 15 de Novembro, 24

WSZELKIEGO RODZAJU

MASZYNY BIUROWE,

ORGANIZACYJNE

I BUCHALTERYJNE

Rio Grande do Sul ma głos

Polacy na ruinach Imperium

Jezuicko — Indiańskiego

JAN KRAWCZYK

Santo Angelo rozłożyło się na niezbyt wysokich pagórkach stepowych pośród rozciągającej się szeroko pampy. Miasto posiada jeszcze styl kolonialny, chociaż nowe budowle zaczynają już wypierać stare i niskie domy. Liczy około 30 tys. mieszkańców. Jest to zlepek różnych narodowości. Polacy mieszkają tu obok Niemców i Włochów, a potomkowie Portugalczyków, Murzynów i Indian żyją w przykładowej zgodzie z przybyszami z Europy.

W mieście skupia się handel produktami rolnymi, pochodzącymi z terenów położonych daleko na zachód, aż po granicę argentyńską oraz byłym spędzanym ze stepów ciągnących się daleko na południe i wschód poza Cruz Alta. Założenie miasta nastąpiło w r. 1707, ale ludzie osiedlili się tu znacznie wcześniej. Początkowo byli to Indianie cywilizowani przez Jezuitów. W tych właśnie okolicach, włączając w to argentyńską prowincję Missões i paragwajski Assunción, Jezuiti zorganizowali coś w rodzaju państwa teokratycznego. Na samych tylko terenach dzisiejszej Brazylii udało się im połączyć szereg szczepów tubylczych w państwo Siedmiu Narodów. Wraz zaś ze szczepami mieszkającymi po drugiej stronie rzek: Urugwaj i Parana w skład imperium wchodziło trzydzieści kilka plemion indiańskich.

Jezuitom nie udało się doprowadzić do końca dzieła ucywilizowania podległych im Indian i stworzenia z nich potężnej siły, która by mogła się skutecznie przeciwstawić zachłanności białych. Przeszkodził w tym królowie Hiszpanii i Portugalii. Po długotrwałej wojnie Jezuiti zostali rozbici, a czerwonoskórzy, którymi się opiekowali, rozgromieni i rozproszeni. Po dawnych miastach indiańskich, t.zw. redukcjach, pozostały na rozległych stepach samotne ruiny, porastające trawą i krzewami.

Santo Angelo liczy trochę Polaków lub ich potomków. Są to rzemieślnicy i nieliczni kupcy, którzy przed laty opuścili bliższe lub dalsze kolonie i z różnych względów pozostali na "miejskim chlebie". Najpierw napłynęli z Ijuí. Było to przed rokiem 1890. Stamtąd zaczęli się rozpraszac po całym okolicznym kraju w stronę Guarani das Missões, São Luiz

Gonzaga i Santa Rosa, aż po granicę argentyńską, tworząc tam liczne skupiska. Rzeka Urugwaj zatrzymała ich na krótko. Przebyli ją i jeli zaludnić Missões, zakładając miasto Posadas już na terenach argentyńskich.

Ruiny pojezuickie, świadectwo ambitnych planów Zakonu, istnieją nie tylko w samym Santo Angelo lecz również w odległym o blisko 60 kilometrów na południe São Miguel, w położonym o 30 kilometrów na zachód São Luiz Gonzaga i wreszcie ciągną się szerokim pasem, wynoszącym ponad 200 kilometrów, na południe po granicę urugwajską. Znajdują się one częściowo na obszarach zalesionych, częściowo zaś stepowych, stanowiących doskonale pastwiska dla niezliczonych stad bydła.

Z Santo Angelo jedzie się do Guarani das Missões autobusem. Przestrzeń tę, wynoszącą 44 km, przebywa się nie najlepszym gościńcem. Najpierw jedzie się poprzez pagórkowatą dolinę stepową, a później, gdzieś w połowie drogi, zaczynają się resztki dawnych puszcz dziewiczych i osady kolonialne. Począwszy od kolonii Barreiras, aż po granicę argentyńską, a jest to ponad sto dwadzieścia kilometrów, spotyka się wszędzie osady polskich kolonistów, przybyłych z kraju lub tutaj już urodzonych.

W Barreiras przez wiele lat nauczycielem polsko-brazylijskim był dzielny łodzianin, Jan Gwalbert Krawczyk (nie mający zresztą nic wspólnego z autorem niniejszego reportażu), przybyły do Brazylii jeszcze przed pierwszą wojną światową.

Dokoła rozciąga się czerwona ziemia, więc autobus sypie rudym pyłem. Pasażerowie, jak zawsze w takich przypadkach, klną i narzekają na... rząd. Mijane ciężarówki, wyładowane wieprzami, worami z kukurydzą lub fizonem giną w tumanach kurzu. Dobrze, że mamy wspaniałą pogodę. Podczas deszczu nie można tędy przebrnąć. Tłusta glina oblepia koła pojazdów i utrudnia posuwanie się.

Miasteczko Guarani das Missões, położone na kilku wzgórzach, sprawia wrażenie opuszczenia i zaniedbania. Kilka

domów murowanych, a reszta drewniaków. Miasteczko powstało w latach 1900-ych. W owych czasach drewna budulcowego było pod dostatkiem, choć i teraz go nie brakuje, a cegły ani na lekarstwo. Kto chciał mieć murowany domek ten wzorem indiańsko-jezuickim układał ściany z płaskich kamieni, bo tego materiału tu nie brakuje, i oblepiał szczeliny czerwonym błotem.

Mieścina liczy około sześciu tysięcy dusz i jest sercem okolicznych polskich kolonii. Jeśli jeszcze dziś nędzna to mieścina o rzadkich domach, placach porośniętych krzakami i ulicach w obramowaniu głębokich rowów, w czasie deszczu niemożliwych często do przebycia, to można sobie wyobrazić jak wyglądała przed pierwszą wojną światową, kiedy do najbliższego miasta, Santo Angelo, trzeba było jechać wożem, gdyż innej komunikacji nie było. A przecież wtedy, w latach 1910-14, wychodziły tu tygodniki w języku polskim: "Polski Kolonista" i "Tygodnik Związkowy". Tu także od roku 1924 do 1940 funkcjonowało polsko-brazylijskie kolegium im. Władysława Reymonta oraz Ognisko Nauczycielskie, skupiające miejscowych nauczycieli pochodzenia polskiego. Tu również pięknie się rozwijało Towarzystwo Rolnicze, któremu przewodził niestrudzony inżynier-agronom i profesor Czesław Marian Bieżanko.

Tak się złożyło, że trafiam na niebywałą uroczystość. Dekretem rządu stanowego Guarani awansowało na siedzibę powiatu, czyli jak się tutaj mówi, municypium. Z tej okazji dziś właśnie odbywa się przekazywanie władzy nowemu zarządowi municypalnemu. Ponieważ okoliczne kolonie zamieszkałe są w większości przez Polaków lub ich potomków na starostę wybrano Clemente Sołtysa, wychowanek nie istniejącego już dziś kolegium i doskonale mówiącego po polsku. Na ośmiu ławników pięciu nosi polskie nazwiska i nieźle się posługuje językiem naszych przodków. Wśród zebranych tłumów panuje i radość i duma nie byle jaka.

— Zaniedbali nas, psiekrwie, — informuje mnie jeden z obecnych po polsku. — Ani dróg porządných, ani ulic

w miasteczku. Ale my im teraz pokażemy jak się powinno gospodarzyć.

Powiedziane to jest, oczywiście, pod adresem dotychczasowych władz municypalnych w dalekim São Luiz Gonzaga, które w ogóle nie interesowały się potrzebami tutejszych mieszkańców.

Polacy w miasteczku stanowią 75 proc. ogółu mieszkańców. Należą do nich cały niemal miejscowy handel i rzemiosło. Najbogatszym kupcem jest Klemens Warpechowski. Do handlu zabrali się również byli nauczyciele, a tych jest sporo jeśli nie w samym miasteczku to w koloniach: M. Celmer, Z. Gąsiorkiewicz, Al. Kisiel. Młyny, tartaki, olejarnia i elektrownia — znajdują się w rękach ludzi, u których w mieszkaniach wiszą portrety Kościuszki, Bartosza Głowackiego, Sikorskiego i innych. Proboszczem jest ks. Czesław Czartoryski. Brazylijską szkołę prowadzą polskie zakonnice. Kolporterem pism polskich jest Wł. Nykiel.

Przy jednej z główniejszych ulic miasteczka wznosi się zbudowany przez miejscową Polonię ładny budynek. Na fasadzie tego domu wymalowano dużego Orła Białego. Lokal ten nosi nazwę Salão Familiar i skupiają się w nim wszyscy miejscowi Polono-Brazylijanie, ale znany jest ogólnie jako Salão Polonês — Salon Polski. Tu się urządza imprezy rozrywkowo-kulturalne, tu też obchodzi się uroczystości wszystkie święta narodowe polskie i brazylijskie.

Kronika Santa Catariny

Dr S. Felix Werpachowski

CRESCIUMA

Cresciuma jest miastem położonym na płaskowzgórzu u stóp Serra do Mar w południowej części stanu Santa Catarina, w municypium o tejże nazwie. Miasto bogate, rozwijające się w tempie prawie amerykańskim, zawdzięcza swe powodzenie kopalniom węgla kamiennego, położonym w pobliżu. Są to największe złoża tego minerału w Brazylii. Węgiel po wydobyciu transportowany jest koleją "Rede Viação Santa Cristina S.C." do portów Laguna i Imbituva, a stamtąd do São Paulo, Rio de Janeiro i innych ośrodków przemysłowych.

Cresciuma słynie ponadto z pięknych winnic. Wyrabiane tu wino znane jest nie tylko w kraju, ale i za granicą. Importują je nawet takie potęgi winiarskie jak Francja i Włochy.

W okolicach miasta Cresciuma w latach 1890-ych osiedlili się pierwsi wychodźcy z Polski. Emigranci ci pochodzili po większej części z Mazowsza. Nie łatwo im było z początku, w ciężkim trudzie, w dziewiczej puszczy walczyli o byt. Wielu położyło swe kości w tej "ziemi obiecanej". Ci co przeżyli i zdołali się zagospodarować to prawdziwi bohaterowie. Potomkowie ich są dziś przodownikami w wielu dziedzinach życia. Tak, np. rodzina Gaidzińskich położyła duże zasługi w kopalnictwie węgla kamiennego. Do rodziny tej należy również kilka firm handlowych i przemysłowych. Inna rodzina, An-

Drugim po Guarani das Missões silnym skupiskiem polskim jest Santa Rosa, gdzie kolonie polskie ciągną się aż po rzekę graniczną Urugwaj. Na niedalekiej kolonii Silva Jardim istniał przez wiele lat sklep spółdzielczy, założony przez miejscowych kolonistów, którym przewodził St. Pylak, pochodzący ze wsi Łupiennik z lubelskiego. W ruchu spółdzielczym na tutejszym terenie Polacy byli pionierami. Nie było takiej kolonii, takiego ośrodka, gdzieby nie próbowano zaszczepić zasad spółdzielczości.

W takich okazjach nie obywało się, oczywiście, bez cichej wojny podjazdowej, jaką prowadziły przeciw spółdzielniom różne mafie kupieckie. Ponieważ ruch spółdzielczy znajdował się pod troskliwą opieką władz stanowych (trwa to do dzisiejszego dnia), wojny takie kończyły się często ustąpieniem kupca z danego terenu.

Palmeira das Missões, jedno z młodszych municypium riograndeńskich, przylegające do Guarani das Missões, to dawne tereny jezuickie; zostało ono skolonizowane częściowo przez element polonijny właśnie z Guarani.

Tam gdzie znajdują się obecnie ruiny dawnych budowli, pracowicie wznoszonych przez Indian pod kierownictwem Jezuitów, kwitnie obecnie inne życie. Biorą w nim czynny udział potomkowie pierwszych osadników polskich. W São Borja, São Luiz Gonzaga, Santiago, São

gilskich, zorganizowała i prowadzi szereg aptek. Rodziny Słowińskich, Bileckich, Dębowskich znane są z działalności w dziedzinie przemysłu rolnego, na polu politycznym itp.

Drobny przemysł i rzemiosło w municypium Cresciumi spoczywa po większej części w rękach obywateli pochodzenia polskiego. Istnieją też jeszcze dobrze zagospodarowane kolonie polskie. Część młodszego pokolenia wyemigrowała wprawdzie do innych stanów Brazylii, ale pozostali zachowali tradycje przodków, ich mowę, wiarę i obyczaje.

Jeden z tutejszych naszych rodaków, Lucjan Słowiński, wybrany został jako deputowany do parlamentu stanowego. Cieszy się on wśród miejscowego społeczeństwa jak najlepszą opinią i chętnie pomaga swoim ziomkom.

W ubiegłym roku powstał też w Cresciuma Komitet Milenium Polski, którego założycielami zostali: jako prezes Franciszek Rzatki, jako wiceprezes — Władysław Dębowski, sekretarz — Józef Białecki, skarbnik — Kazimierz Tybieńkowski, doradcy: Leonard Białecki, Kazimierz Dębowski, Jan Milak i inni. Zaznaczyć należy, że jest to jeden z pierwszych komitetów Tysiąclecia Polski na terenie stanu Santa Catarina.

RODOFIEL S. A.
EXCELENTE
EM TRANSPORTES

Miguel i w innych okolicach, których nazwy mówią o przeszłości indiańsko-jezuickiej, nie trudno dziś spotkać ludzi konnych w tradycyjnych strojach gauzczowskich lecz o twarzach słowińskich. Są to potomkowie polskich pionierów, niosących cywilizację w najodleglejsze zakątki Rio Grande do Sul, tego ciekawego i dzielnego stanu południowej Brazylii.

Język polski mimo stale narastającej supremacji brazylijskiej wciąż jeszcze jest troskliwie pielęgnowany w domach rodzicielskich. Chociaż brak często świeżych gazet i książek w niektórych okolicach mowa polska nie uległa zbyt niemu skażeniu. Przed wojną docierały tu wszędzie gazety polonijne z Kurytyby i niedalekiego argentyńskiego Posadas. Obecnie ludzie karmią się starymi rocznikami różnych "Orędowników", "Świtów", "Gazet Polskich" "Ludów", i całą masą innych czasopism. Gazety te, poza "Ludem" dawno przestały wychodzić. Ale zato stosownie do wymogów ducha czasu wszędzie istnieją audycje radiowe w języku polskim. Programy tych audycji są, oczywiście, dostosowane do miejscowych potrzeb. W Santa Rosa prowadzi je Józef Kuryło, wieloletni nauczyciel, a w Cerro Largo — Victor Karnikowski. Są to ludzie miejscowi, urodzeni na ziemiach indiańskich i związani na zawsze z ludźmi tej krainy.

Na pampasach riograndeńskich, szerokich i rozległych, na których toczyły się niegdyś krwawe walki białych z Indianami, następnie Portugalczyków z Hiszpanami i wreszcie Riograndeńczyków, występujących z niezrównanym bohaterstwem o wolność swego stanu, słychać obecnie z odbiorników radiowych skoczne kujawiaki, polki, oberki i melodie zespołów "Mazowsze" i "Śląsk" oraz mowę przywiezioną z nad Wisły i Buga, przeplataną dla okraszy mową Machado de Assis i Cervantesa.

STANISŁAW OSSOWIECKI

(Soc. Fin. Barros-Handley)

Sprzedaż nieruchomości

Orientacja fachowa

SÃO PAULO, rua Barão de Itapetinga, 224, 1.º — Fone: 32-3131
e residência 80-7045

DZIEJE EMIGRACJI POLSKIEJ W SANTA CATARINA

Dowiadujemy się, że znany działacz polonijny dr Feliks Werpachowski zajął się opracowaniem dziejów emigracji polskiej w Santa Catarina. Pracę tę dr Werpachowski chce wydać w języku portugalskim i polskim. W tym celu rozpoczął już zbieranie materiałów i zamierza ukończyć książkę przed końcem bieżącego roku.

NOWY ZARZĄD KLUBU 44

Na walnym zebraniu w dniu 26 kwietnia b.r. wybrany został nowy zarząd Klubu 44 w następującym składzie: Prezes Antoni Moszkowski, I wiceprezes Erwin Wieczorek, II wiceprezes Jerzy Majmon, sekretarz Janusz Lissowski, skarbnik Zygmunt Jaczewski, dyrektorzy: Stanisław Koszucki i Wacław Teitelbaum. W skład rady nadzorczej weszli: Emil Bader, Leszek Biłyk, Mieczysław Grabowski, Henryk Jonas, Ludwik Krotoszyński, Stefan Neuding, Janusz Niklewski, Feliks Piotrowski, Mirosław Szabuniewicz i Włodzimierz Scipio del Campo.



ANTONI
MOSZKOWSKI

Antoni Andrzej Ludwik Moszkowski, obecny prezes Klubu 44, urodził się w roku 1905. Wydział Prawny Uniwersytetu Warszawskiego ukończył w roku 1927. W czasie studiów brał czynny udział w życiu naukowym, pisząc szereg rozpraw dla seminariów: prof. Leona Petrażyckiego z socjologii, prof. Eugeniusza Jarry z filozofii prawa i prof. Tadeusza Brzeskiego z ekonomii. Tytuł doktora praw uzyskał na podstawie pracy z zakresu odpowiedzialności cywilnej osób prawnych z przestępstwa.

Obdarzony rodzinnymi zdolnościami muzycznymi studiował fortepian i kompozycję w Wyższej Szkole Muzycznej im. Chopina w Warszawie. Był również uczniem Karola Szretera.

W roku 1930 po odbyciu aplikacji sądowej w apelacji śląskiej i zdaniu egzaminu sądowego zostaje sędzią w Katowicach. Krótko przed wojną przechodzi do advokatury i otwiera kancelarię w Katowicach.

W okresie wojny w roku 1940 udaje mu się przedostać do Francji. Po upadku Francji emigruje do Brazylii. W São Paulo kończy kurs towaroznawczy na Giełdzie Towarowej i wchodzi w kontakt z tamtejszym przemysłem tekstylnym, dla którego już potem stale pracuje.

Prezes Moszkowski bierze czynny udział w życiu kulturalnym São Paulo. Jest jednym z założycieli Klubu 44.

WYSTAWA DOROTY SZENFELD

Dnia 23 czerwca b. r. otwarta została w salonach Klubu 44 wystawa malarska Doroty Szenfeld. Na otwarciu obecny był przedstawiciel gubernatora stanu São Paulo, sekretarz stanu, Marcio Ribeiro Porto oraz liczne osoby ze świata artystycznego.

Wystawa została zamknięta 10 lipca. Cieszyła się ona zasłużonym powodzeniem. Obszerniejsze sprawozdanie z wystawy podamy w następnym numerze.

WIECZORY CZWARTKOWE W KLUBIE 44

Dnia 12 maja b.r. odbył się w Klubie pierwszy wieczór czwartkowy. Wieczory te przeznaczone są na wymianę myśli przy omawianiu przypadających rocznic, utworów literackich. Członkowie Klubu mają się również dzielić wspomnieniami, uwagami co do aktualnych wydarzeń z życia naukowego i artystycznego itd.

Wieczór poświęcony był pamięci Marszałka Józefa Piłsudskiego w 25 rocznicę jego śmierci.

Wspomnieniami o Marszałku Piłsudskim podzielili się z zebranymi pp. K. Wędgolski, M. Lissowski i K. Piątkowski.

KONCERTY SZOPENOWSKIE

Dnia 8 marca b.r. odbył się w Teatrze Miejskim w São Paulo przy licznych udziałach publiczności koncert poświęcony uczczeniu sto pięćdziesiątej rocznicy urodzin Fryderyka Chopina.

Przy wypełnionej do ostatniego miejsca sali wystąpiły dwie utalentowane pianistki: Eny da Rocha i Daisy da Lucca, wykonując szereg utworów Chopina.

Gra Daisy da Lucca, która uzyskała pierwszą nagrodę na konkursie na najlepszą młodą pianistkę w 1959 r. w São Paulo, podobala się ogólnie. Pianistka ma dobre przygotowanie techniczne, Chopina rozumie, wkłada w grę dużo uczucia i szczerości.

Bardzo udaną imprezą był również zorganizowany przez Klub 44 w ramach wieczorów czwartkowych koncert szopenowski w dniu 2 czerwca b.r.

Przemówienie wstępne o Chopinie w związku z 150 rocznicą jego urodzin wygłosił Prezes Klubu, Antoni Moszkowski. P. Moszkowski przeczytał również artykuł Jerzego Broszkiewicza o jubileuszowym konkursie szopenowskim w Warszawie.

Dwa wiersze Wierzyńskiego o Chopinie wyrecytowała z dużym wdziękiem Anna Dzieduszycka.

Na fortepianie grał kompozytor, Kazimierz Miller. W jego wykonaniu usłyszeliśmy preludium, kołysankę, dwa walce i polonez Chopina.

KOMITET TYSIĄCLECIA W SÃO PAULO

W maju b. r. powstał w São Paulo Komitet Tysiąclecia Państwa Polskiego. W skład Komitetu weszli: Włodzimierz Dołęga - Otoki, Ryszard Bloch, Marian Jezierski, Mieczysław Starzyński i Jerzy Klemens Świerzyński.

Głównym celem Komitetu jest zbiórka pieniędzy na rzecz budowy tysiąca szkół w Polsce w okresie Millenium.

Komitet zebrał dotychczas około 130 tysięcy kruczejrów ofiarowanych przez następujące osoby:

Edward Czutrowski	Cr\$ 50.000,00
Mieczysław Starzyński	Cr\$ 25.000,00
Jerzy Zaks	Cr\$ 15.000,00
Henryk Kimmerling	Cr\$ 15.000,00
Eugeniusz Nafalski	Cr\$ 15.000,00
Zygmunt Wieliczka	dol. am.50,00

WIADOMOŚCI HANDLOWE

S.A. Insubra, São Paulo, Rua Barão de Itapetininga, 151, powiększa w najbliższym czasie kapitał zakładowy z 40 na 60 milionów Cr\$. W skład zarządu przedsiębiorstwa wchodzi jako prezes — Sebastião Ribeiro Simões i jako dyrektorzy: Werner Arnhold i Henryk Pikielny. Przedsiębiorstwo zajmuje się importem i dystrybucją wszelkiego rodzaju maszyn biurowych, organizacyjnych i do księgowości.

(Dokończenie na str. 27)

CONTITEC CIA. CONTINENTAL TÉCNICA



RURY STALOWE BEZ SZWU, CIĄGNIONE NA ZIMNO
4,0 do 50,0 m/m średnicy i 0,5 do 2,75 m/m grubości ściany

Rury bez szwu miedziane, mosiężne i aluminiowe.

Praca Sta. Helena, 26 — Caixa Postal, 8451 — Fone: 63-6054
End. Telegráfico "CONTITEC" — SÃO PAULO

PRZEMYSŁ POLSKI W BRAZYLIJI

Wytwórnia kosmetyczno-perfume-ryjna "Indústrias Cosméticas Francezas" mieści się przy jednej z ruchliwych uliczek przemysłowych, rua Victorino Carmillo, 330, na zapleczu placu Marechal Deodoro w São Paulo. Już od progu czuje się ów specyficzny zapach wody kolońskiej i mydeł, cechujący wszystkie tego rodzaju fabryki na świecie, mieszaninę woni stu kwiatów syntetycznych.

Człowiek, który nas wita, blondyn o sumiastym płowym wąsie, nieco przygarbiony, to właśnie właściciel wytwórni, Michał Hoffer. Jest w jego zachowaniu coś zniewalającego i swojskiego, co pozwala zapomnieć, że znajdujemy się o bez mała 12 tysięcy km. od Polski.

Michał Hoffer ukończył Uniwersytet w roku 1925 w stopniu prowizora farmacji. Ale już wcześniej, gdyż od roku 1922, prowadził w Warszawie starą, zorganizowaną w pierwszych latach XX wieku, firmę p. n. Laboratorium Farmaceutyczne A. Kozłowski. Wielu starszych warszawiaków przypomina sobie zapewne słynne proszki od bólu głowy Kozłowskiego, zioła przeciw otyłości "475" lub pomadę Hoffera przeciw chorobom skórny. Były to właśnie jedne z licznych środków produkowanych przez Michała Hoffera w Laboratorium A. Kozłowskiego i w Laboratorium "Hofferosa" w Białej Podlaskiej. Zaznaczyć należy, że "Pomadą Hoffera", stosowana przeciw egzemie, liszajom i innym chorobom skórny, znana była daleko poza granicami Polski, we Francji, Palestynie, Egipcie, a nawet w Stanach Zjednoczonych.

W Białej Podlaskiej, gdzie mieszkał stale, Michał Hoffer prowadził ożywioną działalność społeczną. Gdy wybuchła wojna wstąpił do ruchu oporu. Czynny był pod pseudonimem Edwarda Wiewiórowskiego i Michała Kozłowskiego; schwytyany przez Gestapo i więziony cztery miesiące cudem uniknął śmierci. Walczył, następnie, w Powstaniu Warszawskim i wzięty do niewoli wywieziony zo-

stał do Gross Rosen, skąd wyzwoliły go wojska sprzymierzone. Za działalność narodową i społeczną Michał Hoffer otrzymał Złoty Krzyż Zasługi, Krzyż LOPP i odznakę Niepodległości.

Po wojnie Michał Hoffer wrócił do kraju i wznowił działalność Laboratorium Farmaceutycznego A. Kozłowskiego, tym razem w Łodzi, aby po rocznym pobycie w Polsce wyemigrować do Francji. Przez okres pięciu lat od roku 1946 do 1950 zorganizował i prowadził w Paryżu Laboratorium Kosmetyczne p. n. Tour Eiffel. O powodach przeniesienia się do Brazylii Michał Hoffer nie mówi i nie wypytuję go o to. Dość, że od roku 1950 zastajemy go już w São Paulo. W roku bieżącym założona przez niego firma Indústrias Cosméticas Francezas obchodzi pierwszy skromny jubileusz dziesięciolecia istnienia.

Co firma wytwarza? Na pierwszym miejscu postawiłbym perfumy i wody kolońskie, wśród których wyróżnia się Woda Kolońska 44. Michał Hoffer zapewnia nas, że są one produkowane na oryginalnych olejkach francuskich. Na uwagę zasługują ponadto sole do kąpieli, szampony do włosów, a przede wszystkim znakomite (pod słowem, gdyż wypróbowałem je osobiście) przetłuszczone mydła toaletowe.

Pytamy Michała Hoffera jakie są najbliższe plany produkcyjne wytwórni. Magister Hoffer uśmiecha się. Jest w tej chwili do złudzenia podobny do Adhemara de Barros.

— Potwierdza się na mnie przysłowie — powiada — mówiące, że stara miłość nie rdzewieje. Wracam do wytwarzania środków farmaceutycznych. Już w najbliższym czasie na półkach drogerii brazylijskich ukazać się: Pomada Hoffera, zioła przeciw otyłości oraz sensacyjna nowość: maseczki hormonowe, zapewniające tkankom twarzy elastyczność i piękną cerę, cerę młodości.

S. A.



MGR. MICHAŁ HOFFER

(Dokończenie ze strony 26)

Fabryka urządzeń elektrycznych Ren-O-Max Ind. Eletromecânica Ltda. São Paulo, Rua Madre de Deus, 217/227, powiększa kapitał zakładowy z Cr\$ 3.800,00 na Cr\$ 7.800,00.

* ★ *

Przedsiębiorstwo Ferramentas First Ltda. São Paulo, Rua Florencio de Abreu, 78, powiększa kapitał zakładowy do 20 milionów kruczejrów i przekształca się na spółkę akcyjną.

Na czele przedsiębiorstwa stoją: Eugeniusz Lewicki i Lisio Hamermesz. Przedsiębiorstwo zajmuje się importem i dystrybucją narzędzi ze Stanów Zjednoczonych i Niemieckiej Republiki Federalnej i posiada oddziały w Nowym Jorku, Londynie i Frankfurt nad Menem.

— ★ —

Przedsiębiorstwo Delaco Comércio e Indústria Ltda. w São Paulo, rua Consolação, 825 jest jedyną firmą wyspecjalizowaną w zakresie prac, wyrobów i zastosowań z Formiki. Na miejscu znajduje się duży warsztat stolarski i mechaniczny obsługiwany przez wykwalifikowanych fachowców, co daje gwarancję sumiennego wykonania najtrudniejszych zamówień. Firma wykonuje dokładne kosztorysy sporządzane przy pomocy specjalistów techników, którzy na życzenie klientów odwiedzają miejsce przewidywanej roboty.

Na czele przedsiębiorstwa stoi Waclaw Teitelbaum.

W KILKU WIERSZACH (D. c. ze str. 4-tej)

Dawniej mówiło się: "Nie było nas był las, nie będzie nas będzie las". Przysłowie to straciło wiele ze swej aktualności.

Od wielu lat powierzchnia lasów w Polsce zmniejsza się gwałtownie. W coraz większym stopniu występuje deficyt drewna, a w centrum kraju, gdzie tereny są nizinne, mnożą się oznaki

przemiany tych ziem na step. Zgodnie z orzeczeniem specjalistów na obszarze całego kraju należałoby posadzić około 200 milionów drzew w okolicach, w których lasy zostały przetrzebione podczas okupacji. Zalesienie objąć powinno powierzchnię w granicach od 600 do 700 tysięcy ha.

Plany tegoroczne przewidują posadzenie 6 milionów drzew i 4,5 miliona krzewów.

*

W czasie od 20 maja do 8 czerwca b. r. Filharmonia Narodowa odwiedzi Włochy, Szwajcarię i Austrię. We Włoszech będzie koncertować w 8 miastach, m. i. we Florencji, gdzie weźmie udział w dorocznym festiwalu "Maggio Fiorentino".

Od 1 do 3 czerwca orkiestra da trzy koncerty w Szwajcarii (w Lugano, Bazylei i Lozannie), gdzie Witold Małcużyński wyko-

na jako solista "Concerto f-mineur" Chopina.

Ostatnim etapem podróży będzie Austria (Innsbruck, Salzburg, Wiedeń). Koncert ostatni w Wiedniu 8 czerwca odbędzie się w ramach festiwalu: "Wiener Festwoche".

Orkiestrą dyrygować będą: Witold Rowicki i Stanisław Wisłocki; jako soliści wystąpią: Wanda Wilkomirska i Tadeusz Żmudziński.

KRONIKA ZIEM ZACHODNICH

OSIĄGNIĘCIA NAUKOWE WROCŁAWIA

Ośrodek naukowy we Wrocławiu pod wieloma względami przoduje w kraju. W mieście tym czynne są: uniwersytet, politechnika i szkoły wyższe: rolnicza, ekonomiczna, konserwatorium muzyczne, szkoła sztuk pięknych, szkoła wychowania fizycznego i akademia medyczna.

Niektóre wyniki szkół wrocławskich uzyskały rozgłos w kołach naukowych całego świata, jak np. prace matematyczne prof. Hugo Steinhausa, badania jądrowe prof. Włodzimierza Trzebiatowskiego lub odkrycia z zakresu kardiologii prof. Hugo Kowarzyka.

ROZWÓJ PRZEMYSŁU ENERGETYCZNEGO

Rozwój przemysłu energetycznego na Ziemiach Zachodnich świadczy najlepiej o szybkim odrodzeniu ekonomicznym tych Ziemi.

Tu właśnie na Ziemiach Zachodnich, w Gorzowie Wielkopolskim, w województwie zielonogórskim, zbudowana została pierwsza elektrownia po wojnie. W ciągu następnych lat zbudowano elektrownię w Blachowni w województwie katowickim i oddano do eksploatacji wielką elektrownię przemysłową w Kedzierzynie w województwie opolskim. Zbudowano również elektrownię w Brzegu Dolnym na Odrze w województwie wrocławskim i wiele elektrowni wodnych w województwie zielonogórskim. Liczne dawne elektrownie zostały zmodernizowane i powiększone.

Obecnie kończy się budowę elektrowni w Szczecinie. Prace przy budowie elektrowni w Turaszowie w województwie wrocławskim są znacznie zaawansowane. Elektrownia ta będzie jedną z najbardziej nowoczesnych i największych w Europie. Opalana wyłącznie węglem brunatnym posiadać będzie moc 1200 MW.



Zaznaczyć należy, że zgodnie z przedwojennymi planami niemieckimi Dolny Śląsk w latach 1960 — 1965 miał uzyskać ilość energii elektrycznej, którą osiągnął w Polsce w ciągu zeszłego roku.

Węgiel brunatny stanowić będzie główną bazę materiałów pędnych przeznaczonych dla nowych elektrowni, które zostaną zbudowane na Ziemiach Zachodnich i Północnych Polski. Bogate pokłady węgla brunatnego, liczące setki milionów ton, położone są na obszarze województwa zielonogórskiego i wrocławskiego.

NA ZIEMIACH ZACHODNICH CZYNNYCH JEST 21 SZKÓŁ WYŻSZYCH

W okresie przedwojennym za czasów panowania niemieckiego na ziemiach, które po wojnie przyłączone zostały do Polski, istniało zaledwie kilka szkół wyższych. Obecnie jest ich w samym Wrocławiu — 8, w Gdańsku 6, w Szczecinie — 3 i po jednej w Gliwicach, Olsztynie, Opolu i Zabrze. Na obszarze Ziemi Zachodnich kształcą się obecnie 50.000 studentów, co stanowi trzecią część wszystkich studentów w kraju.

PRYMAS POLSKI WYŚWIECILI NOWEGO BISKUPA WE WROCŁAWIU

W starej katedrze wrocławskiej pamiętającej czasy średniowiecznych polskich biskupów odbyła się 7-II-b.r. konsekracja ks. prałata dr. Wincentego Urbana, pierwszego biskupa sufragana Polaka w archidiecezji

wrocławskiej od drugiej połowy XIX wieku.

Znamiennym faktem, jakże wymownym w chwili obecnej, jest powołanie do grona Episkopatu znakomitego historyka Śląska, jakim jest ks. biskup Urban, którego kilkadziesiąt prac naukowych zostało właśnie poświęconych wykazaniu polskości starej piastowskiej ziemi i historycznej roli, jaką odegrał Kościół w umacnianiu związków Śląska z Macierzą. Ks. Biskup Urban wziął również czynny udział od roku 1946 w organizowaniu kilku placówek naukowych we Wrocławiu, które stały się nowoczesnymi ośrodkami twórczej pracy historycznej.

W uroczystościach konsekracyjnych w katedrze wrocławskiej wzięli również udział obok biskupów polskich, gorzowskich, wrocławskich: J. Em. ks. kardynał dr. Stefan Wyszyński — metropolita Gniezna i J. E. ks. arcybiskup Eugeniusz Baziak — metropolita Krakowa.

W KILKU WIERSZACH

(D. c. ze str. 4-tej)

300.000 rodzin w Polsce uprawia ogródki działkowe. Największa ilość ogródków działkowych, bo ponad 60.000, znajduje się na Śląsku.

Powierzchnia ogródków działkowych wzrosła z 6.000 ha w r. 1949 do 13.400 ha w r. b. Rośnie w nich 2,5 miliona drzew owocowych i około 4,4 miliona krzewów.

RODOFIEL S. A.
excelente em transportes



REN-O-MAX

Ind. Eletromecânica Ltda.

Produtos de fabricação da "REN-O-MAX"

- ★ Chaves de faca abertas e blindadas, de abertura e fechamento rápidos.
 - ★ Fusi-automatos (conjuntos de chave de faca e chave magnética, botoeira e lâmpada piloto na mesma caixa).
 - ★ Quadros de distribuição de luz com disjuntores termomagnéticos ou com fusíveis.
 - ★ Cabines e quadros para distribuição e comando de força e luz.
 - ★ Cubículos blindados tipo "Unit Substantion".
 - ★ Calhas com barramento tipo "Busduct".
 - ★ Chaves e bases blindadas tipo "Plug in" para encaixe nas calhas.
- ★
- ★ Disjuntores automáticos de fabr. representada "Federal Pacific Electric Co."

FÁBRICA:

Rua Madre de Deus, 217/227 (Moóca) — Tel. 9-5669

C. Postal, 2.504 - S. PAULO - End. Teleg.: "Eletroarco"

ZMIANA CEN W POLSCE

Od 4 kwietnia bieżącego roku nastąpiły w Polsce zmiany cen niektórych artykułów przemysłowych oraz kawy.

Największe znaczenie dla rynku wewnętrznego ma obniżka cen tkanin wełnianych od 10 do 17% oraz obuwia na spodach nieskórzanych od 5 do 7%.

Materiały na garnitury męskie ze stuprocentowej wełny staniały przeciętnie o 100 do 120 złotych za metr. Tak, np. kamgarn, który dotychczas kosztował 620 złotych za metr teraz kosztuje 495 złotych, gabardyna dawniej 700 złotych - obecnie 555 złotych. Staniały też wełny niskoprocentowe, np. 60-tki z 355 złotych na 285 zł.

Staniały również i to dość znacznie, gdyż średnio około 17%, zegarki na rękę importowane z ZSRR i NRD.

Nas tu w Brazylii interesuje obniżka cen kawy o 24%. Przyczynić się to powinno do wzrostu konsumpcji kawy i co za tym idzie — do zwiększenia eksportu tego artykułu do Polski.

Równoległe z obniżką cen niektórych towarów podwyższone zostały ceny pewnych artykułów metalowych, jak: gwoździe, śruby, kable, piece metalowe i części do nich, okucia budowlane, kłódki; ceny niektórych artykułów chemicznych, jak: farby i lakiery; ceny lamp.

Stosunkowo najmniej podrożały ceny kaffi, bo o ok. 15%.

GROŹBA NIEURODZAJU

Najstarsi rolnicy nie pamiętają tak złych warunków atmosferycznych dla rolnictwa jak panujące obecnie w kraju.

Jesienią ub. r. nie można było obsiać z powodu suszy 5% obszaru przeznaczanego na oziminy. Z powodu silnych wiatrów i mrozów oziminy znacznie ucierpiały na dużych przestrzeniach. Ocena przeprowadzona w marcu b. r. wykazała, że zaledwie 50% ogólnego obszaru zasiewów ozimnin znajduje się w stanie zadowalającym.

W dodatku wiosna b. r. jest wyjątkowo sucha. Brak wilgoci w glebie daje się odczuć na terenie całego kraju i występuje w stopniu wyższym, niż w listopadzie ub. roku.

PACZKI DO POLSKI

W Życiu Warszawy ukazał się wywiad z dyrektorem generalnym Ministerstwa Finansów w Warszawie, Henrykiem Kotlickim, w sprawie, która obchodzi wszystkich naszych rodaków w Brazylii, mianowicie w sprawie paczek przesyłanych dla rodzin w Polsce. Wywiad ten drukujemy z nieznacznymi skrótami.

— Chciałbym poruszyć sprawę surowców, sprowadzanych z zagranicy w poważnych ilościach w obrocie prywatnym. Znam wypadki, że za sprzedaż

sprowadzanych surowców adresat otrzymywał potem jakieś kosmiczne domiary. Interes po prostu się nie opłacał, mimo że surowiec był w kraju potrzebny. Ja rozumiem, że nie zależy nam na stwarzaniu nowych kapitalistów, ale można uregulować to drogą podatkową, znając od razu z góry. Metoda zaskakiwania jest chyba zła.

— A z jakich źródeł pochodzą dewizy, za które te surowce zostały za granicą zakupione?

— Chodzi konkretnie o dotacje krewnych, przekazywane w formie paczek.

— Jeśli charakter tych paczek nie budzi podejrzeń, iż jest to transakcja handlowa, to podatek w ogóle się nie wymierza. Jeżeli natomiast są to pozycje poważne i zachodzi proceder stałej sprzedaży tych towarów, to wtedy płaci się normalny podatek obrotowy i dochodowy tak, jak za każdą działalność handlową. Na to nie ma rady.

— Ale skala tego podatku powinna być z góry wiadoma, a u nas to się robi ex post.

— Trudno przewidzieć z góry, jaka to będzie transakcja. Podatek jest wymierzany w zależności od wysokości transakcji, a o rozpiętości skali podatkowej każdy urząd finansowy może poinformować. Problem polega na tym, że nie bardzo nam się chce wierzyć w rodzinne dotacje, sięgające tysięcy dolarów miesięcznie. Zawsze są z tym jakieś transakcje związane. To znaczy — że ktoś za wywożone lub przesyłane z Polski za granicę towary, zbiera za granicą dewizy, a potem za te dewizy ściągają znowu do kraju surowiec. Duże transakcje budzą podejrzenia i wolimy ukrócić je poprzez poważne opodatkowanie, niż dopuszczać do spekulacji.

— Chciałbym jeszcze zapytać, jak to jest z granicą 30.000 złotych? Jeżeli ktoś otrzymuje paczkę i wartość jej nie przekracza 30.000 złotych, to nie ma kłopotu. Ale jeżeli następna paczka przyjdzie za pół roku, czy za kwartał, to zaczynają się historie z podatkami.

— Bo kwota 30.000 złotych oznacza wartość paczek rocznie, a nie każdej paczki oddzielnie. Roczna suma wartości paczek do 30.000 złotych wolna jest od podatku od nabycia praw majątkowych. Wyższe sumy są już tym podatkiem obłożone.

— Jaki przepis o tym mówi?

— To są przepisy o podatku od nabycia praw majątkowych, ale przepisy te powinny być stosowane jedynie do przypadków jaskrawo przekraczających normalne wartości paczek z darów.

— Ale przecież nie ma precyzyjnych przepisów, od kiedy jest handel, a gdzie kończy się dar od rodziny.

— Staramy się to regulować drogą przepisów, choć oczywiście nie może tu być precyzji absolutnej. Nie możemy przecież w ustawie przewidzieć wszyst-

Wiadomości z Kraju

kich tysiącznych możliwości. Musimy w pewnych wypadkach pozostawić przedstawicielowi władzy finansowej prawo uznania takiego czy innego proceduru za handel na zasadzie dość szczegółowych badań. Zresztą obywatel ma zawsze możliwość odwołania się od decyzji wydziału finansowego.

Ale zgadzam się, że rozwiązanie generalne tego zagadnienia nie powinno leżeć w płaszczyźnie podatkowej a jedynie w odpowiednio zreformowanej skali opłat celnych od przesyłek paczkowych.

Poza tym przypominam, że ani opłat celnych, ani podatków nie pobiera się od przekazów realizowanych w "eksportie wewnętrznym" przez B. P.K.O.

WIZY TURYSTYCZNE DO POLSKI

Tenże dyrektor Henryk Kotlicki udzielił na łamach Życia Warszawy odpowiedzi w sprawie wiz turystycznych do Polski. Wypowiedź jest na tyle ciekawa, że przytaczamy ją bez zmian.

— Mam wujka za granicą. Byłem u niego gościem niedawno, a obecnie chciałbym go zaprosić z rewizytą do kraju. Tymczasem, gdy wuj zgłosił się do naszej placówki dyplomatycznej o wizę, powiedziano mu, że musi wykupić bony "Orbisu". Jest to bardzo dla mnie żenujące, bo on miał być moim gościem, a tymczasem dano do zrozumienia, że będzie miał trudności z uzyskaniem wizy, jeżeli bonów "Orbisu" nie wykupi.

— Jeżeli ktoś chce przyjechać do rodziny w Polsce, to zwykle załatwianie wizy trwa 6 tygodni, do dwóch miesięcy, bo trzeba się zorientować, czy ta rodzina istnieje, czy chce go przyjąć itd. Natomiast, jeżeli zdecydowałby się na podróż turystyczną, to znaczy opłaciłby pobyt przez "Orbis", to wtedy przyjazd ma charakter zorganizowany i wizę dostaje się bardzo szybko, w ciągu 10 dni. Jest to więc ułatwienie, z którego oczywiście nie musi się korzystać.

— Ale to nieprzyjemny przymus, bo — albo bony za dewizy, albo długie czekanie. Nie wiem, czy w tych warunkach opłaca się skórka za wyprawkę.

— Na ogół Polacy z zagranicy przyjeżdżają do Polski do rodzin na wsi. Tacy goście chętnie płacą za tydzień czy dziesięć dni wycieczki "Orbisu" po Polsce i pobytu w Warszawie. Na ogół ci, którzy korzystają z tego, są bardzo zadowoleni, bo

poza rodzinną wsią poznają kawał Polski. Dlatego przepis który Pan nazywa niesłusznie przymusem, ma także pewien sens społeczny. A poza tym wszędzie przy udzielaniu wiz odróżnia się turystów, którzy płacą za swój pobyt, od tych, którzy przyjeżdżają na utrzymanie rodziny. Tak jest na całym świecie.

PASZPORTY ZAGRANICZNE POLSKIE

W najbliższych czasach ukaże się w Polsce rozporządzenie Ministra Spraw Wewnętrznych określające między innymi tryb i zasady postępowania w sprawie wydawania w kraju paszportów. Przepisy, objęte rozporządzeniem, chociaż na ogół nie odbiegają od obecnie stosowanej praktyki, nie były jednak dotychczas uregulowane ogłoszonym aktem prawnym. Obok znanych już wymogów stawianych przy staraniu się o wyjazd za granicę, rozporządzenie precyzuje obecnie sprawę wyjazdów indywidualnych i zbiorowych, sprawę odwołań od decyzji odmownych, terminów załatwiania sprawy przez władze paszportowe itp.

Są również w rozporządzeniu nowe punkty obowiązujące od najbliższych dni. Otóż określony został obowiązek osobistego złożenia podania i odebrania dokumentu przez osobę ubiegającą się o paszport. Ma to na celu ustalenie tożsamości.

Ze względu na dobro grupowych wyjazdów wycieczkowych, rozporządzenie upoważnia władze paszportowe do pozostawienia bez rozpatrzenia odwołań od decyzji odmownej, wydanej dla poszczególnych uczestników wycieczki. Celem tego przepisu jest zabezpieczenie terminowego wyjazdu całej grupy, by nie stwarzać komplikacji przez sprawienie rozpatrywanie spraw tych nielicznych uczestników wycieczki, którzy zezwolenia nie otrzymali.

Podstawę prawną otrzymał praktykowany już przepis, ale nie obowiązujący dotąd władz paszportowych, że podanie lub wniosek o wydanie paszportu powinny być załatwione w ciągu dwóch miesięcy od daty złożenia wszystkich wymaganych dokumentów, a przy wyjazdach na pobyt stały — w ciągu czterech miesięcy.

Wreszcie ostatni, istotny przepis rozporządzenia: w przypadku unieważnienia paszportu,

(D. c. na str. 30)

W Brazylii o Polsce - w Polsce o Brazylii

PROF. O. LANGE O WRAŻENIACH Z POBYTU W BRAZYLII

W Życiu Warszawy pojawił się wywiad z prof. Oskarem Lange o jego wrażeniach z pobytu w Brazylii. Wywiad ten podajemy z nieznacznymi skrótami.

— Czy w porównaniu z krajami słabo rozwiniętymi gospodarczo, które Pan Profesor miał możliwość odwiedzić w swoich licznych podróżach po świecie, dostrzegł Pan specyficzne cechy rozwoju gospodarczego w Brazylii?

— Podróż po Południowej Ameryce przekonała mnie, że do zagadnienia t.zw. krajów słabo gospodarczo rozwiniętych nie należy przykładać jednego schematu. Np. sytuacja w Brazylii i w Indiach poważnie się różni. W zasadzie w Brazylii wielką rolę w procesie uprzemysłowienia odgrywa kapitał prywatny, chociaż proces ten jest w pewnym stopniu kierowany przez państwo w drodze państwowych inwestycji, polityki kredytowej i subsydiów. Prowadzi on do usamodzielnienia gospodarczego państwa i ma poważne konsekwencje polityczne. Brazylija bowiem wkroczyła na drogę poważnej industrializacji. Dzięki niej rośnie rola tego kraju w gospodarce światowej i na arenie międzynarodowej.

— Wydaje się nam, że tego rodzaju tendencje w gospodarce brazylijskiej mogą stanowić trwałą podstawę dla współpracy gospodarczej z naszym krajem...

— Tak, proces ten sprzyja rozwojowi stosunków handlowych między Polską a Brazylią. Nasz kraj dostarcza Brazylii środków uprzemysłowienia — maszyn, obiektów przemysłowych, okrętów... To co budzi specjalne zainteresowanie dla współpracy z nami to fakt, że handel ten odbywa się na bazie zrównoważonej wymiany towarowej i nie jest ograniczony problemem dewiz.

— Wiadomo nam, że pobytowi delegacji polskiej w Brazylii towarzyszyła dość obszerna "publicity", dowodząca zainteresowania naszym krajem. Czy jego podłożem są tylko wzajemne stosunki handlowe?

— O nie, podłoże zainteresowania jest znacznie szersze. Tradycyjna sympatia Brazylijczyków a zwłaszcza inteligencji brazylijskiej, sięga jeszcze czasów walk wyzwoleniczych narodu polskiego. Istnieje również szerokie zainteresowanie kulturą polską. Np. Chopin jest tam równie znany jak w Polsce.

— Współpraca gospodarcza z Brazylią rozwija się na ogół po-

myślnie, czego dowodzi choćby podpisana niedawno umowa wieletletnia. Ale czy wobec stwierdzonego przez Pana Profesora zainteresowania kulturą polską istnieją podobne możliwości nawiązania stosunków w tej niekniętej dziedzinie?

— W tej sprawie jest dużo do zrobienia — niestety, na przeszkodzie do szerszej wymiany kulturalnej stoją koszty podróży. Ale np. umowa kulturalna mogłaby niektóre z tych przeszkód pokonać.

— Czy delegacja miała możliwość poznania głównych problemów krajów, do których została zaproszona?

— Tak, zwłaszcza w Brazylii gdzie spędziłyśmy dwa tygodnie. Sądzę, że delegacja nasza wniosła stamtąd obraz głównych problemów i dodam — obraz pozytywny. Brazylija jest na drodze intensywnego rozwoju gospodarczego i ma przed sobą wielką przyszłość.

— Już na lotnisku, bezpośrednio po powrocie powiedział Pan Profesor, że największe wrażenie wywarła na Panu architektura brazylijska.

— O tak, przy czym architektura ta koncentruje się nie tylko w nowej stolicy Brasílii, lecz można ją spotkać w innych miastach, szczególnie w São Paulo i w Rio de Janeiro. Dlatego też można mówić o brazylijskiej szkole w architekturze: uderza w niej umiejętność połączenia rozwiązań technicznych z dużym smakiem estetycznym. Jest problemem, w jakiej mierze da się ona przenieść do innych warunków klimatycznych. Niemniej uważam, iż jest ona godna studiowania przez architektów na całym świecie, a także i w Polsce.

— A sama Brasília?

— 21 kwietnia nastąpią przenosiny stolicy kraju z Rio do Brasílii, miasta, które powstało w ciągu... 4 lat. Jego budowa była niezwykle śmiałym przedsięwzięciem, wobec braku dróg i połączeń komunikacyjnych z miejscem, gdzie za lat kilka miało wyrosnąć pełne rozmachu nowoczesne miasto. Zaczęto od budowy lotniska: na spadkach lądowały pierwsze ekipy i materiały. Dziś Brasília to miasto przygotowane do pełnienia swych stołecznych funkcji, jakkolwiek dopiero w połowie ukończone. Jego rozbudowa postępuje dalej.

WYSTAWA KSIĄŻEK BRAZYLIIJSKICH W POLSCE

W Warszawie otwarto wystawę książek brazylijskich.

Brazylijscy wydawcy — głównie z São Paulo i Rio de Janeiro — wystawili około 400 książek.

Pod względem edytorskim najstaranniej wykonane są książki dla dzieci. Barwne obwoluty i efektowne ilustracje gwarantują, że książki te trafią na życzliwe przyjęcie dzieci — oczywiście brazylijskich. Ach te języki!

POLSKA PROPONUJE BRAZYLII KOMPLETNIIE WYPOSAŻONĄ HUTĘ ŻELAZA

Dziennik brazylijski "A Gazeta" donosi z Rio de Janeiro, że delegacja handlowa polska, która niedawno odwiedziła Brazylię, złożyła na ręce prezydenta Juscelino Kubiczka ciekawą ofertę.

Polska gotowa jest, mianowicie, dostarczyć Brazylii kompletnie wyposażoną hutę żelaza o zdolności produkcyjnej 150 tys. ton. Należność ma być pokryta na warunkach bezdewizowych w drodze kompensaty towarowej.

Strona polska zobowiązuje się zarówno do opracowania projektu, jak i nadesłania i zainstalowania maszyn i urządzeń. Ponadto polscy specjaliści mogliby okazać pomoc techniczną w okresie rozruchu huty.

W imieniu Prezydenta Republiki szef kancelarii cywilnej oświadczył, że rząd jest bardzo zainteresowany ofertą polską i że Minister Finansów otrzymał już w tej sprawie wskazówki w celu stwierdzenia możliwości zrealizowania oferty.

DORADCA PREZYDENTA KUBICZKA PRZEBYWAŁ W POLSCE

Siedem dni bawił w Polsce doradca Prezydenta Juscelino Kubiczka do spraw kultury i sztuki, Carlos Magno. W czasie swego pobytu w Polsce p. Magno przeprowadził rozmowy z Wiceministrem Spraw Zagranicznych, Józefem Winiewiczem i Wiceministrem Kultury i Sztuki, Kazimierzem Rusinkiem.

P. Magno, który jest pisarzem, był gościem polskiego Pen-Clubu.

UTWORZENIE TOWARZYSTWA POLSKO-BRAZYLIIJSKIEGO

Towarzystwo Polsko-Brazylijskie rozpoczęło swą działalność z dniem 1 marca 1960 r. Program Towarzystwa obejmuje: konferencje, dyskusje, spotkania przedstawicieli społeczeństwa polskiego i brazylijskiego, wystawy i występy artystyczne.

Przewodniczącym Zarządu Towarzystwa wybrany został Józef Ozga-Michalski.

WIADOMOŚCI Z KRAJU

(Dokończenie ze strony 29)

wkładki paszportowej do dowodu osobistego lub dokumentu podróży jeszcze przed opuszczeniem kraju przez jego posiadacza należy mu zwrócić, na jego wniosek, opłaty paszportowe, koszty biletu przejazdu za granicę oraz koszty powrotu do miejsca zamieszkania w kraju.

Przepisu tego nie będzie się stosować w każdym przypadku; np. nie będzie przysługiwać zwrot kosztów, jeśli unieważnienie nastąpiło z winy posiadacza paszportu.

W najbliższym czasie zostaną wydane przez organa paszportowe specjalne foldery informacyjne z zestawieniem najważniejszych przepisów obowiązujących osoby ubiegające się o paszport oraz tych, którzy już go posiadają. Będą w nich wyliczenia z przepisów celnych, sanitarnych, sprawy wiz itp.

W drugiej połowie b.r. mają być wprowadzone nowe wzory paszportów, dostosowane do obowiązującej już ustawy paszportowej.

TRZĘSIENIE ZIEMI W POLSCE

Stacja sejsmograficzna Planetarium Śląskiego ogłosiła przed kilku dniami ankietę z licznymi pytaniami na temat objawów towarzyszących silnemu wstrząsowi tektonicznemu, który miał miejsce w Katowicach i okolicy 28 kwietnia b. r. Na ankietę odpowiedziało wielu mieszkańców terenów, na których zaobserwowano wstrząs.

(Dokończenie na str. 31)

DELACO

Comércio e Indústria Ltda.

laminados plásticos,
decorações, revestimentos

S. PAULO, R. Consolação, 825

Fone: 34-1246 e 32-1022

Sprzedaz FORMICA w arkuszach i kawałkach.

Jedyna firma w São Paulo wyespecializowana we wszelkich dekoracjach, aplikacjach i meblach artystycznych, wyłącznie z

"FORMICA"

WIADOMOŚCI Z KRAJU

(Dokończenie ze strony 30)

Jak ustalono na podstawie obliczeń popartych badaniami ankietowymi, centrum wstrząsu znajdowało się w odległości 3 km. od Katowic koło kopalni "Kleofas". Jak stwierdzają uczestnicy ankiety wstrząs był tak silny, że niektórym "zakręciło się w głowie", a w wielu mieszkaniach pospadały obrazy ze ścian, otwierały się drzwi i występowały inne objawy drgań. Niektóre psy okazywały bardzo silne zaniepokojenie zjawiskiem.

STRASZLIWY HURAGAN

21 maja bieżącego roku przeszedł nad Rzeszowszczyznę straszliwy huragan. Oto co opowiada o nim naoczny świadek:

— Było właśnie około godziny drugiej, siedziałem w domu, przy stole, gdy nagle w mieszkaniu pociemniało. Zapalam światła, ale światła nie ma, tylko jeden wielki szum ogarnął mieszkanie. Słychać brzęk wypadających szyb, trzask łamanych gałęzi, za oknem sypią się dachówki, fragmenty gzymsów, jakieś belki...

Podbiegam do okna i widzę, że w tumanie jakby gęstej mgły biegają przerażeni ludzie. Samochody przejeżdżające ulicą, stanęły, bo zrobiło się zupełnie ciemno. Wreszcie lunął straszny deszcz. Rzecz znamienita, że

bicia piorunów nie było słychać prawie wcale, tylko jakiś głuchy narastający pomruk dochodził z oddali. Po dwudziestu minutach i to ucichło. To wszystko...

Do opowieści tej warto dodać, że huragan z dnia 21 maja nie był pierwszy w tych okolicach.

Nie dalej jak w ubiegłym roku dotknęła Rzeszowszczyznę dwukrotnie podobna kłeska. Tym razem jednak bilans strat, aczkolwiek mniejszy w sumie od pierwotnych szacunków, waha się według prowizorycznych danych w granicach co najmniej 30 mln. złotych.

Według dotychczasowych meldunków w Przeworsku huragan był tak silny, że przewrócił 5 wagonów kolejki wąskotorowej, zabijając między innymi 6-letnią dziewczynkę. W sumie w całym województwie zanotowano dotychczas 3 wypadki śmiertelne oraz 77 wypadków cięższych i lżejszych obrażeń. O tym jak straszne wrażenie sprawiał huragan niech świadczy fakt, że jedna ofiara zmarła z przerażenia na aneurizm serca.

Ogromne są straty w budynkach mieszkalnych i gospodarskich, zwłaszcza na wsi. W samym tylko powiecie przeworskim zgłoszono dotychczas ponad 2.800 częściowych bądź całkowitych zniszczeń lub uszkodzeń budynków i obiektów gospodarczych. W pow. Debica około 400 budynków zostało uszkodzonych, największe zaś procentowo straty poniosła wieś

Niechoborz, gdzie uszkodzonych bądź zniszczonych zostało ponad 150 zabudowań.

Ogółem — według prowizorycznych danych całkowicie zniszczonych zostało 425 budynków mieszkalnych, a ponad 600 bardzo poważnie uszkodzonych.

Ogromnie ucierpiały również zasiewy, zwłaszcza w południowej części pow. debickiego, gdzie uległo zniszczeniu około 30 proc. ozimin. Szczególnie jednak rzucają się wszędzie w oczy poważne straty w drzewostanie.

W KILKU WIERSZACH

(Dokończenie ze strony 4)

W roku 1960 z okazji 100-lecia pierwszego polskiego znaczka pocztowego zorganizowana zostanie w Warszawie Międzynarodowa Wystawa Filatelistyczna. Zadaniem jej jest pokazanie dorobku filatelistycznego całego świata. Na wystawę zgłoszono ponad tysiąc eksponatów, zaopiniowanych przez komisarzy wystawowych w liczbie 36; pracują oni w 36 krajach świata.

Wystawa obejmie około 6.000 m² powierzchni. Wzbudziła ona ogromne zainteresowanie wśród filatelistów zagranicznych i krajowych. Najcenniejsze eksponaty będzie można oglądać w klasie honorowej. Należą do nich m. in.: zbiór królowej angielskiej, Elżbiety oraz zbiory — kustosza zbiorów królewskich sir Wilsona, inż. M. Verner z Jugosławii oraz p. Stęczyńskiego z Chicago.

OFIARY

NA FUNDUSZ PRASOWY

Na Fundusz Prasowy "Przełomu Polskiego" złożyły ofiary następujące osoby i instytucje:

Papelit Ltda	Cr\$ 200,00
Jakób Halbreich	Cr\$ 200,00
Borys Czarnorucki	Cr\$ 200,00
Fanapla S.A. Lamint	Cr\$ 200,00
Mirosław Szabuniewicz	Cr\$ 200,00
Mieczysław Rogatko	Cr\$ 1.200,00
Stefan M. Neuding	Cr\$ 200,00
Roman Lakeland	Cr\$ 200,00
Eugeniusz Lewicki	Cr\$ 200,00
SPIG	Cr\$ 200,00
Mikołaj Kisiel-Kislański	Cr\$ 200,00
Stanisław Kozłowski	Cr\$ 1.000,00
Dawid Liberman	Cr\$ 200,00
Construtora Paulicea	Cr\$ 500,00
Jerzy Terlecki	Cr\$ 2.500,00
Wacław Federowicz	Cr\$ 200,00
Franciszek Gryzelko	Cr\$ 400,00
Tadeusz Rumpel	Cr\$ 3.500,00
Leon Kornhauser	Cr\$ 1.350,00
Mieczysław Grzegorzewski	Cr\$ 200,00
Arnold Reinfeld	Cr\$ 2.250,00
Razem	Cr\$15.300,00

Wszystkim ofiarodawcom składamy serdeczne podziękowanie.
REDAKCJA

OD REDAKCJI:

Z powodu nawału materiału dzieł: **CO NOWEGO W PRZEMYSLE KRAJOWYM** — ukáže się dopiero w następnym numerze.

ROZRYWKI UMYŚLOWE

KRZYŻÓWKA SYLABOWA

1		16	18	19	21		23
		2					
3	15		4				5
6		17			7		
8					9		
10			11	20			12
		13			22		
14							

Wyrazy poziome:

- 1 — Indyjska tancerka lekkich obyczajów
- 2 — Miasto w Afryce Póln.
- 3 — Słońce u starożytnych Egipcjan
- 4 — "ON" — w języku obcym
- 5 — Symbol pierwiastka chem.
- 6 — Drzewo liściaste
- 7 — Rodzaj utworu literack.
- 8 — "Gdzie" — w języku martenym

- 9 — Środek leczniczy
- 10 — Karta (wspak)
- 11 — Litera fonetycznie
- 12 — Symbol pierwiastka chem. (wspak)
- 13 — Mityczny okręt
- 14 — Stolica starożytnej Medii, później słynna rezydencja letnia królów perskich.

Wyrazy pionowe:

- 1 — Nazwisko słynnego pisarza franc. żyjącego na przełomie XIX i XX wieku
- 5 — Pojęcie, myśl, istota
- 7 — Skrót łacińskiej nazwy oleju
- 11 — Kawałki lodu pływające po rzece
- 15 — Rzeka w Póln. - Wsch. Francji, dopływ Sekwany
- 16 — Japońska miara długości (3,03m)
- 17 — Inicjały nazwiska i imienia wielkiego filozofa
- 18 — Okres czasu (wspak)
- 19 — Pierwiastek chem. (wspak)
- 20 — Część sztuki teatralnej
- 21 — Litera fonetycznie
- 22 — Dwie równobrzmiące samogłoski
- 23 — Siła przyciągania, wywierana przez rzecz lub osobę na inną osobę.

Paczki PEKAO do Polski

Z radością witana będzie każda PACZKA PEKAO przekazana przez WAS dla Rodziny i Przyjaciół w Kraju.

Zamawiajcie już teraz, by na czas dostarczyć: Paczki żywnościowe wg. katalogu PEKAO. MATERIAŁY na ubrania 100% wełny. PACZKI PREZENTOWE dla pań, panów i dzieci. PACZKI "DO WYBORU" za które odbiorca w Kraju wybierze najbardziej aktualne przedmioty i które potem korzystnie może odsprzedać.

PEKAO posiada we wszystkich Oddziałach w Kraju bogato zaopatrzone składy w najnowocześniejsze LEKARSTWA AMERYKAŃSKIE.

CENTRALA PEKAO w Warszawie i Oddziały — KRAKÓW, GDYNIA, SZCZECIN, NOWY TARG i RZESZÓW — szybko wykonają Wasze zlecenia.

Wyłącznie PACZKI PEKAO są dostarczane do domów bez cła i bez żadnych dodatkowych opłat.

Po informację i katalogi zwracajcie się do:

Przedstawicielki PEKAO New York, P. HALINY BERGMAN, - São Paulo, Rua Ana Cintra 295, ap. 51 — Tel.: 52-87-29. — Adres dla korespondencji: Caixa Postal 5127.

Woj

Jedna z katowickich ulic w wieczorem



W pracowni Akademii Sztuk Pięknych w Warszawie

Ślub chórzystki zespołu "Śląska" A. Linartas z wnukiem b. Prez. Meksyku A. Callas.



Dzieci szkolne w Muzeum w Darłowie (na Ziemiach Zachodnich)



Jubileusz Mieczysławy - Ćwiklińskiej



Meias
Nondesfil
DE MAIS GRANDE QUALIDADE

NONDESFIL

POŃCZOCHA, KTÓRA NIE
PUSZCZA OCZEK

Ka-Ri-Bê

ALBUMY PROPAGANDOWE

DLA POWAŻNYCH WIELKICH ORGANIZACJI
PRZEMYSŁOWYCH I HANDLOWYCH
opracowuje i wydaje



Pierwsza w Brazylii — naśladowana przez wielu,
nieosiągnięta przez nikogo.

São Paulo — Rio de Janeiro — Santos — Buenos Aires
Los Angeles (California)

TRAKTORY GAŚNIENICOWE "MAZUR"
SAMOCHODY "WARSZAWA"
MOTORKI ROWEROWE

General-Motor S/A Imp. e Exp.

SÃO PAULO
rua Frederico Steidel, 192
tel. 52-2029 i 52-1886



CZYTAJCIE
PRENUMERUJCIE
OGŁASZAJCIE
SIĘ
W
MIESIĘCZNIKU

REVISTA MENSAL DAS
INDÚSTRIAS
BRASILEIRAS

od **28** lat

LEKTURA OBOWIĄZUJĄCA
LUDZI PRZODUJĄCYCH I
KIERUJĄCYCH PRZEMYSŁEM
W BRAZYLII

SÃO PAULO: 35-9406 — R. 7 de Abril, 342/10
RIO: 22-9624 — Rua México, 111/1601



CONSTRUTORA
IMOBILIÁRIA
ADMINISTRADORA

Companhia Comercial Construtora e de Administração

Avenida São João, 1086 — 4.º Andar — Telefone 36-7186 (rêde Interna) — SÃO PAULO

Nós planejamos, projetamos, incorporamos, construímos,
fiscalizamos, vendemos ou alugamos e, de ponta a ponta, tôdas
as operações recebem a mais completa assistência de um Depar-
tamento Jurídico altamente especializado.

100

criação

Tricot-Lã

sweater
original



um produto

TRICOT-LÃ S.A.

INDÚSTRIA DE MALHAS